

Francielle Moreira Cassol

**O processo de patrimonialização e a turistificação da Romaria de  
Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças de Santa  
Maria/RS (2003-2012)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade de Passo Fundo como requisito parcial e final para obtenção do grau de mestre em História sob a orientação da Profa. Dra. Gizele Zanotto.

Passo Fundo

2014

Para Francis, Martinho e Noemia (*in memoriam*).

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a toda a minha família pelo apoio e pela compreensão durante o período da escrita deste trabalho, mas principalmente e em especial para o Martinho, por todo o incentivo e por sempre acreditar em meu potencial enquanto pesquisadora e professora.

Agradeço o apoio e a ajuda de todos os professores e colegas que fizeram parte da minha vida pessoal e acadêmica durante a graduação e o mestrado, salientando meu obrigada especial à professora Flávia por oportunizar-me a pesquisa e por muitas outras coisas que só ela sabe; aos professores Álvaro A. Klafke, Ironita A. P. Machado e João Carlos Tedesco pelas ótimas colaborações à pesquisa; a Marta Rosa Borin pelo aceite em participar da qualificação deste trabalho; e, principalmente, a minha orientadora e amiga, professora Gizele Zanotto, pelas profícuas discussões, pelo companheirismo e por sempre acreditar em mim. Do mesmo modo sou grata ao Programa de Pós Graduação em História – UPF, a Jenifer Brum (secretária do Programa) e aos funcionários do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria.

Por fim, agradeço também a CAPES pelo auxílio financeiro, pois sem este não seria possível a complementaridade de minha formação, bem como meu crescimento profissional.

Como eu não sei rezar, só queria mostrar,

Meu olhar, Meu olhar, Meu olhar ...

(Romaria, de Renato Teixeira)

## RESUMO

A devoção a *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças* teve início na Bélgica, na década de 1920, com o cardeal Desidério José Mercier, um dos pioneiros da teoria da mediação, na qual Maria é venerada como mediadora das graças divinas. No Brasil, a crença na Mãe Medianeira expandiu-se a partir de sua devoção no interior do Estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente a partir da cidade de Santa Maria. Hoje, a Romaria em homenagem a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, que é a padroeira do Estado, acontece no segundo domingo de novembro e mobiliza mais de 250 mil pessoas por ano. O presente texto tem entre suas finalidades dissertar sistematicamente sobre a história da Romaria, refletir sobre sua patrimonialização, bem como analisar, em especial, as relações de poder que transformam um evento religioso em uma “mercadoria” para o turismo local. Esta investigação se insere no campo da História Cultural e da Memória Social, sendo esta uma pesquisa na área de História e participante da Linha de Pesquisa Cultura e Patrimônio. Nesse contexto, objetiva, ainda, discorrer e refletir sobre os processos de construção da identidade social de um grupo de pessoas a partir da devoção das romarias a *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*, ora defendida como Patrimônio Imaterial. Nesse contexto, a metodologia empregada constituiu-se de pesquisa bibliográfica e, principalmente, de investigação em fontes primárias locais, destacando-se os jornais *A Razão* (1934) e *Diário de Santa Maria* (2002), em um recorte temporal que se inicia antes do surgimento da devoção, ou seja, fins do século XIX até os dias de hoje, dando um enfoque especial à última década deste século. O referencial teórico abrangeu pesquisadores locais não acadêmicos como Isaias, Belmonte, Paixão, Weinzemenn e acadêmicos como Biasoli, Boreli, Borin, Bourdieu, Chartier, Geertz, Pohl e Segalen.

Palavras-chave: Romaria; Patrimônio Imaterial; Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças; turismo; Santa Maria/RS.

## ABSTRACT

Devotion to Our Lady Mediatrix of All Graces began in Belgium in the 1920s, with Cardinal José Desiderio Mercier, one of the pioneers of the theory of mediation, in which Mary is venerated as Mediatrix of Divine grace. In Brazil, the belief in 'Mother Mediatrix' expanded from his devotion in the state of Rio Grande of the South, more specifically from the city of Santa Maria. Today, the festival in honor of Our Lady Mediatrix of All Graces takes place on the second Sunday of November and attracts more than 250,000 people per year, and it still the patron state. This text has among its purpose systematically expound on the history of the Pilgrimage, reflect on the patrimony of the Pilgrimage, as well as analyzing in particular the power relations that transform a religious event in a "merchandise" for local tourism. This research falls within the field of Cultural History and Social Memory, and research in the area of History and participant Line Culture and Heritage Research. In this context, it still aims to discuss and reflect on the processes of construction of social identity of a group of people from the pilgrimages of devotion to Our Lady Mediatrix of All Graces, sometimes advocated as Intangible Heritage. In this context, the methodology consisted of literature review, but mainly in research local primary sources, especially newspapers Reason (1934) and Diary of St. Maria (2002), in a time frame that begins before emergence of devotion, ie, in the late nineteenth century to the present day, with special focus on the last decade of this century. The theoretical framework covered nonacademic local researchers such as Isaiah, Belmonte, Passion, and academics as Weinzemenn Biasoli, Boreli, Borin, Bourdieu, Chartier, Geertz, Pohl and Segalen.

Keywords: Pilgrimage; Intangible Heritage; Our Lady Mediatrix of All Graces; tourism; Santa Maria / RS.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |     |
|--|-----|
| <b>Figura 1: Localização de Santa Maria</b> .....  | 19  |
| <b>Figura 2: Reprodução do santinho de Nossa Senhora Medianeira (santinho belga)</b> .....     | 35  |
| <b>Figura 3: Nossa Senhora Mediadora de Todas as Graças</b> .....                              | 36  |
| <b>Figura 4: Brasão de Armas do Município de Santa Maria/RS</b> .....                          | 64  |
| <b>Figura 5: Romaria de 1969</b> .....   | 65  |
| <b>Figura 6: Convite para a Romaria</b> .....  | 67  |
| <b>Figura 7: Fotografia da ala oeste da Basílica da Medianeira</b> .....                       | 68  |
| <b>Figura 8: Basílica da Medianeira</b> .....  | 70  |
| <b>Figura 9: Vitrais da Basílica representando Medianeira</b> .....                            | 71  |
| <b>Figura 10: Fiéis participantes da Romaria</b> .....   | 79  |
| <b>Figura 11: Doceiras da Romaria da Medianeira</b> .....                                      | 81  |
| <b>Figura 12: Comércio sagrado de doces</b> .....  | 91  |
| <b>Figura 13: Doceiras da Medianeira</b> .....   | 92  |
| <b>Figura 14: Secretaria da Basílica</b> .....   | 92  |
| <b>Figura 15: Charge</b> .....   | 95  |
| <b>Figura 16: Pais e filhos pagando promessas</b> .....  | 96  |
| <b>Figura 17: Fotografia das fachadas enfeitadas em homenagem à Medianeira</b> .....           | 100 |
| <b>Figura 18: Ala oeste da Basílica</b> .....  | 100 |
| <b>Figura 19: Sátira sobre a arrecadação de donativos para construção da Basílica</b> .....    | 101 |
| <b>Figura 20: Estrutura da Basílica</b> .....  | 102 |
| <b>Figura 21: Estrutura do Altar-monumento</b> .....   | 102 |
| <b>Figura 22: Matéria sobre a construção do Altar-monumento</b> .....                          | 103 |
| <b>Figura 23: Comerciantes ambulantes na Romaria da Medianeira</b> .....                       | 105 |
| <b>Figura 24: Comércio profano de lembranças religiosas</b> .....                              | 105 |
| <b>Figura 25: Matéria sobre empresas que têm Medianeira em seus nomes</b> .....                | 107 |
| <b>Figura 26: Convite do bispo e das empresas locais para a Romaria</b> .....                  | 108 |
| <b>Figura 27: Capa do jornal destacando a economia em torno da Romaria da Medianeira</b> ..... | 111 |
| <b>Figura 28: Comércio de objetos religiosos</b> .....   | 116 |
| <b>Figura 29: Devotos à Medianeira</b> .....   | 118 |
| <b>Figura 30: Os Jovens da Medianeira</b> .....  | 118 |

## SUMÁRIO

|   |                               |
|---|-------------------------------|
| INTRODUÇÃO .....  | 9                             |
| <b>1 A ROMARIA DE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA DE TODAS AS GRAÇAS EM SANTA MARIA/RS.....</b>  | <b>19</b>                     |
| 1.1 A Santa Maria de nenhum santo: e a conquista católica da Santa Maria da Boca do Monte   | 22                            |
| 1.2 O triunfo católico passa pela devoção mariana a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças.....  | 32                            |
| 1.3 Esperamos em ti que nos faças, Ó Maria, subir até Deus: inicia as romarias estaduais .....  | 40                            |
| <b>2 A ROMARIA DE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL .....</b>   | <b>45</b>                     |
| 2.1 A trajetória do Patrimônio Histórico no Brasil.....   | 45                            |
| 2.2 “ <i>Como essa nunca tinha visto</i> ”: a progressiva patrimonialização da devoção e da Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Santa Maria/RS ..... | 56                            |
| 2.3 “ <i>Quem faz a romaria é o povo</i> ” – entram em cena os principais detentores do bem .....   | 71                            |
| <b>3 MUTAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL: A MERCADILIZAÇÃO E TURISTIFICAÇÃO DA ROMARIA DA MEDIANEIRA.....</b>   | <b>85</b>                     |
| 3.1 A Romaria como ação coletiva evento turístico – a conquista do fiel, do romeiro, e do turista pelos doces <i>sagrados e profano</i> .....           | 89                            |
| 3.2 O caráter multifuncional e dinâmico do turismo religioso: devotos, turistas e vendedores...   | 96                            |
| 3.3 O “Consumo” do/no evento religioso .....  | 98                            |
| 3.4 Um olhar da Romaria pela Prefeitura: <i>o mapa da fé</i> .....  | 109                           |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>   | <b>123</b>                    |
| <b>REFERÊNCIAS .....</b>  | <b>126</b>                    |
| ANEXO A: Novena de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças .....  | Erro! Indicador não definido. |
| ANEXO B: Tabela – Síntese das romarias estaduais de N.S.M.T.G .....   | 135                           |
| ANEXO C: Folder da Prefeitura sobre as Paróquias a serem visitadas pelos turistas.....  | 137                           |
| ANEXO D: Folder sobre o Roteiro turístico santa-mariense - Arte e& Religiosidade.....   | 14848                         |



## INTRODUÇÃO

Na segunda manhã de domingo do mês de novembro dos últimos oitenta anos, boa parcela da população santa-mariense, assim como romeiros e turistas de outras municipalidades, é encontrada ocupando as ruas por onde passará a Romaria Estadual de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Atualmente as ruas pelas quais passa a imagem da Virgem são fechadas e a multidão se aglomera desde a Catedral (Avenida Rio Branco) até o Santuário-Basílica<sup>1</sup> (Avenida Medianeira). Por todo o trajeto da Romaria são instalados altofalantes para que os romeiros acompanhem as orações e cânticos. Além disso, durante o trajeto pela Avenida Medianeira, os atos de fé, devoção e outros misturam-se às bancas do comércio alimentício e dos objetos diversos vendidos pelos camelôs. A missa na Catedral de Santa Maria/RS inicia por volta das oito horas da manhã e, logo após ocorre a procissão, que culmina na missa campal, realizada na Basílica, cerca de dez horas da manhã.

Em semana de Romaria da Medianeira a cidade “respira” a Romaria, tanto no setor devocional, político, econômico, cultural como também turístico. Por sua vez, os jornais locais diariamente noticiam reportagens sobre o evento religioso, suas mudanças e permanências, a festa católica, os horários das missas durante a semana, as histórias dos fiéis que relatam terem recebido graças e todo o trabalho em torno do evento principal que acontece no domingo.

Nosso intento com a presente pesquisa é analisar a constituição do processo de patrimonialização<sup>2</sup> da *Romaria Estadual de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*, de

---

<sup>1</sup> A parte secreta do templo judaico de Jerusalém; parte da igreja onde está o altar-mor; edifício consagrado às cerimônias de uma religião ou Capela onde são guardadas e veneradas relíquias de vários santos.

<sup>2</sup> Segundo Iphan, o Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, que entre outras medidas institui o instrumento do tombamento, define em seu artigo 1º o conceito de Patrimônio Histórico e Artístico: Constitui o patrimônio histórico e artístico o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico. Passados 51 anos, em que o País sofreu intensas e velozes mudanças, transformando-se de rural em majoritariamente urbano, a Constituição de 1988 relativiza a noção de excepcionalidade, substituída em parte pela de representatividade e reconhece a dimensão imaterial. A denominação Patrimônio Histórico e Artístico é substituída por Patrimônio Cultural. O conceito é assim ampliado de maneira a incluir as contribuições dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Essa mudança incorpora o conceito de referência cultural e significa uma ampliação importante dos bens passíveis de

Santa Maria, através de sua repercussão na imprensa local durante o período que compreende os anos de 2003 a 2012. As questões essenciais deste trabalho referem-se à pesquisa dos bens imateriais, principalmente a manifestação romeira, que vem estimulando mesmo que ainda em pequena escala a reflexão acadêmica, e do progressivo processo de sua turistificação. Entendemos que a patrimonialização consiste no processo por meio do qual os “bens” de um determinado grupo constituem-se em patrimônios culturais para seus produtores e demais partícipes. E, nesse contexto, deve-se deixar claro que os bens patrimonializados são sempre fruto de uma construção, de uma elaboração narrativa, simbólica, política, etc. Além disso, o processo de patrimonialização implica sempre em seleção.

Nesse contexto, registramos que a turistificação da qual apoiamos a ideia de que a presente Romaria esteja passando consiste no processo de implantação, implementação e/ou suplementação da atividade turística em espaços turísticos ou com potencialidade o turismo. A ferramenta para esse trabalho deve se o planejamento estratégico e integrado da atividade turística. Com isso, também buscamos desvelar a importância da Romaria para a cidade pelos seus aspectos históricos, sociais, religiosos, políticos e culturais, além de todo o conjunto ritualístico que a compõe. Nesse sentido, é evidente o cada vez mais intenso uso turístico e comercial do evento assim como de seus símbolos, o que também nos mobiliza para a observação dessa característica. De certa forma, sua permanência e grandiosidade ajudam a atestar a importância do evento e, como derivação, auxiliam a observar sua representação para a história local como herança comum de um passado constituído por ações humanas, por ações dos agentes<sup>3</sup>.

A grandiosidade da festa em questão é atestada tanto pelo número de participantes que aumenta anualmente (chegando a trezentas mil pessoas nos últimos anos), quanto pela continuidade de anos em que ocorre. Tal permanência ganha ainda mais destaque se pensarmos no contexto religioso conflituoso que marcou a história da “cidadela”. A própria bibliografia<sup>4</sup> existente atenta para a grande animosidade entre católicos, luteranos, maçons, entre outros. Os historiadores demonstram um quadro negativo para a atuação da Igreja Católica Apostólica

---

reconhecimento. O artigo 216 da Constituição Federal assim conceitua patrimônio cultural: **Art. 216.** Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=20&sigla=PatrimonioCultural&retorno=paginaIphan>> Acesso em: 20 mar.

<sup>3</sup> Podemos observar situação análoga em Passo Fundo, a partir do estudo de suas romarias. Ver: GUIDOLIN, Camila; WINTER, Murillo; ZANOTTO, Gizele. *Plasticidade Ritual: um estudo de caso das romarias de Passo Fundo*. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Patrimônio, Memória e Poder-reflexões sobre o patrimônio em Passo Fundo (RS)*. Passo Fundo: Méritos, 2011, p.198.

<sup>4</sup> RUBERT (1957, 1977); PROBST (1989); BONFADA (1991); VÉSCIO (2001) e BIASOLI (2004, 2010).

Romana (ICAR) até início do século XX, com sérios conflitos que tiveram seu clímax entre as décadas de 1870 e 1890<sup>5</sup>. Nesse sentido, Borin (2011), em um estudo particular da Romaria, identifica Santa Maria como uma “cidade descrente”<sup>6</sup>.

Por meio de uma análise macro, pode-se destacar a respeito da história da Igreja no Rio Grande do Sul as pesquisas de Artur César Isaia (1998), Eliane Colussi (1998) e Fábio Kuhn (1998). No contexto regional ainda se destaca a atuação de Dom João Becker, no Arcebispado do Estado, atuando em prol da reversão do quadro negativo da Igreja no Rio Grande do Sul. Por sua vez, a situação regional da Igreja Católica no Estado reflete-se também no campo nacional, como se pode comprovar através do estudo de Augustin Wernet (1987), Hugo Fragoso (1987) e Riolando Azzi (1991, 1977). Esse conjunto de estudos analisa uma instituição: a Igreja, que precisou se “reconstruir” interna e externamente, modificando sua relação com a sociedade e com o Estado.

Entre as estratégias de “recatolização” empreendidas no estado, vemos com destaque o empreendimento e/ou controle de manifestações públicas de fé, como as romarias<sup>7</sup>. Em Santa Maria não foi diferente, como destaca Biasoli – utilizado aqui como base para nossa compreensão da ICAR em Santa Maria:

As romarias em homenagem a Nossa Senhora Medianeira, iniciadas em 1930 com o patrocínio do clero diocesano santa-mariense, foram o resultado final de um longo processo, iniciado com um novo governo paroquial estabelecido em Santa Maria, a partir de 1896. A partir dessa data, a direção da paróquia coube aos padres da Pia Sociedade das Missões, chegados dez anos antes ao Brasil, os quais iniciaram um intenso combate, e mudaram as condições da religião e da Igreja locais<sup>8</sup>.

A proposta que defendemos nessa dissertação é inovadora em sua perspectiva e abordagem. Embora existam trabalhos acerca da devoção e festa, nossa compreensão busca analisar elementos ainda pouco empreendidos nas demais pesquisas sobre a Romaria. Nesse sentido, apresentamos na sequência um balanço do “estado da arte” acerca da temática e também considerações sobre os usos desses materiais neste trabalho. Sobre o culto à Medianeira, existem na cidade ao menos três obras classificadas como não acadêmicas que nos servem de referência/fonte, a saber: *Povo Gaúcho, eis aí tua Mãe!*, *Nossa Senhora Medianeira*

<sup>5</sup> A Pia Sociedade das Missões governou a paróquia local entre os anos de 1896 a 1937. Nos vinte primeiros anos desse governo até o final da década de 1910, foi o período dos principais conflitos. Todavia, antes de 1920, já era possível perceber às primeiras mudanças no contexto local, em relação à Igreja católica.

<sup>6</sup> BORIN, Marta Rosa. A devoção popular em benefício do político (anos de 1930). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: Anpuh, jul., 2011.

<sup>7</sup> Ver mais em Biasoli (2010), Boreli (2007) e Borin (2010b).

<sup>8</sup> BIASOLI, Vitor O. F. *O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria* (1870/1920). Santa Maria: UFSM, 2010, p.14.

*de Todas as Graças e A Romaria da Medianeira e a Eucaristia*. O livro: *Nossa Senhora Medianeira de todas as Graças* foi escrito por Jacob Ireno Weizenmann<sup>9</sup>, que alega ter sido motivado a escrevê-lo principalmente pela fé. Segundo o autor, o trabalho originou-se de duas palestras que proferiu sobre Nossa Senhora Medianeira e que posteriormente foram agrupadas nesta obra. Talvez por isso grande parte do livro apresente somente resumos e transcrições de textos de teólogos, papas e santos. Não obstante, constam entre os objetivos da obra, “provar que a mãe de Deus é realmente a Medianeira de todas as graças, bem como expor de forma sucinta a doutrina de tão bela devoção”<sup>10</sup>. Essa publicação poderá ter contribuição significativa à escrita da dissertação, por apresentar dados eclesiásticos e teológicos que auxiliam a melhor compreensão da devoção.

Em *Povo Gaúcho, eis aí tua Mãe!* o Padre Sérgio Belmonte<sup>11</sup> nos traz uma brevíssima história do Santuário-Basílica da Medianeira. O autor apresenta também registros da devoção a Nossa Senhora Medianeira, a Padroeira de Santa Maria e do Estado do Rio Grande do Sul, por meio de uma interpretação de cunho religioso. Sendo assim, pode-se inferir que seu livro é um registro interno do evento, tendo em vista a ligação do autor com a Igreja Católica. Mesmo que a publicação seja bastante sucinta (cerca de 100 páginas) e carente de maiores reflexões ou aprofundamento em seus capítulos, torna-se relevante na medida em que apresenta informações (como orações e hinos a Nossa Senhora), dados acerca de pontos a serem visitados na Basílica e também cantos relacionados à Medianeira.

No livro *A Romaria da Medianeira e a Eucaristia: um estudo teológico-pastoral*, de autoria do presbítero diocesano Enio José Rigo<sup>12</sup>, é descrito o que, para ele, enquanto membro da ICAR, constitui o sentido e as razões de ser de uma romaria e das peregrinações desde os tempos de Abraão. O autor enfoca também uma “história real e emocionante” da devoção mariana, em Santa Maria. Além disso, o livro retrata aqueles que seriam os protagonistas do festejo, a saber, Cardeal Desidério José Mecier, o fráter Ignácio Rafael Valle, a irmã Angelita Stefanni, entre outros servos da Igreja, ou seja, os membros eclesiásticos. Cabe ressaltar que trabalhos como este funcionam como fontes de motivação para que, no presente, se elabore uma história não somente baseada em lideranças ou instituições, mas também baseada nas pessoas que, para além dessas, fazem a história e vivem a devoção.

---

<sup>9</sup> WEIZENMANN, Jacob Ireno. *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*. Porto Alegre: Proletra, 2005.

<sup>10</sup> Idem, p. 06.

<sup>11</sup> BELMONTE, Sérgio. *Povo Gaúcho, eis aqui tua Mãe!* Santa Maria: Gráfica Pallotti, 1999.

<sup>12</sup> RIGO, José. *A Romaria da Medianeira e a Eucaristia: um estudo teológico pastoral*. Santa Maria: Biblos, 2006.

No contexto acadêmico também encontramos obras que, de alguma forma, investigaram a Romaria da Medianeira. No trabalho de Viviane Borelli<sup>13</sup>, *Da Festa ao cerimonial midiático: as estratégias de midiatização da Teleromaria da Medianeira pela Rede Vida*, encontramos outra abordagem da Romaria da Medianeira. A autora desenvolve a problemática da midiatização contemporânea dos campos sociais. Segundo Borelli, a “reflexão de sua pesquisa centra-se nas relações entre mídia e religião, a partir de um estudo específico sobre a recepção de um acontecimento religioso singular, a Romaria de Nossa Senhora Medianeira, que é transmitida ao vivo, anualmente para todo o Brasil, pela sua emissora Católica Rede Vida de televisão desde 1996”<sup>14</sup>. A pesquisa é relevante para a presente análise na medida em que, além da abordagem singular, a autora nos apresenta um capítulo em que versa sobre as fontes da imprensa local e que convergem com nosso recorte temporal<sup>15</sup>.

Nos trabalhos de Marta Rosa Borin – *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da república*<sup>16</sup>; *Fabricando Identidade: estratégias e representações no campo religioso*<sup>17</sup> – entre outros, a autora busca reconhecer os procedimentos e estratégias que levaram a afirmação do catolicismo no Rio Grande do Sul e em Santa Maria no primeiro quartel do século passado, por meio da pesquisa em fontes de periódicos, documentos e outros materiais. Para isso, a autora destaca três iniciativas da Igreja santa-mariense que foram utilizadas na construção da identidade católica do Estado, a saber: a comemoração de “falso” centenário, a alteração de uma insígnia pública municipal e a propagação da devoção mariana, ideias apoiadas inúmeras vezes no decorrer da dissertação.

Em sua pesquisa, Borin mostra-nos uma Santa Maria plural, em termos de religiosidade, no início de século XX, bem como uma Igreja Católica em busca de afirmação enquanto instituição privilegiada com relação às demais<sup>18</sup>. Quanto à comemoração do “falso” centenário a autora afirma que “os agentes sociais do clero, ao manipular uma data comemorativa em favor da Igreja estavam tentando legitimar a preponderância católica na cidade perante seus

---

<sup>13</sup> BORELLI, Viviane. *Da Festa ao cerimonial midiático: as estratégias de midiatização da Teleromaria da Medianeira pela Rede Vida*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

<sup>14</sup> Idem, p. 16.

<sup>15</sup> Ver mais sobre imprensa e Romaria em Borelli (2007).

<sup>16</sup> BORIN, Marta Rosa. *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da república*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em Estudos Históricos Latino Americano. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010b.

<sup>17</sup> BORIN, Marta Rosa. *Fabricando Identidades: estratégias e representações no campo religioso*. In: X Encontro Estadual de história. O Brasil no sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional: 2010, Santa Maria. *Anais Eletrônicos X Encontro Estadual de história*. O Brasil no sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional. Santa Maria: UFSM/UNIFRA, 2010a. v. 1. p. 1-13.

<sup>18</sup> Com o advento da República a Igreja Católica perdeu seus privilégios, visto que a Nova Ordem Constitucional Brasileira previa a liberdade de culto, contexto em que a Igreja foi vista como retrógrada.

concorrentes. Essa comemoração, por outro lado, contribuiu também para a construção da memória coletiva da cidade”<sup>19</sup>. Entretanto, essas estratégias de afirmação da Igreja se deram em um contexto que era permeado por adversários/concorrentes, tais como os maçons e os mtas, luteranos que criticavam e ridicularizavam os dogmas da Igreja, a veneração às imagens e as procissões.

Sobretudo, Borin contribui a essa pesquisa ao analisar a construção e a afirmação da identidade católica, por meio da propagação da devoção a *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*, que foi difundida a partir de 1928 pelo então seminarista jesuíta Inácio Rafael Valle. Através da fé e da manipulação por meio de novenas e romarias, a Igreja encontrou os elementos para legitimar a religião na cidade de Santa Maria. Pouco depois essa devoção se expandiu para o contexto estadual, visto que Medianeira se tornou já em 1943 a Padroeira do Estado do Rio Grande do Sul. Sobre a Romaria, Borin afirma: “a devoção a Medianeira possibilitou a Santa Maria o mérito de dar o maior presente cristão ao Estado: uma padroeira. E isso significava que, com este capital simbólico, Santa Maria tornava-se um centro de peregrinação de católicos”<sup>20</sup>. Ainda sobre a questão da conquista de hegemonia e legitimidade no campo religioso, a autora pontua:

essas posições nos mostram que, se o campo das crenças não é uma estrutura morta, mas um espaço de jogo, nele se definiam as disposições dos agentes sociais, em fazer predominar seus interesses e cada qual reage nesse processo com o aparato que lhe confere mais reconhecimento<sup>21</sup>.

A manifestação religiosa representada pela devoção a Nossa Senhora Medianeira e pela romaria em sua honra remetem a diferentes atores sociais e contextos socioculturais em que ela se produz. Os significados desse ritual estão perpetuados nas lembranças dos que dela participam ou participaram, nos objetos que a partir dela surgiram ou tomaram novos significados, nos espaços que dela fazem ou fizeram parte, entre outros. Portanto, acreditamos que por sua contribuição, especificidade e originalidade no cotidiano dos devotos, bem como pelo reduzido número de pesquisas no cenário regional que tenham abordado esse evento religioso, que esse estudo é relevante na medida em que propiciará uma análise sociocultural da devoção que conquistou o Estado do Rio Grande do Sul. E, da mesma forma, por abranger elementos da cultura devocional cristã que permeiam o cotidiano de inúmeros fiéis e matizam, como decorrência, suas ações de adoração religiosa, além de muitos dos outros

<sup>19</sup> BORIN, Marta Rosa. *Fabricando Identidades: estratégias e representações no campo religioso*, 2010a., p. 06.

<sup>20</sup> BORIN, Marta Rosa. *Por um Brasil católico*, 2010b, p. 08.

<sup>21</sup> Idem, p. 09.

empreendimentos cotidianos, marcados pelas concepções de mundo e de como agir sobre o mundo decorrentes da crença na santidade e na intermediação mariana.

Fundamentado no cotidiano das comunidades e vinculado aos seus territórios e as suas condições de existência, o patrimônio imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado e apropriado por indivíduos e grupos sociais como importantes elementos formadores de sua identidade. Contudo, destacamos, parte desse patrimônio e dos elementos que compõem a própria romaria que são transmitidos de geração em geração se transformam/atualizam/modificam, num processo dinâmico e adequado ao contexto vivenciando em cada momento histórico. Segundo Borin, podemos analisar a história desses momentos históricos, subdividindo-os em, ao menos, três diferentes períodos, a saber, um primeiro momento que ocorre entre os anos 1930 e 1960, período ao qual o catolicismo se fixa, bem como, é o momento em que ocorre uma espécie de reconquista católica do espaço do sagrado, assim como dos fieis; um segundo momento entre os anos de 1960 e 1980, recorte temporal em que a relação entre a Igreja e os devotos possui novos contornos e agentes, além disso, o próprio perfil das Romarias modifica-se passando pelo processo de patrimonialização por meio dos patrimônios edificados; e um terceiro momento iniciado na década de 1990 até os dias atuais, período que também passa por mutações nas relações entre a Igreja, os agentes e a Romaria e que avaliaremos mais nesse trabalho. De todo modo, considerar tal dinamicidade (importante em nosso recorte de pesquisa) não diminui a consideração de que a Romaria, em seu momento de criação, ou seja, no início da década de 1930, foi importante para a formação de grande parcela da identidade santa-mariense.

Para Candau, “memória e identidade são indissociáveis, se reforçando mutuamente desde a sua emergência até sua inevitável dissolução.”<sup>22</sup> Além disso, o número de romeiros que a cada ano participa do evento, sua periodicidade e permanência, a tradição passada entre gerações de família, a modificação da cidade durante a semana de romaria e as experiências de vida derivadas da participação no ritual demonstram o quão importante esta foi e continua sendo para a cidade de Santa Maria bem como para as pessoas que dela participam, tratando-se atualmente de uma das maiores expressões do Patrimônio Cultural Imaterial do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

---

<sup>22</sup> CANDAU, Joel. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011, p. 19.

Defendemos que “é na dinâmica da identidade que se constitui o patrimônio, são as pessoas, a paisagem, o espaço quem irá definir o que é o patrimônio local”<sup>23</sup>. Assim, torna-se necessário explicitar o entendimento de que o *Patrimônio Cultural Imaterial* consiste nas criações culturais de caráter dinâmico e processual, fundadas na tradição e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social; ora, nesse contexto, entende-se tradição no sentido de ‘dizer através dos tempos’, significando práticas produtivas, rituais e simbólicas que são constantemente reiteradas, transformadas e atualizadas, mantendo-se para o grupo em questão um vínculo do presente com o passado<sup>24</sup>.

Segundo Del Priori<sup>25</sup>, a romaria pode sintetizar os sentimentos das pessoas. Com isso, a metodologia para o estudo de fenômenos que têm como objeto a festa deve ser refletida para que a cultura de uma comunidade possa ser investigada objetivamente, sem inferências do pesquisador. Sendo assim, o estudo da festa – Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, nesse caso – pode proporcionar a descoberta do porquê e o que ainda se festeja. Para Geertz<sup>26</sup>, é necessário fazer a análise teórica da ação simbólica da religiosidade para que se possa enfrentar aspectos da vida social e psicológica. Segundo o autor, um dos problemas encontrados na metodologia do estudo de fenômenos religiosos é manter um olhar neutro com relação ao caráter laico e devocional de um determinado grupo<sup>27</sup>. Decorre dessa compreensão a assertiva de que o historiador deve buscar um olhar neutro, sensível e crítico da história, sempre problematizando os dados obtidos durante a pesquisa, as ações e as significações legadas pelos agentes aos seus atos devocionais.

Segundo Farinha<sup>28</sup>, cada prática de religiosidade tem sua significação própria, sentido esse que pode “fugir” do controle institucional e do significado teológico. Esta referência é fundamental para o entendimento da dinâmica das práticas culturais imateriais religiosas. As manifestações religiosas são produtos que possuem origens variadas, algumas vezes institucionalizadas, mas sempre vivas (!) e tornadas significativas na prática das pessoas que dela participam.

---

<sup>23</sup> MONTENEGRO, Monica. *¿Lugares sagrados o sitios arqueológicos? Reapropiación de paisajes culturales como patrimonio local, a partir de propuestas de arqueología pública en el Noroeste Argentino*. UFPEL: Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, maio de 2012.

<sup>24</sup> IPHAN. *Resolução nº 001*, de 03 de agosto de 2006.

<sup>25</sup> DEL PRIORE, Mary Lucy. *Festas e Utopias no Brasil Colonial*. São Paulo: Brasiliense, 2000, p. 10.

<sup>26</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1989, p. 142.

<sup>27</sup> Idem, p. 103.

<sup>28</sup> FARINHA, Alessandra Buriol. *Senhora das Águas: Memória da antiga Procissão de Navegantes do porto de Pelotas – RS*. PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural. (Dissertação de Mestrado). Pelotas: UFPEL, 2012, p. 19.



A romaria em homenagem a Nossa Senhora Medianeira é muito mais do que um ato religioso; é uma celebração esperada, vivida e comemorada por diferentes atores com as mais diferentes motivações. A presente proposta de pesquisa fundamenta-se na premissa de que, nos dias atuais, os fenômenos religiosos tomam maior proporção e novas problematizações e, assim, há uma motivação por parte dos historiadores contemporâneos de reaprendê-los, reordená-los e repensá-los dentro de novos referenciais teóricos e metodológicos.

Analisar os deslocamentos do fenômeno religioso de seu *habitat* primordial, ou seja, o espaço primeiro onde o fenômeno nasceu e se desenvolveu, para outros lugares e tempo através das práticas tecidas pelos campos sociais e culturais, as representações e a patrimonialização do evento a partir da imprensa serão nosso foco. Também buscamos reconhecer as identidades dos grupos sociais participantes da Romaria como agentes na construção e transformação do ambiente sociocultural e patrimonial do município. Visamos investigar a argumentação teórica acerca dos conceitos como representação, memória, cultura, patrimônio e Patrimônio Cultural Imaterial e sua inter-relação com o festejo da Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, avaliando a importância da segunda como formadora da identidade dos romeiros. Para isso, a presente dissertação encontra-se dividida em três capítulos, a saber, a *Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*, a *Romaria de Nossa Senhora Medianeira como Patrimônio Cultural Imaterial* e a *Turistificação da Romaria da Medianeira*.

Assim, o primeiro capítulo, intitulado *Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*, busca fazer uma explanação sobre a cidade em questão, o contexto anterior ao início das romarias, bem como sobre os primeiros 70 anos de romarias estaduais. No início de 1896, a paróquia de Santa Maria foi concedida para administração da Pia Sociedade das Missões (P.S.M.), chegada há poucos anos no Estado. A sociedade Palotina foi criada na Itália, mas, ao chegar ao Brasil, logo um núcleo se instalou na região de Vale Vêneto, visto que este local abrigava imigrantes italianos. A partir da região de criação, os Palotinos espalharam-se pela Quarta Colônia e para a Santa Maria. A concessão da paróquia de Santa Maria à P.S.M. justifica-se pela proximidade e sua organização, tornando-se forte aliada do bispo do Rio Grande do Sul no processo de reforma da Igreja. Neste capítulo analisamos as forças de embate no campo religioso local e a progressiva consolidação da hegemonia católica na cidade.

No segundo capítulo, intitulado *Romaria de Nossa Senhora Medianeira como Patrimônio Cultural Imaterial*, vamos refletir sobre conceitos e temas basilares para a análise da presente dissertação. Entre os conceitos-chave para sua compreensão sobressaem-se o de Cultura, Patrimônio, Patrimônio Cultural Imaterial e identidade. Nesse capítulo apresentaremos algumas questões acerca da preservação do patrimônio nacional, buscando destacar as

transformações ocorridas nos principais momentos da história do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), atual Instituto (IPHAN). Além disso, o presente capítulo objetiva dar os primeiros indícios de que a Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças constitui-se atualmente em um dos maiores patrimônios imateriais religiosos do interior do Estado. Na segunda seção, demonstraremos por meio de uma espécie de dossiê, nos moldes do Iphan, que a Romaria em questão é atualmente um dos patrimônios imateriais religiosos de maior expressão do Rio Grande do Sul.

O terceiro e último capítulo, *A Turistificação da Romaria da Medianeira*, trata das recentes mutações do evento e a consequente ultrapassagem do campo religioso para o campo do turismo<sup>29</sup>. Para isso, apresenta um recorte temporal que compreende os anos de 2003 a 2012, e, através da seleção de notícias dos jornais locais *A Razão* e *Diário de Santa Maria*, comprova a presente tese de migração e ampliação do campo simbólico<sup>30</sup>. Não obstante, o presente trabalho também utilizou-se principalmente da consulta dos acervos da Casa de Memória Edimundo Cardoso, do Arquivo Histórico Municipal de Santa Maria, do Arquivo São Vicente Pallotti, bem como do arquivo católico localizado ao lado da Catedral municipal. O presente capítulo visa dissertar sobre a Romaria enquanto Patrimônio Imaterial, bem como sobre a mercantilização de elementos da mesma através de seu “uso” pelo turismo.

---

<sup>29</sup> Segundo a definição do Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), o turismo é uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações (compra e venda de produtos e serviços turísticos) efetuadas entre os agentes econômicos do turismo. É gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por qualquer motivo, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local de visita. Já o turismo cultural, este se caracteriza por compreender as atividades turísticas relacionadas a vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura. EMBRATUR. Empresa Brasileira de Turismo. Disponível em: <[www.embratur.gov.br](http://www.embratur.gov.br)>.

<sup>30</sup> Sobre os conceitos de campo e simbólico ver mais em Pierre Bourdieu. Para o referido autor o conceito de campo têm suas próprias regras, princípios e hierarquias. São definidos a partir dos conflitos e das tensões no que diz respeito à sua própria delimitação e construídos por redes de relações ou de oposições entre os atores sociais que são seus membros. BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 60.

## 1 A ROMARIA DE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA DE TODAS AS GRAÇAS EM SANTA MARIA/RS

O presente capítulo objetiva dissertar sobre o contexto local santa-mariense anterior ao surgimento da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, bem como sobre a criação da romaria em sua homenagem nos anos trinta e seu desenvolvimento posterior. Para isso, encontra-se dividido em três seções: *A santa Maria de nenhum santo: a conquista católica de Santa Maria da Boca do Monte*; *O triunfo católico passa pela devoção mariana a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*; e *Esperamos em ti que nos faças, Ó Maria, subir até Deus: que venham as romarias estaduais*.

O município de Santa Maria é conhecido como cidade coração do Rio Grande do Sul, pois se localiza na região central, entre os rios Ibicuí e Jacuí, que repartem o estado transversalmente. Atualmente, limita-se com os municípios de Júlio de Castilhos, São Sepé, São Gabriel, Cacequi, São Pedro do Sul, Restinga Seca, Faxinal do Soturno e São Martinho da Serra.

**Figura 1: Localização de Santa Maria**



**Fonte:** ABREU, Raphael Lorenzeto de. Santa Maria. *Wikipedia*. Disponível em <[http://commons.wikimedia.org/wiki/File:RioGrandedoSul\\_Municip\\_SantaMaria.svg](http://commons.wikimedia.org/wiki/File:RioGrandedoSul_Municip_SantaMaria.svg)>

A população de Santa Maria é hoje de aproximadamente 266 mil habitantes fixos e mais uma população flutuante de cerca de 30 mil estudantes e militares que chegam ao município, atraídos pelos quartéis e universidades existentes na cidade. Santa Maria “originou-se” de um acampamento localizado na área central do Estado<sup>31</sup>, com o intuito de demarcar os limites entre os antigos colonizadores – Portugal e Espanha –, mas é certo que antes disso tenha sido povoada por Guaranis<sup>32</sup>. No início do século XIX, chegam à cidade famílias açorianas e portuguesas vindas dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e de outras cidades do Rio Grande do Sul. Estes migrantes e outros imigrantes integram-se a estas terras, destacando-se em atividades como o comércio, a carreira militar e a política.

No ano de 1828, a cidade recebeu o 28º Batalhão de Estrangeiros, composto por alemães que vieram reforçar as tropas santa-marienses. Esta imigração germânica marcou em aumento considerável a população, a introdução de novos elementos culturais e outras atividades econômicas. Em meados de 1834, Santa Maria era o mercado comercial dos arredores compreendidos entre Cachoeira, Caçapava, Alegrete e São Borja, ou seja, era o mercado da região central do sul do país<sup>33</sup>. Os imigrantes portugueses e seus descendentes tinham suas atividades praticamente restritas à criação de gado, à agricultura e ao pequeno comércio. Os descendentes germânicos contribuíram com um significativo desenvolvimento de técnicas e especializações no setor industrial. Já os italianos contribuíram sobretudo com a agricultura.

Conseqüentemente, com a aceleração do crescimento da população<sup>34</sup> santa-mariense e, principalmente, com o crescimento de toda a região sul do Brasil, o governo central concluiu

---

<sup>31</sup> Desde que se estabeleceu o acampamento da demarcação dos limites no atual território da cidade de Santa Maria, em terrenos da estância do padre Ambrósio José de Freitas, em 1797, foi construído também um Oratório para o pessoal da segunda subdivisão. O capelão era o padre Eusébio de Magalhães Rangel e Silva. Em 1810, o Oratório foi substituído por capela pública e, em 27 de julho de 1812, por Curato de Santa Maria da Boca do Monte. Este foi instituído canonicamente pelo visitador padre Agostinho José Mendes, devido à significativa população e às doações de terras para o patrimônio da Igreja. O primeiro cura foi o padre de origem portuguesa, Antônio José Lopes, que chegou a localidade em 1814. Ver mais em Borin (2010b). RUBERT. Pe. Arlindo. *História da Igreja no Rio Grande do Sul – época Colonial* (1822). Vol. I, Coleção Teologia – 13. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998a., p. 123.

<sup>32</sup> Estamos cientes de que a sociedade santa-mariense atual é o resultado da história da diversidade de inúmeros agentes sociais, dentre eles indígenas, escravos, imigrantes e caboclos, todavia, dados sobre a ocupação Tupi-Guarani existente nas terras que hoje formam o município são praticamente inexistentes.

<sup>33</sup> MARCHIORI, José Newton Cardoso; NOAL Filho, Valter. (Org.). *Santa Maria: relatos e impressões de viagens*. Santa Maria: UFSM, 1997, p. 36.

<sup>34</sup> Segundo Borin (2010b, p. 23), a população municipal de Santa Maria, em 1887 conta com 11 mil habitantes, dos quais 4 mil são moradores do 3º distrito Rincão de São Pedro, hoje cidade de São Pedro do Sul. Antes da chegada da ferrovia (1885), havia apenas 3.224 pessoas.

que era necessária a construção da estrada de ferro atendendo as necessidades de fazendeiros e que essa viesse a contribuir com o escoamento rápido dos produtos oriundos da produção, tais como milho, feijão, trigo, aveia, cevada, fumo e vinho. A partir da construção da Viação Férrea, o município de Santa Maria desenvolveu-se e modernizou-se, tendo seu ápice na primeira metade do século XX.

Quanto às questões religiosas, é provável que os costumes dos imigrantes alemães tenham retraído as ações da Igreja Católica, que, no período, ainda não se encontravam bem estabelecidas na região. Segundo Flores<sup>35</sup>, a fé católica ainda não era tão bem sedimentada, pois bem antes da edificação de uma Catedral católica (início do século XX), os alemães já haviam erguido a primeira Igreja Evangélica de Santa Maria (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB), em 1873.

Em contrapartida, a imigração italiana (1877) instalou-se à medida que os grupos foram chegando nos arredores de Santa Maria, na área denominada de colônia “Silveira Martins”<sup>36</sup>, local que popularmente era chamado, pelos imigrantes, de *Cittá Nuova*. O progresso da localidade determinou sua transformação em distrito de Santa Maria em 1886. Além disso, a chegada e a instalação dos imigrantes italianos representou para a região central uma retomada do catolicismo, tendo em vista que a maioria dessa população seguia as normas e ideais cristãos<sup>37</sup>. Sobre a vinda intensa e contínua dos imigrantes, afirma Isaia:

Não terminou aí a corrida de estrangeiros a Santa Maria, nem o mosaico de culturas e etnias em que se vinha caldeando a sociedade local. Antes, durante e depois da I Guerra Mundial (1914-1918), grupos isolados de espanhóis, poloneses, gregos, húngaros, russos, suecos, ingleses e até algumas famílias do Uruguai e da Argentina, acabaram por adotar a cidade de Santa Maria. A causa óbvia: “a Cidade Ferroviária”, como passou a ser conhecida (...) em todo o Brasil, era ponto obrigatório de parada ou de passagem dos trens que cortavam os quatro cantos do rio Grande<sup>38</sup>.

<sup>35</sup> FLÔRES, João Rodolpho Amaral. *O Pragmatismo político dos ferroviários Sul Rio Grandenses* – com foco na cidade de Santa Maria. Santa Maria: UFSM, 2009, p. 21.

<sup>36</sup> Em 1877, o governo fundou no centro da Província, perto de Santa Maria, a Colônia Silveira Martins. Segundo Rubert (1998, p.286), em 1878 começaram a chegar os imigrantes italianos. Ocuparam toda a região e aumentaram rapidamente.

<sup>37</sup> Entretanto, segundo Flores (2010, p. 23) a necessidade de se dinamizar o progresso Santa-mariense fez com que as autoridades da época trouxessem imigrantes sírios, libaneses e judeus.

<sup>38</sup> ISAIA, Artur Cesar. *Os 80 anos do Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo* (1903-1983). Santa Maria: Gráfica e Editora Pozzati, 1985, p. 81-83.

### 1.1 A Santa Maria de nenhum santo: e a conquista católica da Santa Maria da Boca do Monte<sup>39</sup>

A cidade de Santa Maria é conhecida regionalmente, pois tem sido o cenário da romaria dedicada a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, evento que ocorre anualmente desde 1930. Todavia, para explicar esse fenômeno, torna-se necessário que se disserte sobre como a Igreja Católica tornou-se hegemônica nesse local, a ponto de hoje abrigar uma das maiores romarias católicas do Estado do Rio Grande do Sul.

No início do século XIX, cerca de cinquenta famílias guaranis, vindas da região dos Sete Povos, estabeleceram-se na região. Belém<sup>40</sup> acreditava que essas famílias já eram “todas obedientes” à religião católica. Em 1804, o povoado conquistou a condição de Oratório<sup>41</sup> e, dez anos mais tarde, a de Capela Curada<sup>42</sup>, com um contingente que contava com mil pessoas. Nesse período a Capela de Santa Maria dependia da Paróquia de Cachoeira, que recebia todo o valor arrecadado com as confissões. Durante a Revolução Farroupilha, no ano de 1837 a localidade passou à Freguesia de Santa Maria da Boca do Monte e a capela passou a ser a Igreja Matriz. No mesmo ano, por falta de padre que oferecesse os sacramentos, a igreja acabou fechada. Essa situação só se modificou no ano de 1844, com a chegada do padre Mathias Carneiro de Sá. Seguiram-se a ele os padres Antônio Leite e posteriormente, Antônio Gomes Coelho do Vale, a partir de 1858. Antes disso, em 1857, a Freguesia havia sido elevada à Vila.

Desde o ano de 1828 os alemães estabeleceram-se na região central, dedicando-se, a partir daí, principalmente ao comércio. Entretanto, somente em 1873, os protestantes inauguraram sua capela. Por sua vez, a torre do sino da capela só foi inaugurada no ano de 1887, todavia, sem poder ser tocado, visto que na época eram proibidas manifestações públicas de outras religiões que não a católica. Nesse sentido, Rubert entende que:

O ambiente religioso de Santa Maria de então não era muito animador. A indiferença de muitos católicos, a vinda de elementos germânicos protestantes, o trabalho das lojas [maçônicas], as perturbações políticas da época são fatores de certa desagregação [...]. Mesmo assim se notava algum progresso. [...] [No dia da instalação de elevação a Vila à categoria de município] 17 de maio de 1858, [...] o padre Antônio Gomes Coelho do Vale [...] cantou o *Te-Deum* de ação de graças. Parece que manteve boas relações com os próceres do novel município<sup>43</sup>.

<sup>39</sup> Ver mais em BIASOLI (2010)

<sup>40</sup> BELÉM, João. *História do município de Santa Maria – 1793-1933*. 3. ed. Santa Maria: UFSM, 2000, p.60-61.

<sup>41</sup> Sinônimo de pequena capela domiciliar ou o local de uma casa destinado a preces.

<sup>42</sup> Capela Curada ou Curato era um título oficial dado pela Igreja Católica a uma vila com determinada importância econômica e populacional.

<sup>43</sup> RUBERT, Arlindo. Notas da História eclesiástica de Santa Maria (1794-1837). *Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria*, ano 2, 1963, p. 24.

Para Probst<sup>44</sup>, a vida paroquial santa-mariense só começou a melhorar a partir da chegada do vigário Marcelino Bittencourt, em fins de 1866, que governou a paróquia até 1887, estabilizando a religiosidade católica local. Todavia, segue a narrativa do religioso:

[...] um dos menos maus vigários foi Bittencourt, que muito zelava pelo esplendor do culto, mas, tendo-se metido em política [era membro do Partido Liberal], tornou-se inimigo a uma parte da população, foi desacatado e agredido, escapando milagrosamente da morte. O Cônego Marcelino administrou-a desde 1866 a 1887, sendo neste ano removido como Cura para a catedral de Porto Alegre. A ele são devidas as alfaias da Matriz, da Capela do Pinhal, etc. Ao sair desta cidade deixou em construção a capela que atualmente serve de Matriz e, ameaçando missas, a igreja matriz colocada na praça[...] Saldanha Marinho<sup>45</sup>.

Para Biasoli<sup>46</sup>, “o desacato e a agressão física ao padre Marcelino são considerados por todos que enfocam a Igreja católica local [de Santa Maria], como um episódio significativo do descrédito que a religião vivia”. Isso porque o vigário havia se envolvido com política partidária e era o principal adversário de Martins Hoehr, membro do Partido Conservador que almejava afastar Marcelino da paróquia e de Santa Maria. A situação vivida na cidade não era exclusiva, o descrédito do catolicismo pode ser verificado em todo o Rio Grande do Sul do século XIX<sup>47</sup>.

Por volta de 1884, a situação física da igreja matriz de Santa Maria esteve em pauta na Câmara de Vereadores, pois a construção estava em pé somente por causa de escoras de madeira, o que oferecia perigo à população. O parecer da Câmara foi divulgado em junho e era favorável à demolição da igreja. Todavia, o padre Marcelino não concordou com a decisão e exigiu do poder público e da população “um sacrifício em favor da religião.”<sup>48</sup> A questão durou cerca de três anos e nesse ínterim o padre Marcelino foi substituído pelo padre Aquiles Catalano, em 1887. Com a chegada do novo religioso, a Câmara optou pela conversa e a conciliação entre poder público e Igreja, não mais representada por um membro de um partido; entretanto, a postura adotada pelo padre Catalano continuou sendo de resistência à demolição.

<sup>44</sup> PROBST, Carlos. *História da província da Pia Sociedade das Missões (PSM-Palotinos)*. Londrina: 1989. Texto datilografado, s/p.

<sup>45</sup> LIVRO TOMBO DA CATEDRAL DE SANTA MARIA, n.3 (1889-1914), p. 85. Registro feito em dezembro de 1907.

<sup>46</sup> Conferir mais sobre o tema em BIASOLI, Vitor O. F. *O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)*. Santa Maria: UFSM, 2010, p. 126.

<sup>47</sup> Mais sobre o descrédito católico no RS em: KÜHN, Fábio. O povo sem religião: as representações da historiografia tradicional sul-rio-grandense acerca da religiosidade popular. *Revista de Filosofia e Ciências Humanas*. Passo Fundo: UPF, ano 14, n. 14, 1998, p. 31-50.

<sup>48</sup> BELÉM, João. *História do município de Santa Maria: 1797-1933*. Santa Maria: UFSM, 2000, p.157-158.

Naquela época, Santa Maria tinha uma forte presença de grupos maçônicos<sup>49</sup> e de uma organizada Igreja Luterana, assim como grande parte da população afeita ao Partido Liberal, que se uniram contra a Igreja Católica. Ao mesmo tempo em que se discutia a questão da demolição ou não da igreja em Santa Maria, também se encontrava em pauta o direito de não católicos manifestarem publicamente sua fé, tocando o sino da igreja luterana, por exemplo. Em meio a tensões, em novembro de 1888 o juiz José Gonçalves Chaves decidiu pela demolição da capela católica. A escrita da história de Santa Maria feita pelos padres acusava a população local de serem “inimigos da Igreja”, visto que os maçons dominavam os principais locais e cargos da vila. Para os sacerdotes, a demolição da igreja teve um peso simbólico negativo, tendo em vista que “o sagrado perdera sua casa”<sup>50</sup>.

Nesse contexto, deve-se salientar que a historiografia tradicional sobre a religião católica sempre privilegiou os temas políticos e/ou militares, com forte predileção pela história dos ‘grandes homens’. Além disso, sobre a religiosidade sul-rio-grandense, Spalding entendia que “o sentimento religioso no antigo continente seria péssimo”. Na sua perspectiva, as razões para o estado da religião no sul encontravam-se na falta de instrução religiosa, bem como no mau exemplo que os sacerdotes davam para o povo. Spalding acrescenta que:

[...] Ainda hoje perdura a memória dessa trágica época. Uma de suas grandes vítimas foi a Província do Rio Grande do Sul, onde além do pouco tempo que tinham para cuidar da salvação das almas, pois o seu povo vivia de armas às costas defendendo o Brasil e o pago – Os padres, que para aqui eram remetidos, deixavam, na sua quase totalidade, tudo a desejar. Eram mais negociastas de vida pouco regular, do que sacerdotes<sup>51</sup>.

---

<sup>49</sup> A Santa Maria do século XIX teve como nome da sua primeira Loja maçônica: Boca do Monte, mas é certo que antes disso já houvesse maçons na localidade. Em agosto de 1894 essa primeira Loja passou a denominar-se Paz e Trabalho (que estava associada ao Grande Oriente do Rio Grande do Sul), visto que o primeiro nome não dizia nada sobre os seus princípios, só indicando a sua localização. A Loja Luz e Fraternidade surgiu em julho de 1897, e também fazia parte do GORGS. A Loja Deus e Humanidade foi fundada em agosto do mesmo ano. Apesar de ser acusados de serem os grandes opositores do catolicismo, os maçons não eram um grupo tão homogêneo quanto se pensa, visto que no final do século XIX, a maçonaria sofria com grandes disputas entre as que pertenciam ao Grande Oriente do Brasil e ao GORGS o que acabou por enfraquecer a maçonaria como um todo. Não obstante, destaca-se que ainda existe pouca pesquisa sobre a maçonaria em Santa Maria, todavia, um dos que mais escreveu sobre o assunto foi o padre Caetano Pagliuca, no livro tombo da paróquia da cidade. Além de Pagliuca, outro autor que tratou da temática foi o falecido professor Luiz Eugênio Vécio, no livro *O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)*. Santa Maria: UFSM, 2001.

<sup>50</sup> BELÉM, João. *História do município de Santa Maria: 1797-1933*. Santa Maria: UFSM, 2000.

<sup>51</sup> SPALDING, Walter. A Igreja no velho continente de São Pedro do Sul. *Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia*. Porto Alegre: Prefeitura municipal de Porto Alegre, 1940, v.3, p. 1433-1439.



Por outro lado, até mesmo o bispo Dom Sebastião Dias Laranjeiras (que governou a Diocese de São Pedro do Rio Grande do Sul entre os anos de 1861 e 1888)<sup>52</sup> demonstrou seu descontentamento sobre a postura do clero rio-grandense declarando que: “Se eu quisesse suspender dos meus 100 padres – serão tantos – todos os indignos, só restariam 10 e destes 10 eu não teria a certeza de que mais algum houvesse de merecer suspensão. Quão desolador ser Bispo em tais condições!”

A inauguração da ferrovia (1885) na Vila de Santa Maria tornou o local um dos mais prósperos do interior do Estado na época. Foi um período de grande efervescência cultural em que os ideais de progresso se ensejavam entre as elites. A religiosidade santa-mariense em sua vasta multiplicidade de manifestações, assim como a ruína da velha matriz, foram indícios desse período de transição no qual o que se encontrava em jogo era o que deveria ou não ser lembrado pela história da cidade que desejava ser moderna. Para Karsburg, “o processo de transformação foi capitaneado por autoridades públicas que pretendiam criar uma imagem de cidade moderna<sup>53</sup>”. Entretanto, tanto o clero local quanto o Bispo de Porto Alegre não aceitavam ver a Igreja sendo retirada da centralidade das decisões sobre a sociedade. Por sua vez, deve-se salientar que a situação conflituosa de Santa Maria agravou-se com a instalação do novo regime, em 1889, pois, com o advento da república, a Igreja Católica e o Estado separaram-se de fato. Sendo assim, o clero e a religião católica foram destituídos de seus tradicionais recursos financeiros e proteção, o que obrigou a Igreja a se reconfigurar, de acordo com o novo período vivido.

Anos depois, segundo a narrativa do padre Caetano, referindo-se à gestão do padre Catalano (1887-1895),<sup>54</sup> destaca-se que “durante a administração do mesmo, coisa alguma foi feita”. A igreja quase não era frequentada; os sacramentos não eram praticados; não havia missas diárias. Também era pública a mancebia do vigário que atrasava as missas em busca de sua concubina. Antes disso, o então Bispo Dom Cláudio Ponce de Leão (1890-1912) visitou a cidade e censurou publicamente os atos do padre Catalano, que logo em seguida foi substituído por Carlos Becker. A gestão do padre Carlos teve curta duração pelo clima hostil que se criou entre ele e a população local. Em consequência, em 13 de novembro, parte dos santa-marienses entregou ao vigário um abaixo assinado pedindo sua transferência. Segundo Biasoli<sup>55</sup>, “devido

---

<sup>52</sup> RABUSKE, Arthur. *Os incícios da colônia italiana no Rio Grande do Sul em escritos de jesuítas alemães*. Caxias do Sul/Porto Alegre: UCS/EST, 1988, p.48.

<sup>53</sup> KARSBURG, Alexandre de Oliveira. O clero católico e a república: uma relação de conflitos (Rio Grande do Sul 1890-1900). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, 2007, p. 01.

<sup>54</sup> LIVRO TOMBO DA CATEDRAL DE SANTA MARIA, n.3 (1889-1914), p. 85.

<sup>55</sup> BIASOLI, Vitor O. F. *O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria* (1870/1920). Santa Maria: UFSM, 2010, p. 133.

à expulsão do padre, Dom Cláudio interditou a paróquia, proibindo qualquer ato religioso no perímetro da cidade, o que durou quatro meses”.

No mês de janeiro de 1897, Dom Cláudio Ponce de Leão novamente viajou a Santa Maria para uma visita pastoral. Segundo o jornal local *O Combatente*<sup>56</sup>, o bispo foi recebido por um “*insignificante número de cidadãos*”. O Bispo ministrou duas missas na capela do Divino Espírito Santo (que serviu de igreja matriz desde antes da demolição da antiga, em 1888). Em uma das missas, consta que o Bispo atacou “*as leis da República e ofendeu as famílias causando a revolta de alguns*”. No mesmo jornal consta:

Toda a população de Santa Maria assistiu ontem à noite, na igreja católica desta cidade, a maneira como calcou os pés à Constituição da República – o sr. Bispo Dom Cláudio – condenando em absoluto o casamento civil. “Não está casado quem não vier receber o sacramento da Igreja”, ousou avançar o jesuíta! Já na noite anterior o roupeta teve o desplante de dizer: “meus filhos, os pais e os maridos que não deixarem suas esposas, suas filhas irem ao confessionário antes fossem enforcados”!<sup>57</sup>

Disso decorreu que, após o término da missa, o Bispo foi vaiado. Entretanto, as críticas não se limitaram a questões amplas, pois o jornal registra que Dom Cláudio também chamou a Igreja local de “chiqueiro”! Rememorando a constante tensão entre as matrizes religiosas locais e o ainda vívido descrédito ao catolicismo, tal situação não deixou de ser ainda mais aguda em meio a um ambiente um tanto hostil em relação à ICAR. A resposta ao ocorrido foi publicada no jornal do dia 17 de janeiro de 1897

Se a Igreja daqui é um chiqueiro, na pitoresca frase do audaz e ignorante jesuíta, não foi este povo, com sacrifício, que o levantou. E para quê para vir um homem, sim um homem como nós, revestido de parâmetros e poderes que não sabe respeitar, e que tem o dever de zelar essas manifestações dos corações crentes, enxovalhar esse mesmo povo. Não.<sup>58</sup>

A notícia dos acontecimentos chegou até mesmo a repercutir na capital. Devido à situação da igreja em Santa Maria, D. Cláudio optou pela transferência do padre local (Pe. Aquiles) para a Vila vizinha de São Martinho da Serra<sup>59</sup>. Com isso o Bispo almejava criar uma

<sup>56</sup> O COMBATENTE Bispo. *O Combatente*. Santa Maria, ano XI, 3 de janeiro de 1897, p.02. Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso.

<sup>57</sup> O COMBATENTE. Bispo Vaiado *O Combatente*. Santa Maria, ano XI, 10 de janeiro de 1897, p.02. Acervo do Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso.

<sup>58</sup> Idem.

<sup>59</sup> No livro de Beltrão (1958) também dedicado a vila de São Martinho da Serra, se tornou município no final do século XIX, e anos depois voltou a ser distrito. Acabou sendo prejudicado por não ver passar perto de seu perímetro urbano os trilhos do trem, decaindo em termos econômicos e perdendo importância política tanto para Santa Maria como para o recém-criado município de Júlio de Castilhos. São Martinho da Serra foi à

forte estrutura institucional na região central, assim como expandir o catolicismo romano (dito reformado ou ultramontano<sup>60</sup>, ritualístico, hierárquico e ordenador) e fazer de Santa Maria uma referência em religiosidade católica. Todavia, deve-se ressaltar que, para isso, seria necessário *a priori* o enfraquecimento da resistência anticatólica e também antiultramontana. Acrescenta-se a esse contexto que a postura do Bispo em interditar as igrejas das cidades que reagiam ao catolicismo reformado pesava contra ele, causando um “círculo vicioso” que ampliava a hostilidade aos avanços do catolicismo reformado<sup>61</sup>.

A tarefa de governar a paróquia santa-mariense foi legada então aos palotinos, mais precisamente para o alemão Pedro Wimmer. Segundo os palotinos, padre Wimmer enfrentou uma organizada maçonaria, muitas vezes sendo ameaçado e atacado sob a forma de três solicitações: que o padre tirasse a batina; que o padre entrasse nas lojas maçônicas da cidade; e que se casasse em cartório. Para Probst, “a resistência ao padre Wimmer estava na elite, que era ela quem compunha a ‘frente liberal’ que se opunha às diretrizes da Igreja”<sup>62</sup>.

Na verdade, a partir da chegada dos palotinos o que se conquista progressivamente em Santa Maria é uma abertura para a ascensão da Igreja Católica. Wimmer viu uma boa oportunidade quando um funcionário do alto escalão o procurou a fim de receber a comunhão. Logo, uniram-se a ele parcela da população de imigrantes santa-marienses vinda da Alemanha e da Itália. Juntamente com alguns brasileiros, parte desse grupo fundou a primeira Associação Paroquial da cidade. Nesse contexto, deve-se esclarecer que também havia em Santa Maria “uma elite que buscava a reforma religiosa, enxergando no padre Carlos Becker, e depois nos palotinos, personagens importantes que auxiliariam no progresso da cidade<sup>63</sup>”. Biasoli apoia essa ideia, ao destacar que “os palotinos ofereceram um norte religioso para uma sociedade que estava em processo de desenvolvimento por causa do crescimento socioeconômico”<sup>64</sup>.

---

“resistência” do padre Aquiles por alguns anos, até o bispo novamente o mudou de lugar, encerrando sua vida em Cruz Alta, tendo falecido em 1903.

<sup>60</sup> A partir da segunda metade do século XIX, a Igreja Católica passou por uma fase de reforma orientada pelo ideário ultramontano, que foi consolidado a partir do Concílio Vaticano I (1869-1870). Essa reforma implicou na clericalização da Igreja, na estrutura hierárquica, tendo a figura do Papa como a suprema autoridade.

<sup>61</sup> A interdição de igrejas era a saída encontrada pelo bispo para punir a população que reagia ao ultramontanismo. Não só Santa Maria teve a sua igreja interditada, como Cachoeira do Sul, em 1898; Dona Francisca, na região da ex-Colônia Silveira Martins (duas vezes nos anos de 1986 e 1906); além de outras na Serra gaúcha. Mais no trabalho de Maíra Inês Vendrame (2007).

<sup>62</sup> BIASOLI, Vitor. *O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)*. Santa Maria: UFSM, 2010.

<sup>63</sup> KARSBURG, Alexandre de Oliveira. O clero católico e a república: uma relação de conflitos (Rio Grande do Sul 1890-1900). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, 2007, p. 05.

<sup>64</sup> BIASOLI, Vitor O. F. *O Catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte (Rio Grande do Sul - 1870/1920)*. 2005. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

Após estabelecida a “primeira vitória” da Igreja Católica contra as demais, com a cooptação de parte da elite local, inclusive de maçons, para o catolicismo, padre Wimmer foi substituído pelo padre Caetano Pagliuca, em 1900, que foi ordenado em 1897. Para Beltrão<sup>65</sup>, “o Pe. Wimmer era um alemão, extremamente bondoso e habilidoso, que conseguiu contornar a desagradável situação criada com a interdição da paróquia pelo Bispo D. Cláudio”. O religioso chegou a superior dos palotinos e morreu na Alemanha, em maio de 1928. Para o Bispo em exercício, Dom Cláudio, a explicação da substituição de padre Wimmer encontrava-se no fato de que ele era “o homem da derrubada, mas, não o do plantio”<sup>66</sup>, ou seja, a ação do Pe. Wimmer estava realizada, era hora de outra liderança para empreender ações de consolidação do catolicismo na cidade.

Para Biasoli<sup>67</sup>, o quadro de resistência à Igreja Católica, reproduzido por toda a historiografia, contém certo exagero, visto que foi retratada como uma epopeia (quase Cruzada). No entanto, isso ocorreu com uma justificativa para a ação dos palotinos e para o grande esforço empenhado na reconfiguração da Igreja Católica brasileira. Até o final do século XIX, a frequência dos católicos na igreja em Santa Maria era quase inexistente. Na busca pela inversão deste quadro, os palotinos tiveram de atuar em vários segmentos, tais como comunhão, casamento, encomendação dos defuntos, nas áreas de educação<sup>68</sup> e na saúde<sup>69</sup>. Nos campos da saúde e da educação a Igreja continuou envolvida em conflitos, visto que essas áreas já eram comandadas por grupos de anglicanos, metodistas e, logo em seguida, também pelos espíritas. Em abril de 1902 esboça-se mais um ato de superação do quadro de depreciação da ação católica com a formação da Comissão Construtora da nova matriz católica, constituída por: Antero Corrêa de Barros, presidente; Pe. Caetano Pagliuca, vice; Aníbal di Prímio, tesoureiro; Amadeu Weinmann, depois Pedro Weinmann, secretário; Dr. Gustavo Wauthier, consultor técnico; Dr. Augusto Álvares da Cunha, depois Antônio Alves Ramos, Augusto José

<sup>65</sup> BELTRÃO, Romeu. *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho 1787-1930*. Santa Maria: UFSM, 3. ed., 2010, p. 500.

<sup>66</sup> BIASOLI, Vitor O. F. *O Catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte*, 2005, p. 17.

<sup>67</sup> BIASOLI, Vitor O. F. A Igreja Católica e Santa Maria: de Capela militar à criação da Diocese (1797-1910). In: WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (Org.). *Nova história de Santa Maria: contribuições recentes*. Santa Maria: [s.n.], 2010, p. 139.

<sup>68</sup> Para Borin, os vereadores da cidade, já no ano de 1885, haviam externado ao Presidente da Província, Gaspar Silveira Martins, suas preocupações em relação à educação em Santa Maria, alegando a insuficiência de professores para as aulas públicas e a necessidade da criação de novas escolas na cidade. BORIN, Marta. *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da república*. 2010. Tese (Doutorado em História)-Programa de Pós-graduação em Estudos Históricos Latino Americano. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010b, p. 19.

<sup>69</sup> Na criação do hospital em julho de 1898, com o surgimento de uma associação dirigida pelo médico que deu nome ao mesmo, Dr. Astrogildo de Azevedo. Mais sobre a história do HCAA encontra-se no livro – Os 80 anos do Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo (1903-1983). Santa Maria: Gráfica e Editora Pozzati, 1983.

de Seixas e Daniel Fernandes, diretores. Em 8 de dezembro, às 10 horas, foi lançada a pedra fundamental da futura matriz e atual catedral católica; o vigário Pe. Caetano fez um discurso e após uma bênção ritual.

Em 1903, Pagliuca registrou que Santa Maria tinha uma população de aproximadamente 25 mil pessoas, das quais cerca de 5 mil pessoas eram não católicas – o que evidencia que a maioria numérica já estava afeita ao catolicismo, situação ainda mais relevante considerando-se as tensões e os conflitos das décadas anteriores. Além disso, para o padre, o número de batizados, casamentos e extrema-unções aumentava consideravelmente. No mesmo ano, iniciavam-se os preparativos para o centenário da cidade, que na época tomavam como marco a data da criação da capela Curada de Nossa Senhora da Conceição, 1814, quando a cidade desmembrou-se de Cachoeira<sup>70</sup>. Mais tarde, essa comemoração do centenário foi considerada como o “*falso centenário*”, visto que os cem anos da cidade aconteceram em outra data.

Segundo Pagliuca, “o espírito religioso se consolidou de tal forma que não há mais condições de acontecer uma manifestação anticlerical.”<sup>71</sup> A construção da igreja matriz, que se estendeu entre os anos de 1902 a 1909 e não foi interrompido nenhuma vez por ausência de finanças, contando com a colaboração de boa parcela da população local, é o maior símbolo da consolidação do catolicismo da cidade (até então). Em prol dessa consolidação católica, padre Pagliuca conquistou o auxílio de parte da elite santa-mariense fazendo a cada passo da construção da igreja as devidas solenidades e festejos.

Para Azzi, “a atividade pastoral do episcopado nessa época estava marcada pelo esforço em substituir o tradicional catolicismo luso-brasileiro, marcadamente devocional, pelo romanizado, com ênfase no aspecto doutrinal e sacramental.”<sup>72</sup> No intuito de angariar fundos, Pagliuca realizou inúmeras festas religiosas, tais como a de Nossa Senhora da Conceição e a do Espírito Santo, bem como organizou a apresentação de peças teatrais e até mesmo criou uma irmandade (com controle do vigário), cujos sócios contribuía com cerca de \$1000 por mês pela edificação do templo católico.

Em 03 de dezembro de 1909<sup>73</sup>, a nova matriz de Santa Maria ficou pronta e foi inaugurada, com a visita do bispo Dom Cláudio, que veio de trem da capital. Romeiros de

<sup>70</sup> Nota-se que segundo a historiografia local, a data da fundação do Acampamento de Santa Maria não foi considerada devido à falta de fontes escritas exatas. Todavia, sabe-se hoje que iniciou-se por volta de 1789.

<sup>71</sup> LIVRO TOMBO DA CATEDRAL DE SANTA MARIA, n.3 (1889-1914), p. 87.

<sup>72</sup> AZZI, Riolando. Presença da Igreja na sociedade Brasileira e formação das dioceses no período republicano. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clárcia (Org.). *Faces do catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008, p. 39.

<sup>73</sup> Em 5 de dezembro de 1909, ficou pronta a matriz e atual catedral católica santa-mariense. Na data amanheceu chovendo, todavia, isso não impediu a presença de grande público e de caravanas de Porto Alegre, Santa Cruz, Cachoeira, Rio Grande, Rio Pardo, Bagé e Uruguaiana. A cerimônia começou às 8h e terminou às 11h, sendo o sagrante o Bispo D. Cláudio. Após o Pe. Caetano celebrou a primeira missa em intenção dos benfeitores da obra,

diversas paróquias vieram para prestigiar a inauguração da matriz. Os diretores da ferrovia concederam descontos de 50% dos valores das passagens de trens para que os romeiros viessem a Santa Maria. E, por sua parte, os oradores da Igreja não esqueceram de mencionar os nomes e os valores que as várias famílias haviam destinado à construção da matriz durante os discursos da inauguração. Segundo Biasoli,

Erguer uma igreja era erigir um símbolo da Igreja romana, ter o nome das famílias influentes nos bancos, nos vitrais e nas paredes era enraizar-se na sociedade e crescer em prestígio e influência. O conjunto desses signos materiais e simbólicos indicava a hegemonia católica no campo sagrado e a derrota dos adversários da “frente liberal” (basicamente maçons) e também dos “protestantes” (todos adeptos de outras religiões)<sup>74</sup>.

Para Karsburg, “a construção de uma catedral de grandes proporções, que mobilizou a supremacia do catolicismo ultramontano na cidade, e a criação do bispado em 1910, são as maiores provas do sucesso da aliança entre os palotinos e parte da elite (local)<sup>75</sup>.” Assim, entende-se que, por meio da construção da igreja matriz e, sobretudo, da inserção da Igreja Católica nos campos sociais através da educação e do hospital, ela pôde disseminar o “espírito católico”, bem como conquistar um lugar hegemônico frente à população. Nesse contexto, os palotinos continuaram seguindo a missão de aumentar a população católica da cidade. Em 1910, quando Roma aprovou a divisão do Rio Grande do Sul em três novos bispados – Uruguaiana, Pelotas e Santa Maria –, a cidade teve condições de receber o novo representante do catolicismo, sem posicionamentos ofensivos por parte da população. Em 06 de fevereiro de 1911, é nomeado o primeiro Bispo de Santa Maria, Dom Miguel de Lima Valverde (1911-1921) natural de Santo Amaro, Bahia<sup>76</sup>. Todavia, somente em 07 de janeiro do ano

---

tanto os vivos quanto os defuntos. Grandes festejos populares completam o programa do dia. A primeira planta foi do engenheiro João Grünewald, da qual só foram aproveitados os alicerces, custando 150 contos de réis. Destaca-se que na virada de 1909 para 1910, existiam 1.611 prédios na cidade, que rendiam de impostos 48 contos, 376 mil e 100 réis. BELTRÃO, Romeu. *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho 1787-1930*. 3. ed. Santa Maria: UFSM, 2010, p. 543.

<sup>74</sup> BIASOLI, Vitor O. F. *O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)*. Santa Maria: UFSM, 2010, p.145.

<sup>75</sup> KARSBURG, Alexandre de Oliveira. O clero católico e a república: uma relação de conflitos (Rio Grande do Sul 1890-1900). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, 2007, p. 06.

<sup>76</sup> Nasceu a 29/09/1872, filho de Antônio Severino e Ermelina de Lima Valverde. O mesmo foi ordenado em 30/03/1895, sendo professor no Seminário Menor de Salvador, capelão do Asilo Conde Pereira Marinho, cônego e Vigário Geral da Arquidiocese. Também foi sagrado em Salvador a 29/10/1911, depois de nomeado a 06/02/1911, em tomou posse em 07/01/1912. Governou a diocese até 28/05/1922, quando foi promovido a arcebispo de Olinda e Recife, onde faleceu em 07/05/1951.

subsequente<sup>77</sup> foi instalada a Diocese e dada a posse ao Bispo D. Miguel, por D. Cláudio José Ponde de Leão, agora Arcebispo de Porto Alegre<sup>78</sup>.

No dia 24 de maio de 1914 foi comemorado o “falso centenário”<sup>79</sup> da cidade, que segundo outras interpretações havia sido fundada em 1797, conforme provas exaustivas colhidas pelos historiadores não acadêmicos, João Belém e Romeu Beltrão. De todo modo, naquele ano foi instalada uma placa que ficou na fachada da Catedral Diocesana e foram publicados uma revista e um álbum comemorativos ao referido centenário. A revista teve por título *Centenário de Santa Maria -1814-1914*, e foi impressa em um bom papel, ricamente ilustrada, com impressão da livraria *O Globo* e uma tiragem de 2000 exemplares<sup>80</sup>.

Em 26 de maio de 1922, deixou a diocese o primeiro bispo D. Miguel Valverde, que foi transferido para Olinda/Recife. Valverde, nos últimos meses de sua gestão, teve problemas com alguns padres. Em um retrato seu Valverde deixou registrado: “Sacudo o pé dos meus sapatos. Cá não manda ninguém”<sup>81</sup>. Em maio de 1923 tomou posse o segundo bispo católico, D. Ático Euzébio da Rocha, que geriu a vida católica até 08 de abril de 1929. Antes disso, em 06 de abril de 1929, o bispo D. Ático nomeou como governador da Diocese o Monsenhor Luís Scortegagna, retirando-se do cenário local. Scortegagna também foi eleito em 11 de junho do mesmo ano como vigário capitular da Diocese, ficando neste cargo até 03 de janeiro de 1932, quando tomou posse o terceiro bispo de Santa Maria, D. Antônio Reis (1931-1960).

No contexto mais amplo, a luta católica para retomar o prestígio do tempo do império ainda era um desafio. Com esse objetivo, encontrava-se um aliado na figura do Arcebispo de Porto Alegre, D. João Becker (1912-1946). Sintonizado com o projeto ultramontano, Becker apoiava a restauração da preponderância da Igreja sobre o Estado e a sociedade. Dessa maneira, preparou a Reação Católica de 1922, orientado por D. Sebastião Leme, do Rio de Janeiro. Dentro desse contexto geral, Santa Maria já era uma “cidade católica”, visto o processo de recristianização pelo qual passara a população no início do século XX. A conquista católica de Santa Maria passou pelos desentendimentos com outras matrizes religiosas, acatólicos e lideranças locais, bem como pela inserção do catolicismo em ações extraeclesiais (educação,

<sup>77</sup> 31 de dezembro de 1912 é inaugurada a Casa Pastoral Evangélica Alemã, na Praça da República. A antiga pastoral da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana abriga hoje outras funções. Fica ao lado da Igreja, na Rua Barão do Triunfo, em frentes a antiga Praça da república, rebatizada em 1963, de Praça Ten. Pedro Menna Barreto, popularmente chamada de “Praça dos Bombeiros”.

<sup>78</sup> BELTRÃO, Romeu. *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho 1787-1930*. Santa Maria: UFSM, 3. ed., 2010, p. 555.

<sup>79</sup> Ver mais em Borin (2010b).

<sup>80</sup> BELTRÃO, Romeu. *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho 1787-1930*. Santa Maria: UFSM, 3. ed., 2010, p. 571-572. Sobre o tema ver mais em Biasoli, Boreli e Borin.

<sup>81</sup> BELÉM, João. *História do município de Santa Maria – 1793-1933*. 3. ed. Santa Maria: UFSM, 2000, p. 606. Mais sobre o tema pode ser encontrado em Biasoli, Boreli e Borin.

saúde), e sua conseqüente conquista do município teve como marco principal a construção da Igreja Matriz, local que futuramente abrigou a Catedral cidadina. Poucos anos depois, já como Diocese, a Igreja católica legitimou ainda mais seu poder ante a população por meio da promoção do culto a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças e a receptividade pelos fiéis locais e de toda a região.

## 1.2 O triunfo católico passa pela devoção mariana a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças

No final dos anos 1920, chegou à cidade um novo clérigo que trouxe para Santa Maria a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, tratava-se do Ignácio Valle<sup>82</sup>. Foi Valle o primeiro entusiasta do culto mariano e é em sua história de vida que a historiografia católica costuma encontrar os motivos para o início da devoção na cidade. Nascido em Nova Trento/SC, Padre Valle foi um líder religioso preocupado com as minorias, segundo as crônicas biográficas, e um devoto de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Não obstante, Padre Valle<sup>83</sup> também se dedicou à causa operária, trazendo anualmente a Santa Maria um grande grupo de devotos dos Círculos Operários do Rio Grande do Sul<sup>84</sup> para participar da Romaria da Medianeira. Em seus livros, Padre Ignácio deixou explícito: “tomei a resolução de vida de dedicar-me totalmente à devoção e à doutrina da Mediação Universal de Maria Santíssima”<sup>85</sup>.

Ignácio Valle nasceu em 22 de setembro de 1902. Valle era o segundo filho de um total de oito crianças do casal Luiz e Maria Luiza Valle. A cidade de Nova Trento do início do século XX era guiada pela religiosidade e pela obra de Amabile Lucia Visintainer (1865-1942),

<sup>82</sup> O sobrenome do padre Ignácio ora aparece escrito com um ‘L’ só, ora com dois.

<sup>83</sup> Deve-se ressaltar que boa parcela da bibliografia existente sobre o período e as pessoas envolvidas com o início da devoção a Medianeira em Santa Maria tratam-se em grande parte de biografias e similares. Por isso salienta-se que na escrita de uma biografia é basilar a compreensão de que a memória, uma de suas fontes principais, é essencialmente dinâmica. Além disso, a memória é acima de tudo presentista, visto que as perguntas e as fontes são selecionadas no presente e por alguém que vive de acordo com o seu tempo. Por sua vez, as biografias parecem ter a mística de serem totalizantes, pois, na maioria das vezes, pretende narrar a vida de uma pessoa, ou seja, um todo; entretanto, defende-se, aqui, que elas são apenas seleções, opções, fragmentos do vivido de alguém.

<sup>84</sup> O Movimento dos Círculos Operários foi criado pelo Padre Leopoldo Brentano, SJ, em 1932, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Reuniram-se Círculos Operários em diversas cidades, constituindo-se Federações Estaduais e uma Confederação Nacional. Resumidamente, pode-se entender que ele visava atender à Doutrina Social da Igreja Católica para combater o comunismo. Obteve uma grande expressão em todo o Brasil, inclusive influenciando as conquistas dos trabalhadores no governo de Getúlio Vargas, mas teve problemas após 1964. PAIXÃO, Dinara Xavier da. *Pe. Ignácio Valle e a devoção à Nossa Senhora Medianeira*. Santa Maria: Pallotti, 2003, p.108.

<sup>85</sup> VALE, Padre Ignácio. *Cinquentenário do Santuário da Mãe Medianeira de Todas as Graças: 1930-1980*. Santa Maria: s/Ed, 1980.



atualmente Santa Paulina, canonizada pelo Papa João Paulo II em 19 de maio de 2000. Na comunidade de Ignácio os esforços de grande parcela da população giravam em torno da religião. Anualmente, no mês de maio, rezava-se o terço diário e a imagem de Nossa Senhora era colocada ao alcance dos devotos para que depositassem suas solicitações. Os pedidos colocados pelo jovem Ignácio aos pés da imagem de Nossa Senhora eram, segundo os registros, para que ele fosse padre. Conforme Paixão<sup>86</sup>, “um dia, um sacerdote jesuíta, vindo do Rio Grande do Sul, ao ler os pedidos, demonstrou interesse em conhecer o menino, que na época era coroinha. Conversou com ele, com seus pais e ficou de encaminhá-lo ao seminário”.

Em 1916, Ignácio foi levado até Tijucas/SC por seu pai e de lá seguiu para São José/SC, na grande Florianópolis. Logo partiu de navio para o Rio Grande do Sul, onde foi conduzido a um internato, lugar em que permaneceu até o início de 1921. Na década de 1920, tanto o clero rio-grandense quanto o clero catarinense era formado no Seminário Central de São Leopoldo/RS, o único existente no estado. Segundo consta, durante os anos em que esteve no seminário, Ignácio passou por vários períodos de doença. O relato do próprio Padre confirma essa informação:

Ano e meio depois de meu noviciado<sup>87</sup>, na Companhia de Jesus, a minha saúde estava um tanto abalada. Tinha receio de que minhas forças não suportassem o peso sério dos estudos. Mas queria chegar ao santo sacerdócio, pois era a minha meta desde menino. Ao ouvir falar da nova festa de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, fiz em sua honra, do melhor modo possível, uma fervorosa novena, para o 31 de maio, em que se celebrava a nova festa da Medianeira. A novena me agradou tanto que, ao terminá-la, tomei a resolução de vida de dedicar-me totalmente à devoção e à doutrina da Mediação Universal de Maria Santíssima, com o objetivo de ajudar a conseguir a Definição Dogmática<sup>88</sup>.

A festa em honra a Nossa Senhora Medianeira fora instituída no ano do ingresso de Ignácio no seminário. Todavia, a solenidade mariana em honra a Nossa Senhora (31 de maio) só foi oficializada pelo Papa Bento XV, no início de 1931.

Entre 1924 e 1927, Valle cursou estudos clássicos e de filosofia no Colégio Anchieta de Nova Friburgo/RJ e, em 1928, foi enviado a Santa Maria para fazer seu estágio como professor

<sup>86</sup> PAIXÃO, op. cit., 2003, p 18.

<sup>87</sup> Período do Noviciado – Dois anos de experiência de âmbito espiritual e religioso, em que a pessoa toma contato com o modo de ser e perceber do jesuíta. São retiros e orações onde se bebe na fonte do carisma da ordem, ou seja, do jeito próprio de ser de cada congregação. Os jesuítas, por exemplo, baseiam-se muito nos exercícios espirituais de Santo Ignácio de Loyola. KUHN, Fábio. O povo sem religião: as representações da historiografia tradicional sul-rio-grandense acerca da religiosidade popular. *Revista de Filosofia e Ciências Humanas*. Passo Fundo: UPF, ano 14, n. 14, 1998.

<sup>88</sup> VALE, Padre Ignácio. *Cinquentenário do Santuário da Mãe Medianeira de Todas as Graças: 1930-1980*. Santa Maria: s/Ed, 1980.

e prefeito dos alunos do Seminário São José (fundado em 1926), onde permaneceu até 1931. Posteriormente, Pe. Ignácio ordenou-se sacerdote (6 de novembro de 1934) na capela do Seminário diante da imagem de Nossa Senhora Medianeira. Segundo informativo, a vida apostólica do padre ocorreu basicamente assim:

Emitiu os últimos votos, como Coadjutor Espiritual, a 15 de agosto de 1937. Sua vida apostólica desenvolveu-se totalmente em Porto Alegre/RS (1937-1982), ou melhor, a partir de Porto Alegre, como Assistente Eclesiástico dos Círculos Operários, promotor da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças e fundador de diversas obras sociais.<sup>89</sup>

Como prefeito e professor do Seminário São José, Ignácio Valle influenciou os seminaristas bem como seus superiores para a devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Todavia, a Diocese de Santa Maria ainda não possuía a prerrogativa de realizar a festa à Medianeira. Em razão dessa difusão mariana na diocese, Valle recebeu a autorização de seus superiores para redigir uma carta ao Vaticano solicitando a concessão da Festa em homenagem à Medianeira. Articulado a isso, destacamos que a própria Igreja Católica no período de transição para a República almejava implantar novas formas de expressão da fé, mais condizentes com o ultramontanismo como vetor de sua “reconquista”. A concessão para que se realizasse a Romaria da Medianeira foi recebida em novembro de 1929 pelo Papa Pio XI; a partir daí, foi encaminhada a todas as Dioceses e Seminários do Brasil uma cópia da ladainha de Nossa Senhora Medianeira. A tradução da ladainha foi responsabilidade do seminarista Francisco Hoffmeister. Na sequência, era preciso compor um hino para Medianeira. O Hino Oficial da Medianeira (a seguir) foi escrito por Dom Francisco de Aquino Corrêa e musicado pelo Padre Jorge Zanchi, sob o título “Mãe de Deus, Virgem Mãe, pura e bela”.

#### **Hino da Medianeira**

*Mãe de Deus, Virgem-Mãe pura e bela,  
Toda cheia de graça e de luz!  
És nosso íris em meio à procela,  
Tu que enlaças nossa alma a Jesus.*

*Estrilho: Medianeira de Todas as Graças,  
Que na terra derramem os céus,  
/: Esperamos em ti que nos faças,  
Ó Maria, subir até Deus:!*

*Sobre as noites fatais da nossa alma,*

<sup>89</sup> DIOCESE DE SANTA MARIA. *Boletim Informativo*, 1980, s/p.

*Com a lua no céu tu sorris;  
Refletindo essa luz doce e calma  
Com que Deus chama a si o infeliz*

*Esperança de quem desespera,  
Mãe de quem agoniza na cruz.  
Tu consolas a morte mais fera,  
Pois és tu que nos mostras Jesus.*

*Tu és vida, doçura e esperança,  
És a porta e a chave do céu.  
Quem por ti vai a Deus tudo alcança,  
Pois Deus mesmo esta glória te deu<sup>90</sup>.*

Fez-se necessário também adotar uma imagem para divulgação e adoração. O quadro da imagem de Nossa Senhora Medianeira utilizado em Santa Maria foi pintado por Ida Stefani<sup>91</sup>, em 1930, a partir de um santinho em preto e branco vindo da Bélgica, que lhe serviu de modelo.

**Figura 2: Reprodução do santinho de Nossa Senhora Medianeira (santinho belga)**



<sup>90</sup> WEIZENMANN, Jacob Ireneo. *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*. Porto Alegre: Proletra, 2005.

<sup>91</sup> Ida Stefani pintou o quadro da Medianeira em 1930, aos 19 anos de idade. Posteriormente, Ida seguiu a vida religiosa sob o nome de irmã Angelita e atuou quase 30 anos no Colégio Santíssima Trindade em Cruz Alta/RS. Segundo Paixão, “Ida Stefani era irmã do seminarista Roberto. Junto a seus estudos (equivalentes hoje ao ensino médio) havia feito um pequeno curso de pintura (duas vezes por semana). Recusou-se diversas vezes a pintar o quadro. Considerava-o muito difícil e trabalhoso, pois era preciso primeiro ampliá-lo para depois pintá-lo. A insistência, no entanto, foi muito grande e ela acabou aceitando. Pintou em sua casa, na cidade de Passo Fundo. A 24 de maio de 1930, Ignácio Valle recebeu o quadro na Estação Ferroviária de Santa Maria, levando-o para que o senhor José Isaia colocasse a moldura”. PAIXÃO, Dinara Xavier da. *Pe. Ignácio Valle e a Devoção à Nossa Sra. Medianeira*. Santa Maria: Pallotti, 2003, p. 33.

Fonte: Acervo pessoal da autora.

**Figura 3: Nossa Senhora Mediadora de Todas as Graças**



Fonte: Ave Luz.

Com a concessão para o festejo e a produção dos símbolos da virgem (hino e imagem), a 1ª Festa em honra a Nossa Senhora Medianeira foi realizada em 31 de maio de 1930, com uma missa solene e a apresentação da imagem produzida por Ida Stefani. Sobre a imagem, Zózimo Santos esclarece que:

A iconografia de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, enfatizando a ideia de mediação universal, consta de três partes distintas: a *Santíssima Trindade*, em sua representação mais tradicional; *Maria*, de corpo inteiro, ladeada por raios que, partindo da Santíssima Trindade, passam pela cabeça e estende-se pelos braços e mãos, e o *Globo Terrestre*, encima do ladeado pelo sol (à esquerda) e pela lua (à direita), simbolizando assim; no conjunto, a disposição de Maria Santíssima na condição de Medianeira. O quadro pintado tem, em destaque, a inscrição: a vontade de Deus é que recebamos tudo por Maria e ainda na auréola – *Mediatrix Omnium Gratiarum*, ou seja Medianeira de Todas as Graças.<sup>92</sup>

Na década de 1930<sup>93</sup>, a sociedade viveu a incerteza de uma revolução iminente. Em 03 de outubro iniciava o movimento que derrubou o presidente Washington Luís<sup>94</sup> e levou ao poder Getúlio Vargas<sup>95</sup>. A população do Rio Grande do Sul preparava-se para a denominada revolução que fora instalada às 17 horas do referido dia. A cidade de Santa Maria “amanheceu em expectativa”. Após a consolidação dos revolucionários como vencedores na cidade, não sem momentos de apreensão e tensão durante aquele dia, narra Beltrão: “a cidade conta

<sup>92</sup> SANTOS, Zózimo Lopes dos. *Três jubileus católicos em Santa Maria*. Imprensa Universitária, 1985, p.33.

<sup>93</sup> O Brasil atravessava horas difíceis. Pairava no ar um clima de intranquilidade política, prenunciando a Revolução que estouraria de 3 a 24 de outubro de 1930. Revolução de âmbito nacional, iniciada no Rio Grande do Sul. Na primeira sexta-feira de setembro, um grupo de 23 senhoras se ajoelha diante da Medianeira, na capela do seminário, pedindo sua proteção contra os efeitos da Revolução prestes a se desencadear. Era a primeira sexta-feira do mês, dedicada à devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Aquele grupo de senhoras reza, faz sua comunhão reparadora, confia em cristo na mãe de Deus. Um mês depois, na primeira sexta-feira de outubro (03/10/1930), irrompe a Revolução em Porto Alegre. Em Santa Maria, o Quartel da Brigada Militar (1º Regimento de Polícia Rural Montada, da Força Estadual) toma conta da cidade. Os dois quartéis do exército (5º RAM e 7º RI da Força Federal) não aderem de imediato ao movimento revolucionário. A Revolução iniciara em Porto Alegre, ao cair da tarde, pelas 17 e 30 minutos do dia 03 de outubro. À meia noite, o 7º RI adere à Revolução em Santa Maria. A cidade corre perigo; pode transformar-se em um campo de batalha, pois, apesar do “ultimatum”, o 5º RAM não adere à Revolução. Dão-lhe prazo até às 09 horas do dia 4 de outubro, sábado. Se continuar resistindo, a cidade se transformará em palco de guerra. É durante esse período de intranquilidade que Monsenhor Luiz Scortegagna, Vigário Capitular, convoca o povo a rezar à Medianeira, lembrando a todos que “a Festa da Medianeira fora introduzida na Diocese de Santa Maria nesse ano de 1930, por concessão do Papa Pio XI.” As preces do povo foram ouvidas. Dia 24/10/1930, terminava a Revolução. Na cidade, nenhuma arma foi disparada. E os soldados santa-marienses que haviam pegado em armas já estavam de volta para seus lares, aos seus quartéis: findara a Revolução. E o povo rezava e dizia: “a Virgem Maria nos salvou”. RIGO, Pe. Enio José. *A Romaria da Medianeira e a Eucaristia*. Santa Maria, Biblos, 2006, p.28.

<sup>94</sup> Em nível estadual, no ano de 1928, Getúlio Vargas foi eleito pelo Partido Republicano Riograndense (PRR) para governar o Rio Grande do Sul. Durante o referido período, foi criada a Frente Única Gaúcha (FUG), reunindo republicanos e opositores no apoio à candidatura de Vargas para o governo federal em uma chapa de oposição, visto que o paulista Washington Luiz (presidente), inclinou-se para Júlio Prestes como candidato da situação a sua sucessão, preterindo o nome do mineiro Antônio Carlos. As forças políticas dos Estados que se opunham ao governo central formaram a Aliança Liberal, contando também com o apoio dos tenentes. O assassinato de João Pessoa, em julho de 1930, candidato a vice-presidente na chapa de Getúlio provou uma revolução armada contra o governo de Washington Luiz. O movimento eclodiu em 3 de outubro e levou Washington (aconselhado por Dom Sebastião Lemes) a entregar o governo a uma junta militar. Em Santa Maria, assim como em outros lugares do país, esse episódio também teve seus desdobramentos. Segundo Borin, a população local estava sendo informada pela imprensa sobre os perigos da Revolução, em nível nacional e regional, portanto era natural que se preparasse para um enfrentamento, um embate, já que Santa Maria sediava muitas unidades militares. BORIN, Marta Rosa. *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da república*. 2010. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós graduação em Estudos Históricos Latino Americano. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010b. p. 214.

<sup>95</sup> Vargas, chefe do movimento revolucionário, assumiu o poder provisoriamente em novembro, dominando o cenário político brasileiro de 1930 a 1945 e, posteriormente de 1951 a 1954.

inestimável dívida de gratidão para com o Cel. Barão e o 1º de Cavalaria da Brigada, não se devendo esquecer o gesto do nobre Gen. Fernando Medeiros, que, não reagindo à prisão, evitou derramamento de sangue”<sup>96</sup>. Os contrários ao movimento foram enviados para Porto Alegre. Nas semanas posteriores ainda houve situações que levaram a população a temer por conflitos. O jornal *Diário de Interior* referiu-se à situação enfatizando que o povo amedrontado com a proximidade da revolução uniu-se e pediu proteção a Nossa Senhora Medianeira. Assim, a pedido da população santa-mariense, teria ocorrido a 1ª Romaria oficial, em 14 de setembro de 1930, evento em que aproximadamente mil pessoas compareceram. Em função dos vários quartéis existentes na cidade, a população temia que Santa Maria virasse um “campo de batalha”. No início de outubro de 1930, como se mencionou, irrompeu no país, a Revolução; todavia, em Santa Maria os quartéis resolveram não aderir, e nenhum tiro foi dado na cidade. Assim, o povo comemorou afirmando: “*a virgem Medianeira nos salvou*”<sup>97</sup>. Tanto na versão do Pe. Valle quanto na narrativa expressa no jornal, destaca-se a compreensão de que se evitou o pior a partir de uma leitura de intermediação religiosa. Ou seja, tem-se na figura, vida e obra de padre Ignácio Valle o início da devoção a Medianeira em Santa Maria. Por outro lado, a devoção ganhou público e consistência a partir de seu mito fundador<sup>98</sup>, ou seja, na salvação da cidade durante a revolução de 1930. Para Borin, a versão do padre Valle sobre o episódio foi posta em outra dimensão, pois, segundo ele, foi Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças que protegeu a cidade: (Para Borin,) “no jogo de crenças, o padre Valle atribuiu a intervenção de Nossa Senhora à mudança”.

A 2ª Romaria da Medianeira ocorreu na manhã do dia 31 de maio de 1931, com a participação de cerca de dois mil romeiros. Ignácio não estava mais em Santa Maria, pois viajara para concluir seus estudos, mas não deixou de lado sua fé em Nossa Senhora Medianeira. Por anos, Valle organizou excursões à Romaria da Medianeira. Na época, nos dias de romaria um trem saía de Porto Alegre em direção a Santa Maria. Durante as viagens, Padre

<sup>96</sup> BELTRÃO, Romeu. *Cronologia histórica de Santa Maria e do extinto município de São Martinho 1787-1930*. 3. ed. Santa Maria: UFSM, 2010, p.649-651.

<sup>97</sup> SCHINEIDER, Pe. Roque & BARBIERI, Pe. Francisco. *Medianeira*. Santa Maria: Rainha, 1976, p. 71. Além disso, pode ser encontrado mais sobre a ideia, no trabalho de Borin (2010b).

<sup>98</sup> Um mito fundador impõe um vínculo com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente e, por isso mesmo, não permite o trabalho da diferença temporal e da compreensão do presente enquanto tal. Nesse sentido, fala-se em mito também na acepção psicanalítica, ou seja, como impulso à repetição de algo imaginário, que cria um bloqueio à percepção da realidade e impede lidar com ela. Um mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo. CHAUI, Marilena. *Brasil-Mito fundador e sociedade autoritária*. 4 ed. São Paulo: Fund. Perseu Abramo, 2001, p.05.

Ignácio e os dirigentes do Círculo Operário (ou Circulismo)<sup>99</sup> passavam pelos vagões com a imagem de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças para rezar com os romeiros. Segundo Valle, “foram os Círculos Operários que, durante os quinze primeiros anos, organizaram as Romarias”<sup>100</sup>.

Para a Igreja local, a devoção a Medianeira não devia somente “salvar” a cidade, mas também cristianizar a classe operária, que, em Santa Maria, devido à existência da ferrovia era um importante entreposto comercial. Durante a primeira metade do século XIX a classe operária corria o risco de influenciar-se com os ideais comunistas e socialistas, o que não era bem visto, nem pela Igreja e nem pelo Estado. Nesse contexto a Igreja utilizou-se da fé do operariado oprimido fazendo de N. Sra. Medianeira a intercessora/mediadora entre eles e a elite dirigente, fazendo da santa a padroeira dos Círculos Operários. A crença na mãe Medianeira foi usada nesse contexto para doutrinar os grupos partícipes do Circulismo rio-grandense que, por meio da fé, foram instigados a se tornarem um grupo de trabalhadores ordeiros e obedientes à Igreja e ao Estado<sup>101</sup>. Nesse contexto entende-se, assim como Ribeiro, que são os *Modelos Culturais* que orientam as mudanças sociais, conjuntamente com as relações de classe:

É o modelo cultural o mecanismo de legitimação do conjunto de orientações, valores e signos sociais que definem os padrões de organização, repartição e consumo. As classes sociais se relacionam através desse modelo. Portanto, a historicidade de uma sociedade – e de uma cidade – depende do fato de as várias classes e frações, constituídas em atores sociais, compartilharem de um mesmo modelo cultural. Ao mesmo tempo, é através do modelo cultural que se reconhece, de um lado, os atores em sua pluralidade, diversidade e conflito e, de outro, os interesses comuns, ainda que as classes economicamente dominantes imponham os seus interesses e a sua visão de mundo<sup>102</sup>.

A efetiva participação dos Círculos Operários, bem como a ênfase na quantidade de participantes de diversas regiões do Estado, é parte do recurso simbólico utilizado para a conquista de mais fiéis e para a difusão da devoção através das romarias estaduais. Lembramos que na década de 1930, tanto a nível local quanto a nível nacional viviam-se tempos de recatolização ou re-cristianização, bem como o medo das ideias comunistas, e nesse contexto, a

<sup>99</sup> “O Circulismo, ao concluir-se como interlocutor da Igreja junto ao Estado e à sociedade, deu à questão social uma dimensão modernizante, pois objetivava incluir os pobres e despossuídos em uma estrutura organizacional, a fim de educá-los nos princípios cristãos, para os quais o trabalho tinha absoluta positividade. E, ao fazer isto, projetou este setor social como ator político, ainda que submetido a um projeto de harmonização entre classes”. SOUZA, Carla Farias. *Romaria da Medianeira e estudos Culturais: a construção dos modos de ver dos futuros docentes de Artes visuais*. (Dissertação de Mestrado). Santa Maria, 2008, p.34.

<sup>100</sup> VALE, Padre Ignácio. *Cinquentenário do Santuário da Mãe Medianeira de Todas as Graças: 1930-1980*. Santa Maria: s/Ed, 1980.

<sup>101</sup> Ver mais em Borin (2010b).

<sup>102</sup> RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz. A cidade, as classes e a política: uma nova questão urbana brasileira. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade, história e desafios*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 89.

Igreja por meio da devoção capitaneava um grupo de fieis que talvez fossem os mais sujeitos a aderirem o movimento comunista<sup>103</sup>.

### 1.3 Esperamos em ti que nos faças, Ó Maria, subir até Deus: inicia as romarias estaduais

Entre as muitas funções e os atributos que se legam a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, está a compreensão de que a principal delas é ser a medianeira (mediadora) das graças, portanto, intercessora pelas remissões, pelos indultos, pelas clemências e pelos perdões solicitados pelos fiéis, daí a ênfase na sua ação intermediária. O termo mediação dentro da Igreja significa “uma função de ordem moral pela qual uma terceira pessoa intervém para estabelecer relações de paz, ou para solicitar a certa pessoa uma graça ou um favor em benefício de outra”<sup>104</sup>.

Para que a doutrina sobre a Mediação Universal de Nossa Senhora seja compreendida, os teólogos estabeleceram seis princípios, sumarizados a seguir. O primeiro princípio diz que Deus, por sua livre vontade, estabeleceu que não se recebam graças, a não ser pela intercessão de Maria. O segundo princípio consiste em que o autor de todas as graças é somente Deus, o que condiz com a fala de Pio XI, no dia 15 de agosto de 1933: “as graças vêm de Deus, por intermédio, porém, de Maria, Deus dá as graças: Maria nô-las distribui”<sup>105</sup>. O terceiro princípio estabelece que, da determinação divina, de que não concede graças senão por intermédio de Maria Santíssima, dependem diariamente todas as graças atuais, as quais nos advêm diretamente da oração impetratória e indiretamente da graça santificante. A graça santificante ou seu aumento é concedido pela recepção dos santos sacramentos e das boas obras; carecemos de graças atuais e estas Maria Santíssima nos alcança. O quarto princípio define que não há exceção quanto a esta doutrina, mesmo quando nos dirigimos diretamente a Deus, como nosso Pai, ou particularmente a um santo de nossa devoção e obtemos graças, nunca é sem a Mediação de Nossa Senhora. O quinto princípio diz que embora Deus não conceda nenhuma graça a não ser por Maria divina, fica claro que não é necessário que a pessoa recorra sempre e diretamente a ela para obter graças. Inúmeras pessoas, sem conhecer essa disposição divina e, às vezes, até sem conhecer a Mãe de Deus, recebem grandes graças dela e se salvam por sua mediação. Para finalizar, o sexto princípio fala que a Santíssima virgem conhece em Deus

<sup>103</sup> Ver mais em Borin (2010b).

<sup>104</sup> WEIZENMANN, Jacob Ireneo. *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*. Porto Alegre: Proletra, 2005, p. 08.

<sup>105</sup> Idem, p. 12.



individualmente todos os homens, a cada um em particular, bem como suas necessidades, rogando incessantemente a Deus pelos seus filhos da igreja militante, que somos nós. Reza em particular e sem cessar, pedindo graças que são úteis e necessárias para cada um de nós<sup>106</sup>.

A história da Igreja também está repleta de referenciais, tanto dos Padres como do sumo Pontífice e dos homens santos, que enaltecem Maria, reconhecem-na como Medianeira de Todas as Graças e falam da plenitude das graças já concebidas. Para a Igreja Católica, é evidente que Nossa Senhora Medianeira possui atribuições maiores que qualquer anjo ou santo; é mesmo maior que todos eles juntos. Segundo Pio IX,

Temos a firmíssima esperança e a inteira confiança de que a mesma beatíssima Virgem, que trouxe a salvação ao mundo é o refúgio seguríssimo, a auxiliadora fidelíssima de todos os atribulados, a poderosíssima Medianeira e a conciliadora de todo o universo perante o seu filho unigênito.<sup>107</sup>

A partir dos anos 30, em Santa Maria a devoção a Medianeira foi gerida por Dom Antônio Reis, que ficou conhecido como ‘o bispo da Medianeira’, conforme destaca Borin (2010b, p.200). Reis foi ordenado sacerdote no ano de 1910 e se tornou bispo vinte e um anos mais tarde, no dia 31 de dezembro, em Porto Alegre, na nova cripta da Catedral. Dom Antonio aderiu como seu lema episcopal – *Ad Jesum per Mariam*, ou seja, A Jesus por Maria, e em 31 de julho de 1931, ainda enquanto Cônego da Igreja de Nossa Senhora da Conceição recebeu a sua nomeação para Bispo da cidade de Santa Maria.

Como o 3º Bispo de Santa Maria, Dom Antonio Reis fez sua entrada na cidade em 13 de janeiro de 1932, acompanhado pela caravana do Arcebispo Dom João Becker. Da Gare da Estação Férrea de Santa Maria, Reis dirigiu-se em comitiva até a Catedral da cidade, lugar em que foi oficialmente consagrado bispo. Segundo consta, Dom Antonio fazia visitas constantes às áreas de abrangência da Diocese, criando durante seu mandato 60 paróquias, além de ter organizado a nova Diocese de Passo Fundo. Entre suas principais contribuições, Dom Antonio foi responsável pela conclusão do Seminário Diocesano São José, em Santa Maria, pela fundação de dois Pré-seminários em Ivorá e Frederico Westphalen e ainda ajudou na construção do Seminário em Viamão.

Em Santa Maria, Dom Antonio Reis dedicou-se aos Círculos Operários, à Cidade dos Meninos, à Escola Pão dos Pobres, às Conferências Vicentinas, à Ação Católica e à Ação Social Rural. Mas, principalmente, Dom Antonio ficou conhecido como um dos principais

---

<sup>106</sup> Ibidem.

<sup>107</sup> BULLA DOGMÁTICA DA IMACULADA CONCEIÇÃO, 1854. Apud WEIZENMANN, Jacob Ireneo. Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Porto Alegre: Ed. Proletra, 2005, p. 65.

entusiastas na devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, iniciando a construção do Santuário da Medianeira em 1935. O episcopado de Antonio Reis se estendeu por 29 anos, tempo de ampliação e dedicação à devoção mariana. Dom Antonio faleceu em 14 de setembro de 1960.

A partir da Romaria do ano de 1954, sob a organização e o entusiasmo do ‘Bispo da Medianeira’, o festejo em homenagem à Medianeira começou a ser antecedido por uma novena (até o ano anterior era um Tríduo), que inicia nos nove dias anteriores à procissão do domingo. Para Souza,

Com o quadro da Virgem percorrendo às diversas paróquias da cidade, faz-se o convite e motivação da população em uma preparação para a Festa. Os pontos fundamentais da festa se desenvolvem pela manhã, na Catedral Diocesana, na procissão pelas ruas da cidade e no Altar Monumento. Na Catedral inicia-se o domingo com a missa às cinco horas da manhã. Às oito as autoridades eclesásticas iniciam a procissão, partindo da catedral, na Avenida Rio Branco, rumo ao Santuário Basílica de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, na Avenida Medianeira<sup>108</sup>.

Outro aspecto singular da Romaria a Medianeira consiste em que, desde o início das Romarias em nível estadual, cada festejo conta com uma intenção especial, uma motivação. Todavia, foi com a intervenção do 6º Bispo Diocesano, Dom José Ivo Lorscheiter (1974-2004), que os festejos ganham efetivamente um lema e um tema para cada ano (Ver Anexo B). Como aponta Borin, partir de 1974 as Romarias contam também com uma imagem visitante, ou seja, geralmente outra imagem da Maria sob outro título que não o de Medianeira das Graças<sup>109</sup>.

Como mencionado anteriormente, as romarias de Nossa Senhora Medianeira iniciaram sob a tutela do Padre Ignácio Valle e com os préstimos de parcela do povo santa-mariense. Em seus primeiros quinze anos de existência as romarias foram organizadas e difundidas pelo operariado rio-grandense e continuaram a crescer com apoio e incentivo de Dom Antonio Reis. A seu modo, a devoção mariana a Nossa Senhora Medianeira realizou as romarias estaduais voltando-se também para o contexto amplo vivenciado pela sociedade, ou seja, preocupando-se com o contexto sócio-histórico e evidenciando um cuidado com o fiel em sua vivência cotidiana (por exemplo, quando no período entre guerras e da II Guerra Mundial dedicou-se a pedir a “*paz no mundo*” e a “*paz como obra da justiça*”).

<sup>108</sup> SOUZA, Carla Farias. *Romaria da Medianeira e estudos culturais: a construção dos modos de ver dos futuros docentes de artes visuais*. Dissertação. Programa de Pós Graduação em Educação, UFSM, Santa Maria, 2008, p. 27.

<sup>109</sup> BORIN, Marta Rosa. *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da república.*, 2010b. p.253.

Os conflitos políticos vividos durante a década de 1920, que culminaram com a revolução de 1930, não influenciaram a criação das romarias em Santa Maria. A versão do padre Valle sobre o episódio foi posta em outra dimensão, pois, segundo ele, foi Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças que protegeu a cidade. Para Borin, A versão do padre Valle sobre o episódio foi posta em outra dimensão, pois, segundo ele, foi Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças que protegeu a cidade: (Para Borin,) “no jogo de crenças, o padre Valle atribuiu a intervenção de Nossa Senhora à mudança”<sup>110</sup>. Não obstante, segundo a mesma autora,

A devoção do jesuíta encorajou a população da cidade, pois, no final dos anos 20, o perigo eminente do agnosticismo, da maçonaria, do protestantismo e do comunismo teria uma resposta concreta, com muitos fiéis em procissão rezando em voz alta, vocalizando sua devoção, uma situação de publicização da crença de que a cidade teria a proteção divina. Para abrigar o povo devoto e o quadro com a imagem da Virgem milagrosa, o ideal seria a construção de um “grandioso santuário”, fato que padre Valle registrou como sendo uma solicitação dos devotos, tanto que o delator do histórico afirma: “os seminaristas desejavam ardentissimamente que a Virgem transformasse a sua capela em um santuário de graças e numerosas romarias. Com esta ‘santa’ finalidade fizeram, com extraordinário fervor, a novena da Natividade, com muita oração e numerosos sacrifíciozinhos”<sup>111</sup>.

Nesse contexto, também se deve destacar que foi nos primeiros anos de devoção mariana em Santa Maria que Dom Antonio Reis lançou, em 15 de agosto de 1935, a pedra fundamental do santuário da Medianeira, que só ficou pronto em 15 de agosto de 1985, recebendo o título de Basílica Menor, em 31 de maio de 1987. Segundo o Padre Belmonte, “o Santuário Basílica da Medianeira, para o Rio Grande do Sul é um lugar sagrado, do qual se serve a Igreja para conseguir efeitos espirituais”<sup>112</sup>. Reconhecido pelas autoridades eclesiásticas e também pela população local como o ‘local do sagrado’, a Basílica da Medianeira, além de lugar de peregrinação anual, tem como missão educar gerações juvenis para respostas autenticamente vocacionais, assim como resgatar a classe operária e a classe juvenil que se afastaram, por muitos motivos da vida religiosa.<sup>113</sup>

O que se encontrava em jogo na virada dos séculos XIX e XX era o projeto de restauração católica na cidade e no Estado, entretanto, talvez estes não esperassem que a devoção mariana a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças alcançasse tal longevidade e abrangência. A Romaria de Nossa Senhora Medianeira hoje é tradição na cidade, herança passada de pai para filho, tendo tamanha significação para quem dela participa totalizando mais

<sup>110</sup> Idem, p. 218.

<sup>111</sup> Ibidem.

<sup>112</sup> BELMONTE, Pe. Sérgio. *Povo Gaúcho, eis aí Tua Mãe*. Santa Maria: Pallotti, 1999, p. 48.

<sup>113</sup> Idem.

de oitenta romarias. O poder das romarias encontra-se no reconhecimento e na adesão da população, o que pode ser atestado através do seu crescimento ano a ano, evidência que, em nossa leitura, a transforma em um expressivo patrimônio imaterial de caráter religioso do interior do Rio Grande do Sul.

## 2 A ROMARIA DE NOSSA SENHORA MEDIANEIRA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

O segundo capítulo da presente dissertação propõe-se a tecer considerações acerca de conceitos importantes para o campo da história cultural e das ações relativas à salvaguarda do patrimônio histórico<sup>114</sup> cultural, bem como do Patrimônio Cultural Imaterial. A reflexão ora apresentada possui como embasamento textos e documentos de cunho acadêmico e jornalístico. O texto em questão busca difundir a trajetória da noção de patrimônio, suas primeiras instituições, suas normativas e procedimentos, bem como alguns personagens decisivos para a sua constituição e avaliar a Romaria como patrimônio imaterial, como um bem intangível para a sociedade fiel que participa e vivencia seus ritos anuais.

Partimos da compreensão de que os estudos culturais são pesquisas sobre a diversidade que cada cultura apresenta na produção cotidiana de sua história em um determinado tempo e espaço. Também enfocam as interações interculturais estabelecidas na contemporaneidade e os desdobramentos políticos gerados a partir desses. Através dos estudos culturais busca-se perceber em um evento eminentemente católico, que uma instituição sociopolítica pode também ser um espaço de intercâmbio, cruzamento, conflito e coexistência da diversidade de identidade(s) humana, demonstrando as premissas da defesa da Romaria da Medianeira enquanto maior forma de expressão do Patrimônio Cultural Imaterial santa-mariense.

### 2.1 A trajetória do Patrimônio Histórico

Os estudos culturais contemporâneos consolidaram-se em meados da década de 1950 e se estruturaram a partir do *Centro de Estudos Culturais Contemporâneos*, da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, por volta dos anos setenta. O jamaicano Stuart Hall é considerado um dos seus principais mentores; junto a ele, figura Raymond Williams, o autor de *Cultura e Sociedade: 1780-1950*, que analisa na obra diferentes concepções de cultura, assim como

---

<sup>114</sup> No contexto brasileiro, as questões referentes ao patrimônio nacional surgiram a partir da criação do SPHAN, em 1937; todavia, seu contexto precursor foi o movimento dos intelectuais modernistas, conhecido como Semana de Arte Moderna, de 1922. Foi a partir destes intelectuais modernos (em especial Mário de Andrade), que se começou a pensar em um modelo de nação e de identidade do Brasil.

Edward P. Thompson, que escreveu sobre a formação da classe operária inglesa em obra de 1963. Segundo Hall,

Eles forçaram seus leitores a atentar para a tese de que ‘concentradas na palavra cultura existem questões diretamente propostas pelas grandes mudanças históricas que as modificações na indústria, na democracia e nas classes sociais representam de maneira própria e às quais a arte responde também de forma semelhante’<sup>115</sup>.

Ainda segundo Hall<sup>116</sup>, esses teóricos têm como premissa ver a cultura como algo vivo e extremamente dinâmico, bem como percebem a cultura como um local de interesses conflitantes, por isso, sua apropriação na presente pesquisa. Assim, a elaboração dos estudos culturais aparece em um momento conflitante da crise da modernidade, com o esgotamento e/ou a superação da razão iluminista. Com o conseqüente abalo nas crenças que estruturavam a sociedade, foi necessária a construção-elaboração de uma teoria que ao menos tentasse compreender as sociedades a partir das suas diferenças. Para Damon & Silva<sup>117</sup>, negando que o desenvolvimento das sociedades se explique apenas a partir da luta de classes, os estudos culturais alertam para o cruzamento entre as diversas identidades. Assim, para nosso estudo específico, entendemos que a identidade católica é atravessada pela identidade romeira, que, por sua vez, se entrecruza com a peregrina e é orientada pela identidade étnica, pela orientação sexual, pela territorialidade, etc.

O termo patrimônio histórico foi forjado na Europa, no contexto posterior à Revolução Industrial e à Revolução Francesa, associado aos processos de formação do Estado Nacional. Com o advento da industrialização e o conseqüente movimento de transformações por ela geradas, tornava-se ainda mais necessária à salvaguarda do passado, que, nesta época de transição e profundas mudanças, esvaía-se rapidamente. Nesse contexto, o objetivo do termo/conceito patrimônio perpassava pela construção do Estado-Nação, tarefa que requeria a elaboração de uma identidade coletiva que pudesse ser compartilhada simbolicamente pelos cidadãos, reconhecendo-se como oriundos de uma mesma nação. Embalada por essa ideia, origina-se a necessidade da invenção de um passado comum, no qual a noção de patrimônio histórico cultural estava inserida.

No contexto brasileiro, a ideia de patrimônio estava associada à concepção europeia, notadamente francesa. A partir da chegada da família real à Colônia, em 1808, iniciaram-se

---

<sup>115</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG. Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003, p. 133.

<sup>116</sup> Idem, p. 11.

<sup>117</sup> DAMON, Carlos Alberto Ferreira; SILVA, Lúcia Marsal Guimarães. *Estudos Culturais*. Curitiba: Aymar, Faculdades Jorge Amado. (Série EAD-FJA), 2008, p. 14.

ações preservacionistas, tendo como alvos os bens referentes à colonização portuguesa ou ligados a ela. Destacou-se, nesse momento, a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e do Arquivo Público, ambos fundados em 1838. Ainda que as duas instituições almejassem a organização e a difusão da história do Brasil vinculadas à construção de uma identidade nacional não obtiveram êxito em superar as bases europeias, calcadas em conceitos como progresso, civilização e modernidade.

Uma vez que o ideal de civilização aqui adotado era estritamente o modelo europeu, associou-se o conceito de cultura apenas às artes visuais e à arquitetura, sendo o patrimônio entendido como de *Pedra e Cal*<sup>118</sup>. Após a criação do IHGB, a noção de patrimônio vinculou-se predominantemente à preservação de documentos escritos, justificando-se na preocupação com a construção de uma origem fundante da nação brasileira.

Deve-se lembrar que no início do século XX ainda não existia no Brasil a preocupação com uma política institucional que identificasse e preservasse o patrimônio, quando outro conceito europeu inseria-se na cultura brasileira: o conceito de modernidade. Nesse sentido, importados também foram os valores, o que se notabiliza ao analisar-se a moda, os hábitos, as artes e a arquitetura, cujos objetivos que se destacaram nessa época foram o da negação de um passado colonial, a expulsão e exclusão geográfica e social das camadas populares, juntamente com a sublevação da elite dominante do período. Como exemplo disso pode-se citar o caso do Rio de Janeiro que, durante o governo de Pereira Passos (1902-1906), sofreu com sucessivas reformas urbanas. O movimento empreendido por Passos ficou conhecido como “bota abaixo”, tendo em vista que demoliu um núcleo colonial desapropriando e destruindo casarios e cortiços “em prol do progresso”<sup>119</sup>.

Dessa forma, pode-se inferir que é somente a partir dos anos vinte do século passado que uma noção mais ampla de patrimônio é despertada, graças em grande parte pelos movimentos pós Semana de Arte Moderna de 1922, acrescentada ao ideário do poeta e escritor Mário de Andrade. De toda forma, o que se estava construindo era uma memória histórica interligada com os heróis e os lugares que eram selecionados como os mais legítimos representantes da história brasileira.

Nessa época, Mário de Andrade<sup>120</sup> foi convidado a dirigir o Departamento Cultural de São Paulo (1935-1938) com a incumbência de elaborar um anteprojeto para a criação de um

---

<sup>118</sup> ELÍBIO JR., A. M. *Patrimônio Cultural e Turismo* I. V. 2. ed. Palhoça: Unisul Virtual, 2007, p. 12.

<sup>119</sup> Idem.

<sup>120</sup> Nessa tarefa, Andrade contou com a parceria (e sucessão) de Luis da Câmara Cascudo, Edison Carneiro, Renato de Almeida, entre outros. Na década de 1950, vários deles se mobilizaram em torno da Comissão

órgão responsável pelo patrimônio brasileiro. Esse documento foi utilizado na estruturação da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN – mais tarde IPHAN), criado por decreto presidencial em 1937. Cumprindo a tarefa que lhe foi confiada, o anteprojeto de Mário de Andrade<sup>121</sup> já compreendia a salvaguarda de bens materiais e imateriais<sup>122</sup>, classificação que não foi aplicada em sua totalidade pela política do Estado Novo. Sobre Andrade documentos do IPHAN destacam que, “já nos anos 20 e 30, enveredava pelos mais distintos rincões do país em busca de manifestações culturais que marcassem o jeito de ser, de agir e de se comportar do povo brasileiro”<sup>123</sup>. Segundo Elíbio,

A direção do SPHAN foi legada a Rodrigo Melo Franco de Andrade, que o dirigiu por 32 anos, até sua morte em 1969. Sob a sua orientação, o projeto original de Mário de Andrade recebeu modificações significativas ao longo do tempo em que esteve à frente do SPHAN. Durante esse período, os bens culturais classificados como patrimônios deveriam trazer uma relação com o passado, calcado nos heróis nacionais e em fatos “importantes” para a História do Brasil. Esta apropriação do patrimônio com vistas a uma unidade nacional, constituindo um passado e presente harmônicos<sup>124</sup>.

Ou seja, na prática preservou-se o patrimônio edificado e, conseqüentemente, a maior parte dos bens *tombados* estava relacionada à memória de grupos dominantes. Antes mesmo da criação do então SPHAN a valorização e a preservação do patrimônio ocorreram em alguns estados como Minas Gerais, Pernambuco e Bahia, que criaram Inspetorias Estaduais. Em 1934 foi criada a Inspetoria dos Monumentos Nacionais. Outras ações como a do Decreto-Lei nº 22.928, do ano de 1933 declarou a cidade de Ouro Preto/MG como Monumento Nacional. Também nos primeiros anos após a criação do SPHAN, foram inúmeros os bens tombados, eleitos como possuidores de representatividade da identidade nacional. Segundo Chuva, “de 1937 a 1946, o SPHAN, aplicando o tombamento, protegeu legalmente mais de 40% de todo

---

Nacional do Folclore, criada em 1947, durante o governo de General Eurico Gaspar Dutra, com ramificações e inúmeros estados brasileiros.

<sup>121</sup> A preservação de bens culturais de natureza imaterial já estava prevista no anteprojeto que deu origem a essa instituição, elaborado pelo poeta modernista Mário de Andrade, um dos intelectuais responsáveis por sua fundação. Numa visão retrospectiva, se pode afirmar que os primeiros registros de bens culturais de natureza imaterial foram realizados naquele período, durante as expedições do escritor pelo Nordeste brasileiro, ocasião em que valioso material audiovisual e textual sobre danças e ritmos populares da região foi recolhido. Ver mais em Brasil (2006).

<sup>122</sup> Quanto ao conceito de Patrimônio Imaterial, ainda não existe consenso sobre o termo que melhor define o conjunto dos bens culturais de natureza imaterial. Aqui utilizar-se-á o termo Patrimônio Cultural Imaterial, que também se refere a patrimônio intangível, patrimônio tradicional e popular, patrimônio oral (em menor escala pelos pesquisadores) e patrimônio vivo.

<sup>123</sup> BRASIL. *Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus bois: a trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil 1936-2006*. Ministério da Cultura. IPHAN, 2006. p. 11.

<sup>124</sup> ELÍBIO JR., A. M. *Patrimônio Cultural e Turismo I*, 2007, p.24.



acervo de bens tombados até 1997<sup>125</sup>.” Nesse período, o que ocorreu foi uma supervalorização do barroco em sua fase colonial<sup>126</sup>. Também a prioridade dada aos bens de arquitetura Religiosa, que constituem a grande maioria dos bens tombados”<sup>127</sup>.

No período dos governos militares, iniciado em 1964, os movimentos culturais sofreram censuras e represálias. Quanto à questão do patrimônio, todavia, não destacamos a ocorrência de significativas mudanças, afora da reestruturação e renomeação da própria Secretaria. Ao final da década de 1960, o SPHAN foi reformulado, passando a denominar-se Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

Além do anteprojeto de criação do SPHAN, de autoria de Mário de Andrade, outra referência importante para a construção do conhecimento histórico a respeito do patrimônio cultural reside na criação, no ano de 1947, da *Comissão Nacional do Folclore* (ACNF), a qual lançou, por volta de 1958, a Campanha Nacional em Defesa do Folclore e Cultura Popular (CNFCP), que atualmente integra o IPHAN. Nesse contexto, também se deve destacar a criação do *Centro Nacional de Referências Culturais* (CNRC), em 1975. Já em 1979, foi a vez da criação da *Fundação Nacional Pró-Memória*<sup>128</sup>. Da criação do SPHAN até esse período, o patrimônio brasileiro visava evidenciar a autenticidade e a originalidade da nação que ainda se encontrava em processo para constituir-se o país do futuro. No contexto do primeiro Seminário Internacional de Patrimônio Imaterial (realizado pelo IPHAN), no ano de 1997<sup>129</sup>, e sob as orientações já contidas na Constituição de 1988, foi proposta a criação do grupo de trabalho acerca do patrimônio imaterial (GTPI). Esperava-se que no seio deste se construíssem as políticas específicas para o campo em questão, o que resultou posteriormente no Decreto 3.551,

<sup>125</sup> CHUVA, Márcia Regina Romeiro. *Os arquitetos da memória*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009, p. 147.

<sup>126</sup> Ver mais sobre a valorização do Barroco Mineiro em sua fase colonial em Chuva (2009).

<sup>127</sup> FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. 2. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, Minc-IPHAN, 2005, p. 108. Nessa obra a autora divide a história do IPHAN em duas fases, a saber, a Fase Heroica e a Fase Moderna.

<sup>128</sup> IPHAN. *Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus bois-princípios, ações e resultados da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil (2003-2010)*. Brasília: IPHAN, 2010.

Segundo o próprio Iphan nesse período (anos 70 e 80) foram realizados inúmeros projetos de documentação, tais como, 1) levantamentos socioculturais em Alagoas e Pernambuco; 2) inventários de tecnologias patrimoniais, que incluíram o uso do computador na documentação visual de padrões de tecelagem manual e de trançado indígena; 3) implantação do Museu Aberto de Orleans/SC; 4) tombamento da Fábrica de Vinho de Caju Tito Silva, na Paraíba; 5) debate sobre a questão da propriedade intelectual de processos culturais coletivos; 6) desenvolvimento da ideia de criação de um selo de qualidade a ser conferido a produtos de reconhecido valor cultural, a exemplo do queijo de Minas e da cachaça de alambique; 7) reconhecimento, como patrimônio, de bens das culturas populares, indígenas, afro-brasileiras; 8) documentação da memória oral das frentes de expansão territorial e dos povos indígenas ágrafos. O pressuposto para implementação desses projetos encontrava-se na ideia de que são as próprias comunidades, as melhores guardiãs do seu próprio patrimônio, o que implica a partir daí em uma aproximação entre Estado e comunidade.

<sup>129</sup> Em 14 de novembro de 1997, realizou-se um seminário internacional promovido pela Superintendência do Iphan em Fortaleza. O seminário supracitado visou à discussão de estratégias e formas de proteger o patrimônio imaterial, produzindo um documento que ficou conhecido como A Carta de Fortaleza.

de 2000<sup>130</sup>. Em 09/12/2010, um novo instrumento, o *Inventário Nacional da Diversidade Linguística* (INDL), instituído pelo Decreto nº. 7.387, passou a ser utilizado para reconhecimento e valorização das línguas portadoras de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira<sup>131</sup>.

A respeito da classificação do patrimônio brasileiro, hoje ele se encontra dividido em duas categorias: *material e imaterial*. O patrimônio material é composto por um conjunto de bens classificados de acordo com sua natureza e registrados em quatro Livros Tombo: *Arqueológico paisagístico e etnográfico; Histórico; Belas Artes; e Artes Aplicadas*. Já o patrimônio imaterial é salvaguardado de acordo com outros livros-registro: o *Livro dos Saberes*; o *Livro das Celebrações*, o *Livro das Formas de Expressão*; e o *Livro dos Lugares*<sup>132</sup>.

Feito esse breve histórico é necessário destacar a questão da subdivisão entre o patrimônio material (PM) e imaterial (PI). Quando se trabalha com o patrimônio imaterial deve-se possuir a compreensão de que este não existe sem algum tipo de materialidade ou lugar de memória, com o qual se concretiza ou ao menos estabeleça uma relação de dependência. Para Nora, os lugares de memória são apresentados como lugares simultaneamente materiais, simbólicos e funcionais, nisso diferindo somente quanto ao grau: os três aspectos coexistem sempre”<sup>133</sup>. Além disso, os lugares de memória são, antes de tudo,

restos [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplaina os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos”<sup>134</sup>.

Não obstante, ainda de acordo com Nora, o lugar de memória supõe a justaposição de duas ordens de realidade:

uma realidade tangível e apreensível, às vezes material, às vezes menos, inscrita no espaço, no tempo, na linguagem, na tradição, e uma realidade puramente simbólica, portadora de uma história. A noção é feita para englobar ao mesmo tempo os objetos físicos e os objetos simbólicos, com base em que eles tenham ‘qualquer coisa’ em comum [...] Cabe aos historiadores analisar essa e ‘qualquer coisa’, de desmontar-lhes o mecanismo, de estabelecer-lhes os

<sup>130</sup> Decreto que institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro e cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial, além de dar outras providências.

<sup>131</sup> BRASIL. *Decreto nº. 7.387*. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2010/Decreto/D7387.htm)>. Acesso em: 20 out. 2013.

<sup>132</sup> TRAZZI, A. (Coord.). *Educação patrimonial: olhar o passado para entender o presente e projetar o futuro*. Espírito Santo: Petrobras, 2008, p.12-13.

<sup>133</sup> NORA, Pierre. Apud: GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. *Revista Historiae*. Rio Grande, nº 3, 2012, p. 32.

<sup>134</sup> Idem.

estratos, de distinguir-lhes as sedimentações e correntes, de isolar-lhe o núcleo duro, de denunciar-lhe as falsas semelhanças e as ilusões de ótica, de colocá-la na luz, de dizer-lhe o não dito. [...] Lugar de memória, então: toda unidade significativa, de ordem material ou ideal, que a vontade dos homens ou o trabalho do tempo converteu em elemento simbólico do patrimônio memorial de uma comunidade qualquer<sup>135</sup>.

No caso da Romaria da Medianeira, apoiamos a ideia de que a mesma constitui-se em um patrimônio imaterial, entretanto, ela não existiria sem a cidade ou sem o seu local de referência, que nesse contexto é a Basílica da Medianeira e em menor escala o Altar Monumento. Por outro lado, na percepção de quem vive o patrimônio essa dicotomia (PM x PI), não existe, visto que, mesmo sem o material (Basílica, quadro de Nossa Senhora Medianeira, Altar-monumento, etc.), os atores sociais ainda possuiriam referenciais para dedicar-se ao seu bem maior, à fé em Nossa Senhora Medianeira. Ainda sobre a diferença entre Patrimônio Material e Patrimônio Imaterial defende-se que:

Não há dúvida de que as expressões patrimônio Imaterial e bem cultural de natureza imaterial reforçam uma falsa dicotomia entre esses bens culturais vivos e o chamado patrimônio material. Por outro lado, contudo, com essa definição, delimita-se um conjunto de bens culturais que, apesar de estar intrinsecamente vinculado a uma cultura material, não vinha sendo reconhecido oficialmente como patrimônio nacional.<sup>136</sup>

Nesse contexto, o que se entende por Patrimônio Imaterial encontra-se em acordo com a Convenção para a Salvaguarda de 2003 da UNESCO (que foi ratificada pelo Brasil em março de 2006) que:

Entende por ‘patrimônio cultural imaterial’ as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com instrumentos, objetos, artefatos, e lugares que lhe são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural<sup>137</sup>.

Decorrente dessa compreensão, atualmente, dentre os bens patrimoniais brasileiros tombados/salvaguardados, podem-se citar a Festas do Divino Espírito Santo de Pirenópolis/GO e a Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré/PA. Salientamos que muito existe de PI para além do já registrado. No entendimento de que todos possuem o direito à salvaguarda de sua memória, seja ela individual ou coletiva, além do direito de conhecer os seus bens culturais e os

<sup>135</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto história*, São Paulo: nº 10, dez. 1993, p. 226.

<sup>136</sup> IPHAN. *Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus bois-princípios, ações e resultados da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil (2003-2010)*. Brasília: IPHAN, 2010, p.17.

<sup>137</sup> UNESCO. *Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Imaterial*. Paris, 2003, p. 35.

de outras culturas, desenvolve-se no cenário nacional a metodologia da *educação patrimonial*.<sup>138</sup>

O campo do patrimônio tem hoje entre seus principais referenciais o Artigo 216 da Constituição Federal de 1988, assim como o Decreto Lei 25 de 1937, o qual como mencionado cria o atual IPHAN e institui a partir daí, o tombamento como principal meio para a preservação da memória social e do patrimônio histórico no Brasil. Além do decreto supracitado, acrescenta-se o já mencionado Decreto 3.551, do ano 2000, ao qual cria o *Programa Nacional do Patrimônio Imaterial* e institui o Registro como principal instrumento de salvaguarda do patrimônio imaterial. Nesse contexto, deixa-se explícito aqui, que diferentemente de outrora, quando o patrimônio era de responsabilidade somente do Estado, a salvaguarda do patrimônio necessita atualmente de uma intensa relação entre Estado e sociedade. Silvestrini apoia essa ideia e defende que:

Toda política pública se destina a atender a demanda de cidadãos, o que significa pensar na perspectiva de uma construção participativa das políticas, programas, ações, assim como garantir a participação da sociedade civil interessada na execução e acompanhamento dos projetos. No caso da política federal do patrimônio imaterial, a participação dos detentores, o grupo interessado é pressuposto de qualquer uma das suas ações<sup>139</sup>.

Nesse sentido, o que elegemos como digno de ser considerado um patrimônio cultural deve ser algo passado de geração em geração, uma espécie de ‘bem precioso’ a ser preservado e salvo, algo que temos como uma herança cultural. Todavia, quando pensamos em patrimônio devemos ter em mente algumas reflexões que devem ser feitas, tais como: De qual herança se trata? De quem é essa herança, esse patrimônio? e para que e/ou por quem ele foi eleito/considerado como tal?

Trabalhando com patrimônio, ou seja, um bem, algo de valor para determinada pessoa ou grupo, deve-se destacar que no patrimônio em si, não existem valores *a priori*. O patrimônio

---

<sup>138</sup> Consiste em uma metodologia que viabiliza a aprendizagem a partir dos bens culturais e a conservação dos mesmos através de sua valorização. A Educação Patrimonial é o ensino centrado nos bens culturais; este se aplica a uma metodologia específica de trabalho que toma os bens culturais como ponto de partida para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem. O objetivo da Educação Patrimonial consiste em conscientizar os indivíduos para que se reconheçam como parte da história local, de forma que venha a deslegitimar as desigualdades, integrando socialmente os indivíduos e percebendo os caminhos que legitimaram as diferenças sociais ao longo do tempo. Esta metodologia visa também à elevação da autoestima do educando para que esse perceba-se como agente construtor da história, capaz de modificar os rumos que a mesma toma no presente, para que tenha um futuro significativamente melhor, construindo seu conhecimento a partir da motivação. Além disso, a Educação Patrimonial busca a conscientização das comunidades acerca da importância da criação, da valorização e da preservação dos patrimônios locais. Ver mais no site IPHAN, Grunberg (2014), Horta (1999) e Soares e Klamt (2007).

<sup>139</sup> SILVESTRIN, Mônica Luciana. *Patrimônio Imaterial: fortalecendo o sistema nacional*. IPHAN, 2012, p.02.

se torna patrimônio por ter um conjunto de determinados valores para alguém, para determinado grupo, em relação a alguém. Então, a patrimonialização de algo, consiste em um processo por meio do qual ele se constitui em um bem de todos ou de algum grupo específico; salientando que este é sempre uma construção, que é salvaguardado por sua responsabilidade em ser detentor da guarda da memória social. Ao falarmos em patrimonialização da Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, isso implica em deixarmos claro que o

Processo de patrimonialização implica sempre em seleção. Ou seja, dizer que algo é patrimônio significa assumir que, diante de um universo imenso de bens culturais, foram somente eleitos alguns para ser patrimônio. Isso quer dizer que eles possuem um valor diferente dos demais. E a dotação desse valor é feita a partir de critérios específicos, que também variam de acordo com a natureza do bem, com as políticas institucionais, com as concepções de patrimônio cultural vigentes, com grupos sociais envolvidos. E isso nos coloca uma questão importante, que gera no senso comum, muita confusão: patrimônio cultural não é sinônimo de cultura. É, ao contrário, uma especificidade dela, um recorte dentro de seu campo – o patrimônio cultural sempre é cultura, mas nem toda prática ou bem cultural é patrimônio.<sup>140</sup>

Assim, dentro do campo da cultura e por meio da história cultural elegemos o que é importante (entre tantas outras coisas existentes), de se preservar para o alcance das gerações futuras. O primeiro critério para que algo seja identificado como patrimônio, diz respeito ao seu valor enquanto herança das gerações presente e passada, bem como o valor quantitativo de sua inscrição ao tempo. O patrimônio precisa possuir densidade histórica, assim como ser merecedor da aplicação do conceito de continuidade histórica. Ou seja, o bem em questão deve ser uma prática cultural que persista no tempo e tenha potencial em continuar, para além das mudanças, mantendo, na medida do possível, uma base fundante e seus valores referenciais<sup>141</sup>.

Assim ao pensarmos sobre os conceitos de cultura e de Patrimônio Cultural Imaterial, assim como de suas implicações práticas, tem-se de se ter em mente, algumas indagações relevantes acerca dos usos políticos da cultura. Ora, no estudo da cultura os significantes não são sintomas ou conjuntos de sintomas, mas atos simbólicos ou conjuntos de atos simbólicos e o objetivo é a análise do discurso social<sup>142</sup>. No caso de pensarmos sobre a Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças enquanto patrimônio cultural imaterial local e/ou

<sup>140</sup> KNACK, Eduardo R. J. *Modernização do espaço urbano e patrimônio histórico*: Passo Fundo, RS. Dissertação. Programa de Pós Graduação em História, Universidade de Passo Fundo, PPGH-UPF. Passo Fundo, 2007.

<sup>141</sup> BRASIL. *Patrimônio Imaterial: fortalecendo o Sistema Nacional*. 8 módulos. Apostilas do Curso de Patrimônio Imaterial: fortalecendo o Sistema Nacional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Representação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no Brasil. 2013.

<sup>142</sup> GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*, 2008, p. 18.

regional pode-se refletir primeiro sobre: De quem é a Romaria? Das pessoas que naquele ano a promoveram? Dos especialistas rituais da Romaria? Das pessoas que “nos bastidores” da Romaria a organizaram e montaram? Do coletivo em nome da qual a festa é realizada? Ou é de todos e de ninguém?

A Romaria tem um núcleo formal que a organiza, mas ao mesmo que é variável ano a ano. Fora isso, o grau de envolvimento dos distintos grupos que formam o coletivo de romeiros é diferenciado, assim como os próprios protagonistas atuais, uma vez que tivemos outros antes e provavelmente teremos outros futuramente. Para Leal,

O perigo com o Patrimônio Cultural Imaterial é o da reprodução, sob novas formas, de modalidades de holismo que falando de sujeitos coletivos indeterminados – com as comunidades contemporâneas a ocuparem o lugar do povo dos românticos – renunciam às pessoas reais. Isto é, às pessoas entre as quais se distribui de forma difusa ou densa, mas sempre complexa e contraditória, a agencialidade inscrita nos bens culturais.<sup>143</sup>

O Patrimônio Cultural Imaterial teve assim trabalhar com pessoas reais, tendo de ser um exercício de multiplicação de protagonistas, praticando a polifonia e renunciando ao monólogo. Pensar/falar em patrimônio deve gerar uma visão que abra, que articule as similitudes e os diálogos das diversas identidades existentes dos inúmeros atores sociais. Refletir sobre patrimônio deve levar-nos a uma prática de mobilização as pessoas e não de imobilizar a cultura ou o próprio patrimônio. Ainda sobre isso Leal acrescenta que,

O importante é construir o Patrimônio Cultural Imaterial não como um lugar de reprodução acrítica de ideias problemáticas sobre o que a cultura deveria ser, mas como um lugar de afirmação de práticas e discursos inovadores sobre o que a cultura realmente é. O Patrimônio Cultural Imaterial deve ser usado mas – como consta das bulas de certos medicamentos – deve ser usado<sup>144</sup>.

Nesse contexto, o acesso e a valorização do patrimônio, seja este material, imaterial ou os dois juntos passa, finalmente, pelo direito dos cidadãos a cidadania cultural, que diz respeito ao direito de todo o cidadão possui de comunicação e a representação da diferença cultural. Sobre o conceito de Cidadania Cultural, propõem-se na verdade uma política cultural, em que numa perspectiva democrática, as prioridades são bem claras: garantir a criação de direitos e acabar com possíveis privilégios existentes entre os atores sociais.

<sup>143</sup> LEAL, João. Agitar antes de usar: a antropologia e o patrimônio cultural imaterial. *Revista Memória em Rede*. Pelotas, v.3, n.9, Jul./Dez. 2013, p. 12.

<sup>144</sup> Idem, p. 14.

A Constituição Federal do ano de 1988 incorpora a perspectiva antropológica de cultura, por isso expande consideravelmente o campo, permitindo incluir novos atores e objetos culturais a serem reconhecidos pela nação. A cultura contemporânea expressa pela Carta Magna, como poderemos perceber a seguir, visa valorizar e promover a diversidade cultural:

Art. 216 Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à nação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, os quais consistem na:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações, e demais espaços destinados às manifestações artístico culturais;

V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.<sup>145</sup>

Ligado aos conceitos de cultura e patrimônio, temos também de pensar nas concepções de memória e de identidade. Para Gonçalves, “não basta se contentar em entender o alargamento brutal de sua noção e sua dilatação recente e problemática a todos os objetos testemunhos do passado nacional, mas, muito mais profundamente, a transformação em bem comum e em herança coletiva das implicações de memória<sup>146</sup>”. Já o conceito de identidade exige-nos um olhar crítico sobre os indivíduos e sobre o próprio conceito, por meio da reflexão de sua utilização, que necessita boa parte das vezes de um tanto de bom senso. Para Silvestrin,

Identidade é aquilo que nos coloca no mundo em oposição ao “outro”, o que nos define, que nos identifica, através do estabelecimento de distancia, de diferença e nesse sentido é sempre relacional. Não há identidade externa, imutável e homogênea, embora as representações que se constituem em torno dela possam tender a construir signos em sentido oposto: de reificar continuidades, unicidade, universalidade<sup>147</sup>.

E, segundo Knack<sup>148</sup>, “o conceito de identidade pode ser compreendido no sentido de ‘indicar semelhança a si próprio’. Porém, esse conceito também está intimamente ligado à existência do ‘outro’, de algo não semelhante a si, mas diferente.” Tornou-se comum dizer que o patrimônio histórico pertence a toda comunidade, o que, no entendimento de Knack, é “algo no mínimo ingênuo”.

Além disso, o autor acrescenta:

<sup>145</sup> BRASIL, Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Artigo 216. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: 20 out. 2013.

<sup>146</sup> GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural, 2012, p.42.

<sup>147</sup> SILVESTRIN, Mônica Luciana. *Patrimônio Imaterial: fortalecendo o sistema nacional*. IPHAN, 2012, p. 8.

<sup>148</sup> KNACK, Eduardo Roberto Jordão. *Modernização do Espaço Urbano e Patrimônio Histórico*, 2007, p. 26.

Todas as sociedades são marcadas por diferenças, e é justamente essa diferença que permite aos atores sociais construir laços de identidade. O patrimônio, entendido como um elemento que possibilita um suporte aos sujeitos frente às transformações sociais, também encerra diferenças entre segmentos de uma mesma comunidade. A memória coletiva também exerce essa função, de marcar as diferenças entre segmentos da mesma sociedade<sup>149</sup>.

No presente estudo do patrimônio, o conceito de identidade que nos interessa, é aquele coletivo, dos grupos de atores sociais, que, constroem seu cotidiano, seu pensar e seu viver através da materialização de seus bens, suas representações de mundo.

## **2.2 “Como essa nunca tinha visto”: a progressiva patrimonialização da devoção e da Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Santa Maria/RS**

O capítulo segundo da presente dissertação, até o momento, propôs-se a tecer um olhar, ou melhor, alguns olhares sobre a história do patrimônio e acerca de conceitos fundamentais para o seu entendimento e para a sua valorização. Feito isso, resta lançarmos a reflexão patrimonial para nosso presente objeto de estudo de forma mais pormenorizada. Segundo Knack, deve-se ter em mente que “o campo da memória patrimonial, na ação de eleger os bens patrimoniais é palco de um conflito entre segmentos sociais, pois sempre que uma memória é lembrada por alguém, outra é esquecida, sempre que uma identidade é afirmada, outra é defenestrada”<sup>150</sup>. Cabe destacar que a expressão “como essa nunca tinha visto”<sup>151</sup> faz parte do relato do representante do Vaticano quando participou da Romaria da Medianeira, que, segundo os organizadores, reuniu 300 mil fiéis. Sendo assim, faz-se necessário deixar explícito que a compreensão da patrimonialização da Romaria e da devoção é um processo contínuo e dinâmico e que se entende o conceito patrimonialização como um processo.

A presente pesquisa, parte da ideia de que *patrimonialização* é um processo por meio do qual um “bem” (ou seja, algo realmente valorizado por uma coletividade) ou um conjunto de “bens” se constituem/são constituídos em patrimônios culturais, sendo estes (os bens) sempre fruto de uma construção, uma elaboração narrativa, política e simbólica do homem. E, nesse caso, pensar a patrimonialização da devoção e da Romaria da Medianeira implica refletir que esse processo necessita de seleção, de atribuição de valores e de critérios próprios.

---

<sup>149</sup> Idem, p. 26.

<sup>150</sup> Ibidem, p. 21.

<sup>151</sup> PORCIÚNCULA, Bruna. A maior Romaria de todas. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, nº436, 10 de novembro de 2003, p. 7.



Nesse sentido, faz-se necessário deixar novamente explícito ao leitor o que estamos considerando neste trabalho como patrimônio. Um patrimônio é algo dotado de valor, de significância; é algo importante que se acumula e que se transmite através do tempo e também das gerações, enfim, algo que se constitui como um “bem”, uma herança. O patrimônio é também cultural, porque se refere e se insere no campo da cultura e é expresso por meio de práticas e bens culturais. O patrimônio constitui-se em uma espécie de herança cultural. No caso específico dos patrimônios imateriais, como na devoção e Romaria ora apresentadas é necessário evidenciar que a participação dos detentores desses bens e dos grupos interessados neles é pressuposto básico para qualquer ação de reconhecimento e salvaguarda. Sendo assim, a partir desse momento busca-se trazer mais incisivamente “os rostos e as vozes” destas pessoas para a pesquisa, ou seja, os detentores e os interessados no patrimônio, tais como romeiros, partícipes da Igreja e Prefeitura Municipal.

Como se demonstrou anteriormente, trabalhar-pensar patrimônio e, em especial, patrimônio imaterial exige o conhecimento de que existem marcos legais para este estudo, em especial os já citados Decreto-Lei número 25, de 1937; o Artigo 216 da Constituição Brasileira, de 1988 e mais contemporaneamente o Decreto 3.551, do ano 2000, que criou o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e instituiu o registro como instrumento de seu reconhecimento. Além disso, constituem-se marcos históricos referenciais para este estudo e para entendimento do patrimônio brasileiro, a criação do Anteprojeto de Mário de Andrade, a criação da Campanha Comissão Nacional do Folclore, em 1947, e a Campanha Nacional em Defesa Folclore, em 1958, que originou o Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), em 1975, como parte da estrutura do próprio IPHAN.

Também já mencionamos que a pesquisa-estudo do patrimônio implica pensar-se seleção, valores e critérios delimitadores do que se quer observar. E, para isso, o IPHAN nos auxilia a refletir sobre a devoção e a Romaria da Medianeira, na medida em que propõe critérios para esse recorte, para essa seleção de um “bem” que de tão valorizado e de tamanha representatividade constitui-se em um verdadeiro patrimônio. Conforme Posamai,

É na atribuição de determinados valores – nacional, histórico, artístico, arquitetônico, paisagístico, afetivo, entre outros – que se opera a definição do que será considerado patrimônio, portanto digno de preservação, e o que será relegado ao esquecimento [...]. Assim, o valor que é dado a determinado arquitetônico, por exemplo, não se encontra apenas nas suas características físicas e morfológicas, mas em tudo o que ele passará a representar, como a

identidade de determinado grupo, cidade ou nação ou o período histórico ao qual pertenceu, entre inúmeros outros<sup>152</sup>.

Em primeiro lugar, pensar-refletir sobre o patrimônio cultural imaterial vislumbrado na Romaria e na devoção à Medianeira pressupõe entender que o patrimônio é uma *herança* e, sendo assim, necessita de uma longa inscrição no tempo; é cabal para isso, então, que possua *densidade histórica*, ou seja, o “bem” necessita possuir *continuidade histórica*. O patrimônio para ser visto como tal também deve ser possuidor de um *caráter coletivo*, deve ser identificado por sua representatividade da coletividade. Ora, o patrimônio é sempre um “bem” de um grupo de indivíduos que só pode ser pensado dentro de uma comunidade, um grupo social, um segmento, uma base social. O “bem” só transforma-se em patrimônio, material ou imaterial, quando é reconhecido pelo grupo como parte inseparável de sua identidade, de sua história e de sua memória.

Trabalhar com a devoção de um grupo de romeiros e outras pessoas que participam do evento enquanto expressão do patrimônio desses grupos implica perceber que esse “bem” deve ter como critério seu papel e seu valor enquanto transmissor de algo importante entre gerações. Trata-se de outro preceito adotado pelo IPHAN, que diz respeito à *transmissão geracional* (além disso, o bem deve existir no mínimo há três gerações, o que equivale a aproximadamente 75 anos). Nesse contexto, para que a Romaria e a devoção a Nossa Senhora Medianeira sejam verdadeiramente patrimônio – segundo os pressupostos do IPHAN –, estas devem sempre estar inseridas em uma dinâmica de transmissão entre as gerações. Em outras palavras, deve existir em alguma medida um processo de transferência de conhecimentos, técnicas, sentidos, valores e memórias associado ao bem cultural; algo que venha dos mais velhos para os mais novos, o que, nesse contexto, geralmente ocorre por meio da oralidade.

O estudo do patrimônio cultural imaterial pressupõe incorporar ao campo tradicional do patrimônio a dimensão do presente, das práticas culturais que estão e são vivas, do cotidiano, da sincronia, das pessoas presentes nesse processo. Não obstante, “assim como a memória, o patrimônio histórico é uma representação do passado ancorado em experiências relativas ao contexto vivido no presente e com uma projeção futura. Não é um objeto destinado apenas a preservar o passado, mas caracteriza o presente e, possivelmente, constrói um ideal para o futuro”<sup>153</sup>. Essa é uma característica que distingue o patrimônio imaterial do restante, o seu

---

<sup>152</sup> POSSAMAI, Zita Rosane. O patrimônio em construção e o conhecimento histórico. *Ciências & Letras*. Porto Alegre: Faculdade Porto-Alegrense, nº 27, Jan./Jun., 2002, p.17.

<sup>153</sup> KNACK, Eduardo Roberto Jordão. *Modernização do Espaço Urbano e Patrimônio Histórico*, 2007, p. 23.

*caráter dinâmico e processual*<sup>154</sup>. Isso porque “as práticas culturais se deslocam com as pessoas, seguem o ritmo das migrações, ocupando territórios diversos em extensão e características”.

Para que se pense o patrimônio imaterial, o IPHAN aconselha o uso do inventário como método inicial de pesquisa. Nesse sentido, cabe ainda ressaltar que o inventário, quando finalizado, é composto pela lista de bens, pela pesquisa etnográfica e, finalmente, pelo processo de reconhecimento. Um patrimônio que é salvaguardado pelo IPHAN deve enquadrar-se, como já se mencionou, nas seguintes categorias: celebrações, saberes, formas de expressão, lugares ou edificações. Para isso, para que o “bem” seja salvaguardado com registro e que possa ser beneficiado por políticas públicas específicas que visem sua divulgação e manutenção, o patrimônio exige a sua identificação, o seu reconhecimento e, por fim, seu apoio e fomento. Dito isso, deve-se deixar claro que o presente trabalho não tem por objetivo a salvaguarda do patrimônio-devoção a Medianeira ou o seu ápice de expressão, a saber, a Romaria à Medianeira em livro de registros do IPHAN ou em qualquer política pública local. Entretanto, dado a incipiente história de discussão e preservação dos patrimônios no Brasil, utilizar-se-ão métodos similares aos propostos pelo IPHAN para a pesquisa acadêmica de um patrimônio imaterial. Ou seja, trabalha-se com a devoção e com a romaria utilizando-se de métodos como a identificação do “bem”, visto que a proposta é o seu estudo e seu reconhecimento como expressão do patrimônio local. E, assim, através da pesquisa e do registro, a consequente valorização e difusão do patrimônio devoção-Romaria da Medianeira em sua riqueza simbólica.

Na pesquisa de Borin<sup>155</sup>, a autora busca reconhecer os procedimentos que considera estratégicos na formação do catolicismo sul rio-grandense, através de um olhar sobre as fontes de jornais e da análise da Romaria de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, já que ela entende que as estratégias fabricam e manipulam os bens simbólicos. As estratégias (entendidas como uma espécie de mecanismo de controle no processo de construção/invenção da identidade) utilizadas pela Igreja e seus representantes são práticas que levaram à formação da identidade católica no Estado. No caso específico de Santa Maria e da devoção a Nossa Senhora Medianeira pela autora, algumas das estratégias utilizadas em um primeiro momento

---

<sup>154</sup> SILVESTREIN, Mônica Luciana. Patrimônio Imaterial. In: BRASIL. *Patrimônio Imaterial: fortalecendo o sistema nacional*. IPHAN, 2013, p. 12 A manutenção de elementos estruturantes de um bem cultural ao longo do tempo é importante, inclusive para que se possa reconhecê-lo como tal e identificar a sua continuidade. Esses elementos, entretanto, podem ser reelaborados, reinventados dentro de contextos e processos específicos sem que o bem perca, necessariamente, seu valor como patrimônio. Até mesmo porque aquilo que se entende como “elemento estruturante” não se refere exclusivamente às características pontuais – como seria um adereço, o uso de um instrumento ou uma marcação coreográfica-, mas a processos, relações de significados e pertinência que se estabelecem no seio das dinâmicas culturais.

<sup>155</sup> BORIN, Marta Rosa. *Por um Brasil católico*, 2010b.

foram a comemoração de um “falso centenário”, a elaboração de uma insígnia pública municipal que remete à religião e à propagação a nível local, regional e nacional da devoção mariana à Medianeira, temas estes analisados por Borin (2010a). Nesse contexto destaca-se que a devoção mariana, mesmo sendo uma crença que pode pertencer ao campo religioso, também interessa e pertence ao mesmo tempo ao campo cultural e político, tendo em vista que fundamenta grupos da sociedade.

Um dos marcos a destacar-se para a consolidação do catolicismo e a “conquista das almas” na cidade ocorreu na comemoração do 1º centenário de Santa Maria, celebrado em 1914. Para Borin, esse evento se pode atribuir um grande valor simbólico no processo de fabricação-construção da identidade devocional-romeira da cidade. Essa celebração foi uma iniciativa do primeiro bispo local – Dom Miguel Lima Valverde (1912-1922). Sobre o dito “falso centenário”, Borin aponta:

O evento foi polêmico, porque o bispo considerou como fundação da cidade a data da chegada do primeiro Cura, em 1814, o padre Antônio José Lores. Esta data, anos mais tarde foi refutada por historiadores locais e homens letrados que, ao considera-lo como “falso centenário” atribuíram uma pretensão da Igreja católica, pois, considera-se o ano de aniversário da cidade 1858, quando ela foi elevada à condição de município<sup>156</sup>.

Sobre isso a autora entende que “ao manipular uma data comemorativa em favor da Igreja estavam tentando legitimar a preponderância católica da cidade perante seus concorrentes”. Borin acrescenta ainda que “essa comemoração, por outro lado, contribuiu também para a construção da memória coletiva da cidade”<sup>157</sup>.

E é essa devoção que ora defende-se como sendo hoje possuidora de características passíveis de identificação como um patrimônio cultural imaterial. Apoia-se também a ideia de Pohl quando o mesmo diz que “a sociedade humana na construção de sua história elege alguns exemplos para serem lembrados como os maiores representativos de sua cultura, sua arte, sua literatura, etc, para se tornarem sua memória”<sup>158</sup>. Nesse contexto, mais alguns momentos e elementos podem ser destacados como extremamente relevantes para a construção da devoção e para sua patrimonialização.

Durante os mais de 70 anos de existência das romarias à Medianeira, uma espécie de mito fundador foi mencionado como forma de legitimar a festa e a devoção à santa, sendo

<sup>156</sup> BORIN, Marta Rosa. Fabricando identidade, 2010a, p. 05.

<sup>157</sup> Idem.

<sup>158</sup> POHL, Ângelo Inácio. Patrimônio Cultural e Representações. In: MILDNER, Saul Eduardo Seiguer (Org.). *Educação Patrimonial: perspectivas*. Santa Maria: UFSM-LEPA, 2005, p.65-66.

invocado inúmeras vezes nos jornais *Diário do Interior* e *A Razão* e mais tarde também no *Diário de Santa Maria*, atestando como marco devocional a “salvação” da cidade de Santa Maria na Revolução de 1930, já abordada no primeiro capítulo deste trabalho. Padre Valle deixou-nos o registro de que a população santa-mariense dizia: “*A medianeira nos salvou*”. Além disso, nas primeiras décadas de construção/formação da devoção e das romarias, ela foi embasada pela história de vida e pela figura do padre Rafael Valle, que trouxe a devoção a Santa Maria e que, a partir do Seminário São José, espalhou-se por todo o Rio Grande do Sul.

Na construção da devoção e do festejo foi importante para o catolicismo local o uso de meios<sup>159</sup> pelos quais se pudesse organizar a fé da população, destacando-se a ordenação da festa pela Igreja com a criação do hino, do quadro-imagem da santa e a elaboração dos tríduos, já mencionados. Em matéria solicitada no jornal *A Razão*, de 03 de maio de 1936<sup>160</sup>, o padre convida os fiéis para participar das missas do tríduo, mas principalmente a participar da Romaria no domingo próximo, chamando a atenção para o aumento no número de devotos a participar: “grande e extraordinário será o número de romeiros que neste ano afluirão a nossa cidade para homenagear Nossa Senhora em seu santuário e agradecer-lhes favores recebidos”. Nota-se que mesmo ainda não sendo um santuário, mas apenas um local de devoção planejado para abrigar o Santuário-Basílica, o jornal já o noticia como tal, dado o prestígio adquirido pela santa que já nos primeiros anos de devoção teria realizado pedidos dos fiéis. Não obstante, lembra-se que o lançamento da pedra fundamental para a construção do santuário-basílica da Medianeira deu-se um ano antes, em 15 de agosto de 1935, pelo terceiro bispo de Santa Maria, Dom Antônio Reis.

Apenas dois anos mais tarde, o mesmo jornal já falava na “predestinação” da cidade para a devoção à Medianeira dizendo: “Santa Maria vive hoje um dos momentos marcantes de sua predestinação histórica”. A matéria da “Seção Religião”<sup>161</sup> aproveita para organizar o festejo que vem crescendo ano a ano, informando o horário das missas, mas também tratando de questões práticas, como o cardápio e o preço do almoço e do café da tarde, assim como informa a apresentação de um conjunto musical no final do dia. A partir do exposto, nota-se que mesmo a Igreja tendo promovido e regulamentado a devoção as Romarias por meio de atividades intensas, o caráter profano<sup>162</sup> das festas religiosas não se esvai, nem tampouco

<sup>159</sup> Ver mais sobre o uso da imprensa pelos católicos em Borin (2010b).

<sup>160</sup> A RAZÃO. Seção Religião. *A Razão*. Santa Maria, n. 136 03 de maio de 1934, p. 03.

<sup>161</sup> A RAZÃO. Seção Religião. Santa Maria, n.1.033 17 de maio de 1938, p. 02.

<sup>162</sup> Profano diz respeito ao que não pertence à religião, é oposto a que se deve a coisas sagradas, é o que não é sagrado e pertence ao campo do leigo. Em teoria ou para a Igreja o profano não pertence ao campo do religioso, entretanto vemos a religião e o profano como algo pertencente ao um campo maior da cultura e principalmente são coisas indissociáveis para quem mais nos importa na pesquisa, ou seja, os fiéis, romeiros e peregrinos.

diminui, o que pode ser averiguado pela parte da festa que é repleta de “comes e bebes”, assim como aconteceu no encerramento daquele dia dedicado à devoção, que findou com uma festa com direito à banda musical. Sobre as festas de caráter religioso, salienta Segalen: “está claro que apresentam características mistas, tendo sempre associado um viés, sagrado ou sacralizante ao divertimento.”<sup>163</sup>

Em matéria de *A Razão* de 05 de maio de 1939, o jornal traz como manchete o título: “Constituirá uma invulgar demonstração de religiosidade a Romaria ao Santuário de Nossa Senhora Medianeira”. Dom Antonio<sup>164</sup> assim se manifestou: “o dia de hoje deve ser para todos os católicos um dia de grande júbilo e de profunda gratidão a Deus pelas glórias de nossa mãe”. Ele fala também do exemplo da Virgem Maria enquanto modelo para a mulher cristã, que deve ser pura e virtuosa, e esclarece que quem faz a guarda de honra da imagem da Medianeira são as escolas e algumas associações, bem como traz os horários do tríduo e da missa que consagrou as famílias a Nossa Senhora Medianeira. A partir do exposto podemos ver a devoção à Medianeira difundir-se entre vários segmentos da sociedade, tais como mulheres, estudantes, participantes de associações e das famílias santa-marienses em geral. Para isso, envolve esses grupos ora pela fé, ora pelo exemplo a ser seguido pelas mulheres, ora consagrando famílias inteiras a Nossa Senhora.

Cerca de doze anos depois do surgimento da devoção à Medianeira na cidade, os bispos do Estado consagraram o Rio Grande do Sul à Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, declarando-a a padroeira principal. Para Borin “a devoção à Nossa Senhora Medianeira possibilitou à Santa Maria o mérito de dar o maior presente cristão ao Estado: uma padroeira.”<sup>165</sup> Participamos da tese de Borin, pois também se percebe que com todo este capital simbólico que a cidade de Santa Maria tornava-se um centro de peregrinação dos fiéis católicos e demais devotos à Nossa Senhora<sup>166</sup>.

Esse crescimento pode ser confirmado ao analisar-se um montante significativo de vezes em que o jornal *A Razão* falou sobre o aumento do número de romeiros e da relevância que vem tomando a devoção e as romarias. Assim, em matéria do periódico, destaca-se que: “Um dos acontecimentos máximos para o mundo católico. Em Santa Maria fato de grande significação e que atrai anualmente milhares de peregrinos fieis e devotos da santa. Esse ano é

<sup>163</sup> GUIDOLIN, Camila; WINTER, Murillo; ZANOTTO, Gizele. Plasticidade ritual: um estudo de caso das romarias de Passo Fundo. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo(RS)*. Passo Fundo: Méritos, 2011, p. 197.

<sup>164</sup> A RAZÃO. Constituirá uma invulgar demonstração de religiosidade a Romaria ao Santuário de Nossa Senhora Medianeira. Santa Maria, 5 de maio de 1939, p. 04.

<sup>165</sup> BORIN, Marta Rosa. *Fabricando identidade*, 2010a, p. 10.

<sup>166</sup> Ver mais em Borin (2010a e 2010b) e Borelli (2007).

enorme o fervor católico. De Porto Alegre virão cerca de seiscentos peregrinos dos Círculos Operários”<sup>167</sup>. Em outra matéria do mesmo jornal o enfoque também é dado para o montante de fiéis que iriam à Romaria, bem como salienta as diferentes cidades de origem dos peregrinos:

Cada dia aumenta o interesse do mundo católico do Rio Grande do Sul para a grande romaria ao santuário da Medianeira. As cidades de onde virão romeiros: Porto Alegre, Caxias do Sul, Canoas, Gravataí, Santa Cruz do Sul, Uruguaiana, Bagé, Livramento, Alegrete, Pelotas, São Gabriel, Cruz Alta, Ijuí, Iraí, Julho, Tupã, entre outros.<sup>168</sup>

Assim, além de enumerar e legitimar a fé na Medianeira e conseqüentemente as romarias estaduais por meio do registro das cidades das quais havia participantes, a hegemonia do festejo também é atestado pelo uso da palavra “mundo católico” – antes se utilizara o termo milhares de pessoas, mas agora a “massa” é qualificada como “mundo católico” que participará da Romaria. Segundo Borin,

A identidade católica de Santa Maria, em seguida vai aparecer em um estandarte confeccionado pelas irmãs franciscanas de Porto Alegre. A insígnia sustentada por uma vara horizontal, presente de famílias ilustres da cidade à Igreja e à população devota, continha, não somente uma pintura representando Nossa Senhora Medianeira, mas uma mensagem simbólica que, quando levantada à frente do cortejo nas romarias, representava a armadura de devoção no enfrentamento aos anticlericais<sup>169</sup>.

Anos mais tarde, já na década de 1960, foi o próprio poder público que se utilizou de uma estratégia para valorizar o catolicismo através da devoção à Medianeira. A estratégia utilizada pela Prefeitura foi a alteração de um dos símbolos mais significativos da cidade: o brasão de armas do município. A este símbolo foi agregado pela Câmara de Vereadores, ou seja, pelo poder local, a letra “M”, que representa Maria Santíssima. Assim, a Igreja aproveitasse da legitimação do poder civil, bem como o poder civil se apropriou do prestígio conquistado pela devoção a Maria para o seu reconhecimento. Com essa iniciativa pode-se suspeitar que o poder público municipal da época reconheceu sua predileção religiosa, visível simbolicamente no brasão<sup>170</sup>.

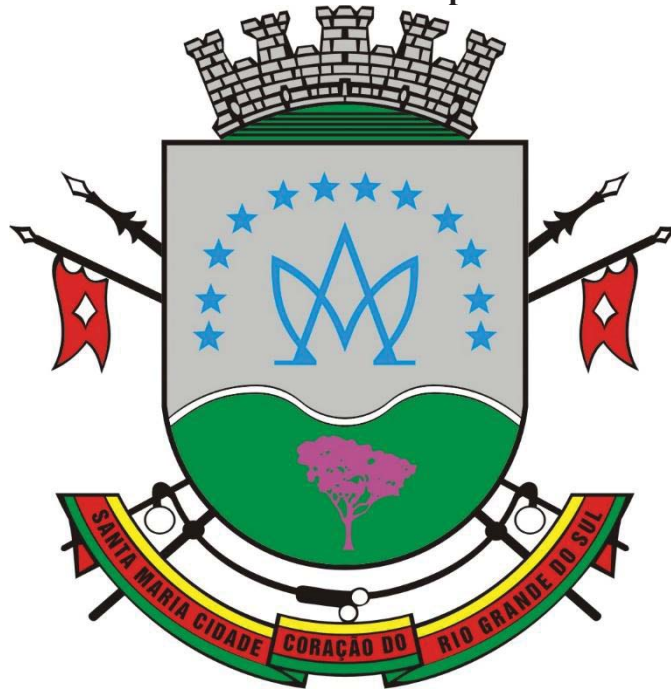
<sup>167</sup> A RAZÃO. Domingo o Rio Grande católico total na romaria à Medianeira. Santa Maria, 03 de maio de 1940, p. 04.

<sup>168</sup> A RAZÃO. Religião - Caxias do Sul: 300 pessoas a romaria ao santuário da Medianeira domingo próximo. Santa Maria, 09 de maio de 1940, s/p.

<sup>169</sup> BORIN, op. cit., 2010a, p. 10. Ver também Borin (2010b).

<sup>170</sup> Borin (2010a.) defende a tese da estratégia de alteração da insígnia pública em sua pesquisa. Para a autora fica adotado como símbolo heráldico de Santa Maria, o seguinte escudo d’armas: “Escudo português em campo de prata, com sigla de Maria Santissima, de cores azuis, circundadas de duas estrelas da mesma cor, sobre um terraço de dois montes de sua cor. Apoios: duas lanças com bandeirolas vermelhas, estas com losango branco,

**Figura 4: Brasão de Armas do Município de Santa Maria/RS**



**Fonte:** PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. Downloads. *Prefeitura Municipal de Santa Maria*. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/index.php?secao=downloads>>

Segundo Borin, a devoção à Medianeira também passou a ser representada no brasão de armas da cidade que, a partir de então, passou a acompanhar a bandeira do Estado e a do Vaticano em todos os eventos solenes da cidade, sendo colocada na Câmara de Vereadores, na Prefeitura e nas outras repartições públicas municipais. Por outro lado, deve-se ressaltar que ao mesmo tempo em que a devoção à Medianeira gerou uma identidade para parte da população local, agregando poder à Igreja e ao governo municipal através da Romaria em honra a Nossa Senhora Medianeira, deve ter gerado tensões tendo em vista existência de vários outros cultos. Nesse contexto, participa-se da ideia de Knack sobre a memória:

A memória patrimonial é sempre uma tentativa de legitimar/deslegitimar. A aliança entre memória e poder exprime-se na elaboração de forma estruturada do conhecimento histórico. Os poderosos hegemonomizam não só o passado, mas também o futuro: querem ser recordados e, para esse fim, erguem monumentos em lembrança de suas atividades, fazem-no de modo a que essas venham a ser lembradas, cantadas pelos poetas, eternizadas em monumentos e arquivadas<sup>171</sup>.

---

cruzadas em sautor, por trás do escudo, sobre duas lanças indígenas da mesma posição, ligadas nos cantos por uma boleadeira gaúcha. Divisa: em listel, com as cores da bandeira de Piratini, a legenda em letras de prata: Santa Maria, cidade coração do Rio Grande sul. Timbre: Coroa mural de praia, de 5 torres.

<sup>171</sup> KNACK, Eduardo Roberto Jordão. *Modernização do Espaço Urbano e Patrimônio Histórico*, 2007, p. 25.



Nesse contexto, “a devoção, teoricamente, não caracteriza mais a população como ingênua ou ignorante por acreditar em Nossa Senhora, pois agora havia respaldo não somente da hierarquia da Igreja católica, mas também do poder civil”<sup>172</sup>. Nesse sentido, reforça Borin:

A cidade de Santa Maria ao se tornar um centro de peregrinação em honra a Nossa Senhora Medianeira, pode ser oficialmente identificada pela religiosidade da população, pois a devoção mariana também passou a refletir sociabilidade quando a população civil, na pessoa do prefeito, assumiu posição de frente junto ao bispo, emoldurado com pompa e o brilho das bandeiras as romarias em honra a Nossa Senhora Medianeira.<sup>173</sup>

Assim, apoia-se a tese do Borin e defende-se a ideia de que “as romarias em honra a Medianeira possibilitaram ao Estado apropriar-se do poder da Igreja católica ao reunir diferentes grupos sociais com interesses distintos e até divergentes”<sup>174</sup>. Nesse contexto salienta-se como um dos marcos da patrimonialização da devoção à Medianeira a construção da Basílica, que iniciou em 1935 e durou décadas, assim como a construção do altar-monumento na década de 1970, onde desde então são rezadas as missas da Romaria. No ano de 1969, Dom Luiz Victor Sartori (1960-1970), então Bispo Diocesano, organizou a Comissão Pró-Construção do santuário e do altar monumento. O jornal publicou os cartazes em promoção do altar-monumento a Medianeira.

**Figura 5: Romaria de 1969**



**Fonte:** *A Razão*. Hoje à Romaria: “Ser cristão é construir”. Santa Maria, 08 de novembro de 1970, n. 26, p.03.

<sup>172</sup> BORIN, Marta Rosa. Fabricando identidade, 2010a, p. 12.

<sup>173</sup> Idem, p. 10.

<sup>174</sup> Ibidem, p. 12.

As décadas de 1960 e 1970 também foram marcadas por melhorias na estrutura do evento. Segundo *A Razão* de 05 de novembro de 1970, além da manchete chamando atenção para o número de fiéis – “Santa Maria receberá domingo 100 mil romeiros”<sup>175</sup> –, a matéria jornalística trata sobre os ônibus que virão de várias cidades, demonstrando uma mudança nos meios de transporte, assim como menciona a novena móvel que seria acompanhada por uma procissão automobilística e as diferenças no número de dias em que ocorrerão as missas, que aumenta de três para nove dias. Além disso, o jornal destaca a presença do Arcebispo Dom Vicente Scherer (1946-1981), que iria de Porto Alegre para Santa Maria no sábado. O texto traz ainda a informação de que o altar e as tendas já se encontravam prontos para receber os visitantes e a disposição de dois pontos de informação para os romeiros. A Romaria contaria ainda com outros colaboradores: o CDL, os Conselhos Comunitários das Paróquias, a Universidade, a Prefeitura e a Brigada Militar.

A próxima notícia sobre a Romaria da Medianeira data do dia 08 de novembro do ano corrente. O jornal<sup>176</sup> dá ênfase aos grandes preparativos na cidade para a Romaria, bem como da expectativa quanto ao número de fiéis que deveria ultrapassar as 100 mil pessoas. A estrutura para a festa também já é anunciada com altar e tendas prontos. A atenção especial refere-se à possível presença do então Governador, Walter Peracchi Barcellos, que deveria ir acompanhado de sua esposa, Estella Aluise, e de altos funcionários do Estado. Esperava-se ainda a presença do recém-eleito novo governador, o coronel Euclides Triches, e do vice Edmar Fetter, que foram especialmente convidados pela direção da Romaria.

Em 21 de abril de 1974, toma posse como bispo diocesano Dom Ivo Lorscheiter<sup>177</sup>, que liderou, juntamente com a Comissão Central, a conclusão do altar-monumento e o Santuário Basílica. No ano seguinte, após intensa campanha local da Igreja e dos fiéis, finalizou-se a construção do altar-monumento, inaugurado durante a 32ª Romaria Estadual, que teve como celebrante Dom Albino Luciani, Cardeal Patriarca de Veneza, religioso que, em 1978, veio a tornar-se o papa João Paulo I. Mesmo tratando a Romaria e a devoção a Nossa Senhora Medianeira como um patrimônio imaterial de um grupo de indivíduos, a importância do local e dos marcos representativos da devoção à Medianeira são expressivos também para as identidades, memórias e práticas dos fiéis. Nesse sentido, Félix entende que

<sup>175</sup> A RAZÃO. Santa Maria receberá domingo 100 mil romeiros. Santa Maria, n. 24, 05 de novembro de 1970, p.03. Além disso, a data das romarias que são mudadas do mês de maio para o mês de novembro.

<sup>176</sup> A RAZÃO. Grandes preparativos para a 27ª romaria da Medianeira. Santa Maria, n. 25, 06 de novembro de 1970, p. 05.

<sup>177</sup> Mais sobre o bispado de Dom Ivo L. consultar Marta Rosa Borin .(2010b).

a identidade também está ligada ao espaço, onde a lembrança de lugares e objetos fixa a memória, organizando, criando referências aos sujeitos. No caso de uma identidade voltada a algo “efêmero”, algo que não existe e não existiu ainda, também pode ter referenciais de identidade baseados em memórias, em lembranças, não necessariamente vinculadas a um espaço, mas podem estar ligadas a um local específico<sup>178</sup>.

O ano de 1980 foi marcado pelas comemorações dos 50 anos da devoção à Medianeira<sup>179</sup>, mas também marca a mudança no trajeto: a “Romaria tem novo trajeto esse ano. Lema: 50 anos de graças”<sup>180</sup> (Figura 6). Já a edição de 04 de novembro anuncia a comemoração do “Cinquentenário da devoção à Medianeira”<sup>181</sup> e para isso traz um extenso relato quase que cristalizando-santificando o início da devoção. Esse exemplar retoma a história da Romaria, salienta o descerramento da placa de comemoração dos 50 anos da devoção e anuncia a presença do Padre Valle (na época com 78 anos), que deveria estar presente na Romaria e também lançaria seu livro *50 anos de graça*. Nesse ano a Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos lançou um carimbo comemorativo da devoção à Medianeira e, portanto, todos os documentos que saíram de Santa Maria, via Correios, tiveram esse carimbo impresso, num período de 10 dias.

**Figura 6: Convite para a Romaria**



**Fonte:** *A Razão*. Cinquentenário da devoção à Medianeira. Santa Maria, 4 de novembro de 1980.

<sup>178</sup> FÉLIX, Loiva Otero. *História & memória a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: Ediupf, 1998, p. 38-42.

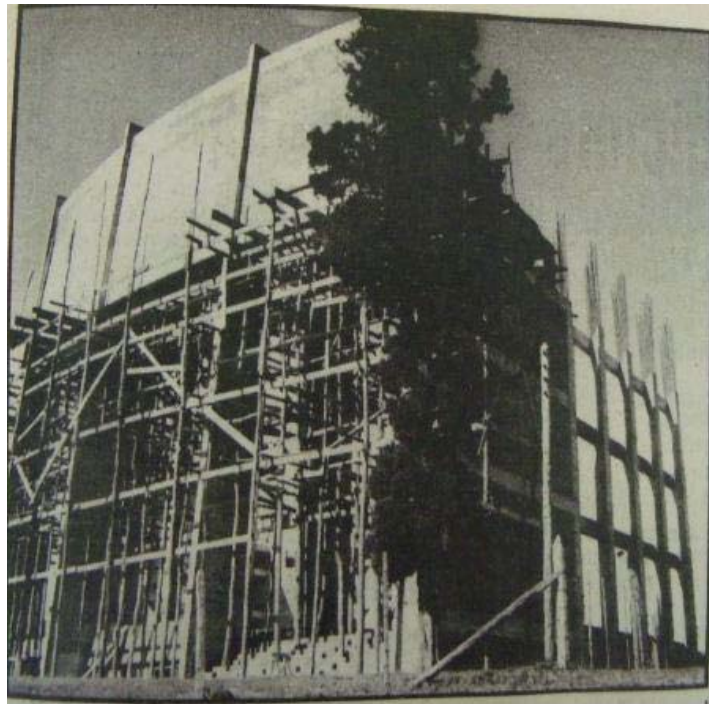
<sup>179</sup> Sobre o cinquentenário da devoção a Medianeira em Santa Maria consultar Marta Rosa Borin.

<sup>180</sup> A RAZÃO. Romaria tem novo trajeto esse ano. Santa Maria, ano 42, 01 de novembro de 1980, p. 14.

<sup>181</sup> A RAZÃO. Cinquentenário da devoção à Medianeira. Santa Maria, 04 de novembro de 1980, p. 03.

A próxima edição em que constam notícias sobre a Romaria data de 05 de novembro e a ênfase é dada aos grandes esforços empreendidos até agora em prol da construção da Basílica, bem como da empreitada que ainda se tem para a conclusão desse objetivo que deve ser comum a todos os fiéis. Essa edição traz uma fotografia da ala oeste da Basílica, já estava construída. A Igreja, por meio do periódico, presta contas à comunidade relatando o preço dos materiais e informando que todo valor até então arrecadado havia sido investido na obra. Segundo *A Razão*, “os trabalhos no santuário não sofrerão qualquer paralização para o futuro. Mas, para isso, o povo deve ajudar”. Segundo a Comissão Organizadora, “a Romaria deste ano será a maior até hoje realizada”. Também prestam conta da construção do altar-monumento relatando que foi construído entre os anos de 1972-1977, com verbas provindas da Romaria, das contribuições particulares, dos Legionários e da venda dos ossuários na Cripta.

**Figura 7: Fotografia a ala oeste da Basílica da Medianeira**



**Fonte:** *A Razão*. Os trabalhos para concluir o santuário da Medianeira. Santa Maria, 05 de novembro de 1980.

Quanto à construção do Santuário, até o momento haviam sido gastos 10 milhões; entretanto, a matéria chama atenção para o fato de ainda serem necessários mais 6 ou 7 milhões de cruzeiros. Segundo o jornal, “tudo que a Comissão Central planejou exigiu uma soma de esforços quase insuportáveis, mas não impossíveis. Muita coisa foi feita mesmo a custo de

sacrifícios pessoais, incompreensão, críticas ferinas e, felizmente com muito apoio”<sup>182</sup>. Os redatores finalizam a matéria dizendo que “após concluído o santuário e o parque serão um polo de atração religiosa, social e turística. As peregrinações não serão só anuais, a exemplo da de Aparecida - SP”<sup>183</sup>.

A partir do exposto nota-se que não só a Igreja empenhou-se para a construção do santuário, mas também uma grande parcela dos devotos da santa por meio do trabalho de devotos e partícipes da Igreja Católica, mas que a empreitada – quase uma cruzada pela construção do santuário – ainda não havia acabado. Também se chama a atenção para o fato de que mesmo a basílica tendo sido projetada para receber cerca de 100 mil fiéis, a projeção dos padres e engenheiros não previu o aumento significativo que a romaria teria nos próximos anos, entretanto, já em meados dos anos 80<sup>184</sup> os próprios clérigos antecederam a turistificação do evento quando disseram que ela também será “um polo de atração turística”, equivocando-se, todavia, quando acreditaram que as Romarias poderiam acontecer mais de uma vez ao ano a exemplo das romarias ao santuário de Nossa Senhora Aparecida.

Mesmo com a Romaria crescendo consideravelmente ano a ano, a legitimidade da devoção também era atestada pela presença das autoridades político-administrativas. Não obstante, o referido jornal fala sobre a Campanha Azul e Branca (as cores da Medianeira), ou seja, a campanha pela finalização da Basílica, pedindo: “todos os santa-marienses que quiserem ajudar podem pagar mais 10 cruzeiros junto da conta de luz, nos bancos”<sup>185</sup>. No jornal *A Razão* de 07 de novembro de 1980 a manchete dizia: “Governador confirma sua presença”<sup>186</sup>. O decorrer da reportagem iria reafirmar a importância das “presenças ilustres” dos políticos regionais e locais para prestigiar a festa, bem como para demonstrar a fé na “Mãe Medianeira”. Segundo o jornal, o bispo, o Padre Ignácio, João Trevisan e Cazemiro Bolsan foram a Porto Alegre convidar pessoalmente o governador, entre outros políticos, para a Romaria. Também destaca que todos os preparativos para a Romaria já estavam prontos, bem como havia dezenas de pessoas do bairro Medianeira preparando doces, cucas e tortas para a festa.

<sup>182</sup> A RAZÃO. *Os trabalhos para concluir o santuário da Medianeira. Caderno de esportes*. Santa Maria, 05 de novembro de 1980, p. 07.

<sup>183</sup> Idem.

<sup>184</sup> Segundo jornal *A Razão*, Santa Maria contava com uma população de 192.000 habitantes, ou seja, se o montante de fiéis que vem anualmente a romaria fossem só santa-marienses, cerca de metade da cidade estaria na procissão no segundo domingo de novembro. A RAZÃO. Romaria tem novo trajeto esse ano. Santa Maria, ano 47, nº 22, 07 de novembro de 1980, p. 03.

<sup>185</sup> A RAZÃO. Governador não vem para a romaria. Santa Maria, 06 de novembro de 1980, Ano 47, nº 21, p.01.

<sup>186</sup> A RAZÃO. Caderno de variedades. *A Razão*. Santa Maria, 07 de novembro de 1980, Ano 47, nº 22, p. 08.

A inauguração oficial do santuário<sup>187</sup> foi em 1985, realizada por Dom Carlos Furno (1982-1992), então Núncio Apostólico do Brasil, e na presença de vários bispos do estado. Em 1987, recebeu o título de Basílica, passando a chamar-se Santuário – Basílica da Medianeira, por decreto especial da Sagrada Congregação do Culto Divino. A Basílica da Medianeira é a única do Estado a ter distinção pontifícia. “A igreja, mãe e educadora reconhece no santuário uma presença sobrenatural, por isso, para lá conduz seus filhos para regenerá-los ou fortalecer a sua fé, aumentar e animar a sua fé”.<sup>188</sup> Além disso, segundo padre Belmonte, “a Basílica da Medianeira, além de ser reconhecida pelas autoridades eclesásticas, é nela que Deus concede aos gaúchos e todas as pessoas graças especiais”<sup>189</sup>.

Percebe-se que a Basílica, enquanto espaço-físico de exaltação da crença e local de recebimento dos romeiros após as procissões, configura-se como um lugar, segundo definição de Tedesco, “os lugares são expressões dos sentidos do vivido das pessoas; lugares e pessoas/grupos se marcam, identificam-se; por isso, são importantes e auxiliam pra recuperar algo passado”.<sup>190</sup> Além disso, pode-se acrescentar que os santuários, assim como o de Nossa Senhora Medianeira, são lugares especiais, visto que, para os fiéis, estes espaços oferecem (assim como no percurso da Romaria) a vivência de um tempo sagrado (inviolável, profundamente venerável, puro, santo).

**Figura 8: Basílica da Medianeira**



<sup>187</sup> A basílica da Medianeira foi idealizada por Dom Antonio Reis na década de 1930, mas foi finalizada na gestão do padre Dom José Ivo Lorscheiter.

<sup>188</sup> Site da Basílica da Medianeira. Disponível em: <[www.basilicadamedianeira.com.br](http://www.basilicadamedianeira.com.br)>. Acesso em: 03 dez. 2012. Mudou para <http://www.santuariomedianeira.com.br/content/home/default2.asp>

<sup>189</sup> BELMONTE, Sergio Pe. *Povo Gaúcho, eis aí Tua Mãe*. Santa Maria: Pallotti, 1999, p.49.

<sup>190</sup> TEDESCO, João Carlos. *Passado e presente em interfaces-introdução a uma análise sócio-histórica da memória*. Paso Fundo: Universidade de Passo Fundo; Xanxerê: Universidade do Oeste de Santa Catarina; Porto Alegre: Suliani Letras & vida, 2011, p.194.

**Fonte:** ROCHA, Pe. Ailton. O que é a Romaria de Medianeira? *Blog Medianeira de Todas as Graças*. Disponível em: <<http://mariamedianeira.blogspot.com.br/2012/06/o-que-e-romaria-da-medianeira-estadual.html>>

**Figura 9: Vitrais da Basílica representando Medianeira**



**Fonte:** *A Razão*. A Santa que move fiéis e a economia. O que visitar na Basílica da Medianeira. Santa Maria, ano 77, n.31, 13 e 14 de novembro de 2010, p 12.

### **2.3 “Quem faz a romaria é o povo” – entram em cena os principais detentores do bem**

Nos anos 90 o jornal *A Razão* modernizou-se trazendo um novo *layout* e mais páginas coloridas. Mas, principalmente chama-se a atenção para o fato de que seu enfoque para a Romaria também se modifica, trazendo a partir de agora não só uma ótica que mostra o evento a partir dos líderes, organizadores e das personalidades políticas que participam da Romaria. A partir dos anos 1990 os fiéis – aqueles que geralmente não têm pretensões de aparecer nos jornais, mas sim, demonstrar sua devoção à Medianeira – passam também a ser foco de interesse e divulgação. Além do aumento considerável no número de fiéis participantes que dobra em dez anos, ou seja, vai de 100.000 pessoas para 200.000, a Romaria não é mais somente uma devoção local e regional, mas traz indivíduos do país inteiro, como é atestado pela capa do jornal *A Razão* de 08 e 09 de novembro de 1990. O jornal também traz uma matéria que relata os motivos pelos quais os devotos pedem na Romaria. De maneira geral, o jornal diz que as pessoas vão à Romaria para alcançar ao menos uma graça, assim como boa

parcela destes estavam lá para agradecer algo que alegam já terem recebido por intermédio da santa.

Ao longo dos primeiros 60 anos de existência do jornal *A Razão* pode-se perceber que, enquanto representante da imprensa<sup>191</sup> de Santa Maria, colaborou para a construção, a difusão, a reconstrução e a manutenção do imaginário em torno da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Nesse contexto, entende-se que “o imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento de uma determinada sociedade, manifesta-se por imagens e discursos que pretendem criar uma definição própria da realidade. Porém, as imagens e os discursos sobre o real não são exatamente o real”<sup>192</sup>. Assim, o jornal, por mais que auxilie ou ajude a criar o imaginário em torno da santa e da devoção, não retrata o real dessa devoção. O jornal serviu e ainda serve de alicerce para o fenômeno, bem como aporte na interpretação das pessoas que o leem sobre esse evento.

De maneira geral, o jornal auxiliou a Igreja e os devotos publicando os horários e os locais das missas, das novenas e das romarias. Também se percebe por meio da análise de *A Razão* as inúmeras mudanças na estrutura do evento que ampliou não só o espaço para receber essa demanda de crescimento dos fiéis romeiros (concretizando um espaço físico para a devoção), como implantou outras mudanças. Dentre elas, destacam-se: ornamento nas ruas; melhor iluminação pública no trajeto; instalação de alto-falantes para que os romeiros acompanhem a Romaria com rezas e cânticos; instalação e ampliação do transporte público e particular (“Santa Maria tem novo esquema especial”, *A Razão*, 09/11/1990); investimento na construção de barracas para o comércio alimentício e o de produtos religiosos. Houve também alteração no mês da festa, que era maio e passou para novembro. Da mesma forma, o que inicialmente era um tríduo passa a ser uma novena, bem como mudou o trajeto da Romaria, aumentando o percurso e modificando o próprio nome da Avenida em frente ao santuário, passando a chamar-se Avenida Medianeira. Pelas inúmeras vezes em que a história do início da devoção à Medianeira é contada pelo jornal *A Razão*, entende-se que a reprodução do discurso, nesse caso, faz com que a memória em torno da santa se cristalice.

Em matéria do jornal *A Razão* de 9 de novembro de 2000, se retoma a história da criação da devoção e das Romarias e se atesta sua relevância recontando a história da visita do então futuro Papa João Paulo I, Albino Luciani. Ele esteve presente e presidiu a 32ª festa da Medianeira, trazendo da Itália e doando à Basílica a imagem de Nossa Senhora da Saúde, que

---

<sup>191</sup> Para saber mais sobre a relação da imprensa com a devoção a Medianeira consultar o trabalho de Viviane Borelli (2007).

<sup>192</sup> POHL, Ângelo Inácio. Patrimônio Cultural e Representações, 2005, p.70.



se encontra hoje na cripta e que simboliza o centenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul.

Como se sugeriu anteriormente, ao analisar os jornais pode-se perceber a hierarquia existente durante o trajeto. As matérias escritas, assim como as fotografias, atestam certa ordem de importância das pessoas durante a romaria da imagem da “Mãe Medianeira”. Essa hierarquia fica evidenciada nas organizações e durante as procissões, questão analisada por Elias Canetti: “a ordenação nas romarias pelo catolicismo relaciona-se à tentativa de sua domesticação”<sup>193</sup>. E, nesse caso, a procissão deve evidenciar as diferenças do poder hierárquico e dos conflitos simbólicos que mobilizam esforços em cada situação específica.

Se nos anos 80 tem-se na manchete do jornal a notícia “Governador confirma sua presença”<sup>194</sup>, nos anos 2000, com o surgimento de um novo jornal na cidade, o *Diário de Santa Maria*<sup>195</sup>, tem-se a notícia “a Romaria reuniu ex-adversários”<sup>196</sup>. Nessa edição, a matéria credita a Nossa Senhora Medianeira o encontro entre políticos adversários nas eleições municipais, o governador do Estado na época – Germano Rigotto – e o bispo em exercício Dom Hélio Adelar Rubert (2004-atual Arcebispo). Nesse contexto, concorda-se com Borin, quando afirma que “as tensões e as ideologias se anulam, pois as romarias, com todo o aparato de seu universo simbólico, não eram privilégio dos devotos, mas também de políticas com ideologias distintas e definidas.”<sup>197</sup> A autora citada anteriormente acredita que “os políticos se unem em prol de seus interesses e não pela devoção”. Isso se verifica através da participação de políticos de diferentes partidos unidos à Igreja Católica em prol da devoção à Medianeira, o que reforça e legitima essa imagem perante o imaginário da sociedade partícipe das Romarias.

Para Carvalho, o imaginário é um elemento-chave para qualquer regime político, sendo preponderante para sua definição e organização da sua identidade:

a elaboração de um imaginário é parte integrante de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se podem atingir não só a cabeça, mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus

<sup>193</sup> CANETTI, Elias. Apud: GUIDOLIN, Camila; WINTER, Murillo; ZANOTTO, Gizele. Plasticidade ritual: um estudo de caso das romarias de Passo Fundo. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS)*. Passo Fundo: Méritos, 2011, p. 192.

<sup>194</sup> A RAZÃO. Caderno de variedades. *A Razão*. Santa Maria, 07 de novembro de 1980, nº 22, p. 08.

<sup>195</sup> O *Diário de Santa Maria* é um jornal de circulação diária na região central do Estado do Rio Grande do Sul e é mantido pelo Grupo RBS. Ele foi criado no ano de 2002, em Santa Maria, e desde 2004 detém o primeiro lugar em vendas do mercado local. Atualmente, o *Diário de Santa Maria* abrange trinta e três municípios.

<sup>196</sup> LEMOS, Iara. Uma típica romaria da Medianeira: romaria reuniu ex-adversários. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, n.751, 15 de novembro de 2004, p. 05.

<sup>197</sup> BORIN, Marta Rosa. *Fabricando identidade*, 2010a, p. 12.

inimigos, organizam seu passado, presente e futuro. O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também – e é o que aqui me interessa – por símbolos, alegorias, rituais, mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos<sup>198</sup>.

O jornal de 17 de novembro de 2004 mostrou que a Romaria reuniu “políticos devotos” em Santa Maria, como o governador do Estado, Germano Rigotto, que relatou: “Estamos no final do segundo ano de governo. Agradei a tudo que tenho vivenciado e conseguido avançar. Pedi força para continuar o trabalho, para vencer as barreiras que vem pela frente e as dificuldades financeiras do Estado. Poucos eventos do país reúnem tantos fiéis”<sup>199</sup>. Também o prefeito em exercício, Valdeci Oliveira (PT), pediu ajuda para comandar a cidade. Outras presenças destacadas pelo periódico foram o deputado federal Cezar Schirmer (PMDB), os deputados estaduais José H. Farret (PP) e Fabiano Pereira (PT), e os vereadores de Santa Maria.

Defendeu-se até o momento que através da história da devoção e das romarias a Nossa Senhora Medianeira a mesma passou por um processo de patrimonialização, tornando-se hoje expressivo representante do patrimônio imaterial santa-mariense. A devoção à Medianeira tem hoje mais de 70 anos de existência arrecadando a cada ano mais e mais devotos, que conhecem sua história não só a partir do jornal, mas também através da oralidade, da transmissão geracional da fé e da crença naquela que, segundo a Igreja, é a mediadora de todas as graças. Por mais que essa devoção e que a prática de participar das romarias passe de família em família e de mãe para filho, a mesma contém práticas que permanecem inalteradas desde a sua criação, mas que ao mesmo tem mudado de tempos em tempos, mostrando-se um ritual bastante dinâmico. As mudanças no decorrer das romarias fazem parte de um processo contínuo; deve-se deixar claro, entretanto, que essas transformações não abalam os elementos basilares do evento.

Até o momento pode-se perceber que esse patrimônio pertence a muitos e diferentes atores sociais, tais como participantes da Igreja, lideranças políticas, as quais, mesmo tendo se utilizado do prestígio do evento em promoção própria, não deixam de ter devoção pessoal para a Medianeira. Trata-se principalmente de um patrimônio de indivíduos comuns ou grupos de pessoas que, juntas, fazem a devoção e as romarias. É assim nodal para esse patrimônio imaterial seu caráter eminentemente coletivo. E nesse caso “as pessoas desenvolvem ligações profundas com esses bens, que contribuem para a formação de suas identidades. O conjunto de

---

<sup>198</sup> CARVALHO, José Murilo de. *A formação das almas e o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p.10.

<sup>199</sup> RIGOTTO, Germano. Apud: LEMOS, Tradicional domingo de Romaria. Diário de Santa Maria, n.753, 17 de novembro 2004, p. 08.

bens de uma determinada comunidade acaba tornando-se referências espaciais e temporais dos sujeitos”<sup>200</sup>.

Resta falar agora da grande maioria dos participantes e devotos das romarias estaduais de Nossa Senhora Medianeira e demonstrar o quanto esse patrimônio sociocultural e histórico é relevante para os romeiros que dela participam, assim como essas práticas são eficazes enquanto sistemas simbólicos. E nesse contexto pode-se entender o Patrimônio Imaterial como “o conjunto de bens produzidos por outras gerações, ou seja, os bens resultantes da experiência coletiva que um grupo humano deseja manter como perene”<sup>201</sup>. No caso da Romaria da Medianeira esse patrimônio torna-se “uma manifestação de carácter religioso, dotado de tradição e expressão e opondo-se as elaborações mais tradicionais de patrimônio”<sup>202</sup>.

Em matéria do jornal *A Razão* de 11 e 12 de novembro do ano 2000 a manchete dizia: “Fé e devoção nas ruas de Santa Maria. Encontro de fé na Medianeira”<sup>203</sup>. A matéria de *A Razão* relata “o amor dos fiéis a Nossa Senhora Medianeira”, que faria da cidade, no domingo próximo, “a capital da fé e devoção”. O próprio bispo que presidiria a missa daquele ano, Dom Irineu Silvio Wilges (bispo de Cachoeira do Sul/RS) relata: “o que emociona é o carinho que as pessoas têm pela Nossa Senhora Medianeira”<sup>204</sup>. Em *A Razão*, de 13 de novembro do mesmo ano, a repórter Liliane Brignol relata um evento: “chuva é fé no domingo da Medianeira, [e] milhares de romeiros de todo Estado. A chuva que caiu simbolizou as bênçãos da mãe de Jesus”<sup>205</sup>. O que se percebe é que a articulista teve o intuito de afirmar os poderes sobrenaturais da Medianeira, sem, todavia, preocupar-se com a explicação natural para esse fenômeno, no caso, a chuva.

Também as falas dos próprios fiéis começam a aparecer mais incisivamente dando o devido destaque à fé e à crença da população na Medianeira. O romeiro Sidiney Soares percorreu 25 horas de viagem de Aparecida do Norte/SP até Santa Maria para vender réplicas de gesso da Medianeira, mas aproveita a oportunidade de trabalho também para participar da romaria destacando que participa já há alguns anos. Segundo Sidiney, “o pessoal tem muita fé,

<sup>200</sup> KNACK, Eduardo J. Reflexões sobre o conceito patrimônio. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Patrimônio, Memória e Poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo (RS)*. Passo Fundo: Méritos, 2011, p.13.

<sup>201</sup> MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. *Educação Patrimonial: orientações para professores de ensino fundamental e médio*. Caxias do Sul: Maneco Livr. & Ed., 2004, p.10.

<sup>202</sup> GUIDOLIN, Camila; WINTER, Murillo; ZANOTTO, Gizele. Plasticidade ritual: um estudo de caso das romarias de Passo Fundo. In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Patrimônio, memória e poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural de Passo Fundo (RS)*. Passo Fundo: Méritos, 2011, p.190.

<sup>203</sup> A RAZÃO. Fé e devoção nas ruas de Santa Maria. Encontro de fé na Medianeira *Caderno Geral*. Santa Maria, n. 342, 11 e 12 de novembro de 2000, p. 02.

<sup>204</sup> Idem, p. 10.

<sup>205</sup> A RAZÃO. Relatos da Romaria. Santa Maria, n.343, 13 de novembro de 2000, p. 08.

a cada ano aumenta o número de pessoas que procuram a romaria”<sup>206</sup>. Mesmo a preços irrisórios os fiéis gostam de levar consigo após a peregrinação uma lembrança física do momento de troca pelo qual passaram com a santa, pois se entende que os romeiros cuidam e conservam tudo que significa como um bem como sendo parte de seu patrimônio, tudo que se torna essencial em suas vidas, mesmo que seu valor seja mais o pessoal e simbólico do que financeiro. Isso porque as sociedades guardam e conservam os bens que são indispensáveis para sua manutenção e sua sobrevivência, e também para preservar a sua própria história.

Os jornais relatam, ainda, a existência de milagres e procuram “comprovar” o fato junto aos devotos. Na Romaria de 2002<sup>207</sup>, retratada pelo novo jornal da cidade, há o relato de que, apesar do mau tempo, cerca de 220 mil pessoas participaram da Romaria. Além disso, traz o relato de uma mulher de 35 anos que estava de calças e tênis rasgados ao final da peregrinação, mas que continuou e expôs sua força e sua fé. Milhares de demonstrações de fé, amor e gratidão foram destacados. Segundo *A Razão* pode-se ver o relato de graças alcançadas através da entrevista com um casal que foi à Romaria levando seus trigêmeos, como um ato de ação de graças à Mãe Medianeira pela saúde dos filhos que nasceram prematuros. Os pais relataram: “eles estão com seis meses de muita saúde, graças a Deus e a Nossa Senhora Medianeira”<sup>208</sup>. Já para Wilson Rosa (de Santana da Boa Vista/RS), que percorreu a Romaria levando consigo uma cruz de madeira, o significado da peregrinação consiste em “um pouco de sacrifício para agradecer graças de saúde, paz e alegria de viver”<sup>209</sup>.

As manifestações da fé e das “graças alcançadas” não ocorrem somente durante as romarias estaduais, mas também são acompanhadas pelos periódicos durante a semana anterior ao evento, em que ocorre a novena móvel pelas paróquias participantes. Segundo o *Diário de Santa Maria*, a emoção tomou conta de uma professora, que falando aos repórteres sobre a doença da filha afirmou: “em todos os momentos que eu precisei ela esteve comigo”<sup>210</sup>. São registros como esse que fazem aflorar o sentimento de admiração, de adoração, de crença e de fé nas pessoas que se apropriam deles. A presença quase que exaustiva da representação e da crença na Medianeira aparece quase que diariamente nos dois periódicos que se empenham em registrar os participantes e a fé dos fiéis na “santa”. Assim como Certeau; Hobsbawn e Ranger se entende que a forma como os jornais trabalham com esse ritual compreende estratégias e

<sup>206</sup> Idem, p. 08.

<sup>207</sup> Vasconcelos, Manuela. A RAZÃO Expressões e fé marcam semana. *Santa Maria*, nº 125, 11 de novembro de 2002, p. 07.

<sup>208</sup> A RAZÃO. Encontro de fé na Medianeira. *Caderno Geral*. *Santa Maria*, n. 342, 11 e 12 de novembro de 2000, p. 08.

<sup>209</sup> Idem.

<sup>210</sup> SCEGER, Janio. DIÁRIO DE SANTA MARIA. Revista MiX-Devoção sem fronteiras. História da Medianeira e Jesus retratada nos vitrais. *Santa Maria*, nº 429, 01 e 02 de novembro de 2003, p.17.

táticas de crer/consumir em tradições (mesmo que inventadas), que incluem trabalhar a Romaria e a crença como uma prática que envolve continuidade e “veracidade” das práticas atuais.

O jornal *A Razão* trabalha com a Romaria como sendo uma manifestação de “fé e de demonstrações de amor e devoção”, uma forma de superação de dificuldades, com curas de doenças, a partir da confiança e da entrega à Medianeira. Relatou a romeira Elsa Dal Forno, de 83 anos, que busca através da peregrinação “achar um mundo mais feliz”, pois, segundo ela, “o que falta hoje é respeito e amor entre as pessoas, quando falta um ou outro desses ingredientes a receita dá errado.” Essa senhora auxiliou na construção dos vitrais da Basílica, vai à Romaria há 70 anos, e seu marido ajudou a construir a própria Basílica. Ela acrescenta: “para nossa família sempre foi sagrado participarmos da romaria”<sup>211</sup>, tradição que foi passada aos quatro filhos. Todos os filhos participam do momento religioso. Elsa se mostra contente com o crescimento da festa e da devoção. A partir de seu relato pode-se inferir que participar da Romaria para essa fiel e para a sua família faz parte da sua tradição, ou seja, foi algo apropriado e reapropriado por esses partícipes, fazendo hoje parte de suas identidades e, tendo tal valor, acabou tornando-se um bem, um patrimônio vivo e dinâmico. Nesse caso, parece tornar-se difícil pensar a cidade ou a comunidade sem fazer referência a esses bens e aos seus espaços. Segundo Knack,

É muito difícil determinado patrimônio representar todos os segmentos de uma cidade, Estado ou país, mas quando diferentes grupos começam a interagir, a ter experiências de vida com esse patrimônio, ele alcança sua dimensão coletiva abrangendo diferentes grupos sociais.<sup>212</sup>

As próprias identidades dos participantes da Romaria originam-se a partir das suas semelhanças e diferenças com os bens. O relato de João Elisandro Rosa Pereira, de 34 anos mostra, de certa forma igualdades com a devoção de outras confissões religiosas, mas ao mesmo tempo outra perspectiva: “eu tenho fé que nela eu posso confiar”<sup>213</sup>. João é um fiel que estava desempregado e aproveitou a Romaria para pedir por emprego, mesmo atuando como voluntário e guardião da Igreja São José. O romeiro afirma: “o que aparecer eu topo, o que mais eu quero é voltar a trabalhar”<sup>214</sup>. Além disso, pede por saúde para ele e sua família. Na

<sup>211</sup> A RAZÃO. A Santa que move fiéis e a economia. *A Razão*, Santa Maria, nº 31, 13 e 14 de novembro de 2010, p. 12.

<sup>212</sup> KNACK, Eduardo R. J. Reflexões acerca do conceito de patrimônio. In: ZANOTTO, Gizele; MACHADO, Ironita Policarpo. *Momento Patrimônio*. Coleção Memória & cultura. Passo Fundo: Berthier, 2012, p. 17.

<sup>213</sup> A RAZÃO. A Santa que move fiéis e a economia. *A Razão*, Santa Maria, nº 31, 13 e 14 de novembro de 2010, p. 14.

<sup>214</sup> Idem.

mesma edição do periódico vemos um entrevistado (Carlos - 53 anos) que conta a sua história de vida. Carlos, que hoje trabalha como porteiro, casado há vinte anos com a vendedora Jossane, de 49 anos, lembra que desde menino ia todo ano à Romaria. Já a esposa relata que aos sete anos foi à Romaria com uma vela de seu tamanho: “eu tinha problemas de saúde e crise pulmonar. Minha mãe não sabia mais o que fazer, ou a quem recorrer, então ela pediu a Nossa Senhora e ela foi atendida”.<sup>215</sup>

Na edição de 6 e 7 de novembro de 2001, o jornal *Diário de Santa Maria* traz o relato de Edovirgem, que desde criança ia de Vale Vêneto, distrito de São João do Polêsine/RS, para participar das romarias. Segundo a devota “a atividade tem o poder de unir todas as comunidades”<sup>216</sup>. Para esses romeiros destacados nas reportagens, participar da Romaria ano após anos é um ritual que faz parte de sua identidade. Nesse sentido, entende-se rito como Segalen:

um conjunto de atos formalizados, expressivos, portadores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e comportamentos específicos e por signos emblemáticos, cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo<sup>217</sup>.

O ritual de percorrer uma romaria é caracterizado por uma caminhada lenta, orações em voz alta, ou só com a mente, cânticos (“ela merece hinos de louvor e glória, sem dúvida”<sup>218</sup>), demonstrações de fé e “pagação” de promessas com crianças vestidas de anjo ou meninos com cabelos compridos, carregando velas e relíquias trazidas de casa ou compradas durante o caminho, bem como pessoas sozinhas ou em família andando descalças ou de joelhos (nesse caso, começam na Catedral e terminam no Santuário-Basílica, onde é rezada a missa junto ao altar-monumento). Todos esses momentos e personagens podem ser vistos durante a procissão a Nossa Senhora. Segundo Silva,

os lugares sacralizados operam uma ruptura de nível, abrem uma comunicação entre o Céu e a Terra, realizam a presença do sagrado por meio de rituais e

<sup>215</sup> Ibidem, p. 15.

<sup>216</sup> SOUZA, Emerson. Flores a Medianeira. Tudo pronto para receber a santa. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, n. 742, 06 e 07 de novembro de 2004, p.18.

<sup>217</sup> SEGALLEN, Martine. Apud: GUIDOLIN, Camila; WINTER, Murilo Dias; ZANOTTO, Gizele. Plasticidade Ritual: um estudo de caso das romarias de Passo Fundo. In: BATISTELLA, Alessandro (ORG.). Patrimônio, Memória e Poder: reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo (RS). Passo Fundo: Méritos, 201, p.191.

<sup>218</sup> Relato da romeira Carmem Cruz de 53 anos, *Diário de Santa Maria*, Jornal. Voz afinada para receber a santa. Carmem Cruz da Silva cantará hinos de louvor Nossa Senhora Medianeira na novena móvel. Santa Maria, n. 743, 08 de novembro de 2004, p.08.

símbolos – no caso dos santuários católicos, as aparições hierofânicas ou as relíquias de santo significam ao devoto uma presença real do sagrado.<sup>219</sup>

A edição de 11 de novembro de 2002 mostra alguns dos relatos dos tantos fiéis que passam anualmente pela cidade em busca de graças e/ou para pagar as promessas feitas em anos anteriores. É o caso Rayfe Pryan de apenas seis meses que foi levado pela mãe vestido de anjo. A criança ficou na UTI durante seus primeiros quinze dias de vida em razão de uma infecção. A mãe de Rayfe, Fernanda, prometeu que se o seu filho fosse curado iria prestigiar a santa vestindo-o de anjo: “ele se curou e estamos aqui”<sup>220</sup>. Já para o agricultor Dirceu S. (59 anos), de Paraíso do Sul/RS, a participação na Romaria se deve ao pedido de proteção à safra que será plantada em fevereiro. O agricultor estava acompanhado pela mulher, que pediu chuva e alimento para todas as famílias. Para Dirceu “temos de garantir o ganha pão”<sup>221</sup>.

**Figura 10: Fiéis participantes da Romaria**



**Fonte:** MACHADO, Tiago. DIÁRIO DE SANTA MARIA. Reafirmação da Fé na Medianeira. Caderno Geral. Diário de Santa Maria. Santa Maria, nº 125, 11 de novembro de 2002, p.07.

Entre as tantas pessoas que vão anualmente à Romaria, ora para pedir, ora para agradecer, ou, ainda, para pedir e agradecer, existem grupos de indivíduos que na procissão contemporânea a Medianeira não tem faltado e que caso o fizessem mudariam os rituais da própria peregrinação.

<sup>219</sup> SILVA, André Luiz da. Devoções marianas, espaços sagrados e temporalidades: percursos atuais da devoção popular no Brasil. In: SOUZA, Sérgio Toledo (Org.). *Religião e imagética: caminhos da devoção popular no Brasil e no México*. Porto Alegre: Armazém digital, 2008, p. 159.

<sup>220</sup> DIÁRIO DE SANTA MARIA. Caderno Geral. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, nº 125, 11 de novembro de 2002, p.07.

<sup>221</sup> Idem.

Um destes grupos de indivíduos é composto pelas “doceiras da Romaria”. Como se mostrou já no primeiro capítulo, após a primeira Romaria “soltaram balões e serviram doces”, característica que permaneceu durante todos os anos de romarias da Medianeira. Há relatos nos jornais que chegam a insinuar que os doces (e salgados), feitos pelas doceiras oficiais da Basílica, seriam até mesmo mais puros, mais gostosos e mais sagrados que os que são comercializados ao longo das ruas que compreendem a procissão. Trabalhando com a Romaria enquanto patrimônio imaterial é nodal para a pesquisa que se registre as transformações nas tradições, nos costumes da festa, mas também as suas permanências reconfiguradas e ressignificadas – como o investimento na venda dos doces. Além disso, defende-se que “para investigar determinado patrimônio, é fundamental perceber suas relações históricas, políticas, econômicas e culturais com a sociedade de que faz parte”<sup>222</sup>.

Em matéria do *Diário de Santa Maria* 08 de novembro de 2002, o periódico traz a valorização das pessoas que através do trabalho voluntário ajudam as romarias estaduais a acontecerem. O jornal mostra a confecção de alimentos e a montagem da estrutura do parque. O jornal registra que, em 2002, cerca de 500 voluntários trabalharam desde o início do ano na feitura dos bolos, nas pinturas e na limpeza do local da celebração das missas. Em depoimento, um aposentado de 71 anos relata que sua participação desde o ano de 1999: “é gratificante trabalhar aqui, fiz amigos que nem imaginava”<sup>223</sup>. O que se pode perceber é que além da fé que move os romeiros a ajudar na organização da festa, eles se sentem gratificados de outras formas, pois o ambiente também se tornou um espaço de sociabilidade.

---

<sup>222</sup> GONÇALVES, José Reginaldo Santos. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. *Memória e Patrimônio* – ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 21.

<sup>223</sup> ZOLIN, Deni. *Diário de Santa Maria*. Operários do bem. Santa Maria, n. 123, 08 de novembro de 2002, contracapa.



**Figura 11: Doceiras da Romaria da Medianeira**



Produção de bolos e doces para alimentar os mais de 200 mil visitantes deverá terminar só amanhã

**Fonte:** ZOLIN, Deni. *Diário de Santa Maria*. Operários do bem. Santa Maria, n.123, 08 de novembro de 2002, contracapa.

No ano seguinte o jornal registra que existiam cerca de 600 comerciantes com barracas de lanches e artigos religiosos ao longo do trajeto<sup>224</sup>, ou seja, os doces das voluntárias-doceiras oficiais da Medianeira têm, há mais de uma década, uma forte concorrência com os trabalhadores informais. No *Diário de Santa Maria* vê-se a reportagem sobre os voluntários que passam os últimos dias antes da Romaria “arrumando a Basílica, o Altar-monumento e os quitutes”. No salão ao lado da Basílica cerca de 25 pessoas preparavam 20.000 mil doces. Elza Dal Forno, de 77 anos, afirma: “vamos fazer doces até sexta, depois vamos trabalhar só nas vendas. Nossos produtos são de muita qualidade”<sup>225</sup>. O próprio Dom Hélio Adelar Rubert, bispo na época e ex-reitor da basílica (entre 1994 e 1999), reconhecia: “estamos trabalhando na organização, mas quem faz a romaria é o povo. A devoção do povo é que faz essa romaria ser tão grande e bonita”<sup>226</sup>.

Outro grupo que auxiliava na Basílica e na organização da Romaria a Nossa Senhora era chamado de “os guardiões da Medianeira”. Os guardas eram um grupo formado por 60 idosos que desde o ano de 1999 ajudavam na proposta de evangelizar. O jornal *Diário de Santa Maria* de 09 e 10 de novembro de 2002 destaca os fiéis de pés descalços e rostos esperançosos, assim como jovens, idosos, mulheres e homens, de todos os lugares do país que iam em razão de

<sup>224</sup> RECCHIA, Mariangela. *Diário de Santa Maria*. Caderno Geral- Devoção à santa dos gaúchos vai ganhar as ruas: um guia para os romeiros que irão à procissão. Santa Maria, 08 e 09 de novembro de 2003, p.18.

<sup>225</sup> MALLMANN, Fernanda. Nossa Senhora Medianeira vem aí. Devoção de quem faz a romaria acontecer. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, Nº 747, 10 de novembro de 2004, p. 09.

<sup>226</sup> Idem.

pedidos, orações e agradecimentos, além da “boa vontade dos voluntários”. Na edição do ano seguinte, a reportagem do *Diário* destacava a variedade de profissões entre os voluntários, que formavam um “exército da fé” – Guardiões da Medianeira. A ideia dos guardiões foi do ex-reitor do Santuário, Dom Hélio Hubert, para ajudarem os fiéis nas visitas, atendendo em duplas na porta da Basílica. Os Guardiões relataram ao repórter: “as pessoas lhes confessam coisas pessoais de suas vidas [...] é muito gratificante e o trabalho é uma terapia”<sup>227</sup>. Um deles diz: “vivía doente em casa, depois que a santa me chamou, minha vida mudou”<sup>228</sup>.

Ao comparar os dois jornais – *A Razão* (1934) e *Diário de Santa Maria* (2002) – se percebeu que o enfoque de ambos durante a última década é bastante similar, ou seja, cada vez mais aparecem os rostos e as vozes dos romeiros, dos peregrinos, dos crentes, dos fiéis e dos turistas, etc. Todavia, um enfoque dado pelo primeiro jornal parece ainda trazer muito dos personagens pertencentes à Igreja e ao poder político municipal e regional. Por sua vez, o segundo jornal traz o romeiro em um maior número de páginas e cada vez com mais fotografias coloridas. Nos dois casos, entretanto, parece que a vontade dos jornais é de “fazer crer”, o que pode ser “comprovado” por meio dos inúmeros relatos e das várias imagens, que deixam ver precisamente o que se deve crer.

Nesse contexto, deve-se expor o que se está entendendo por crença, segundo Certeau: “entendo por crença não o objeto do crer (um dogma, um programa, etc.), mas o investimento das pessoas em uma posição, o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira – noutros termos, uma ‘modalidade’ da afirmação e não o seu conteúdo”<sup>229</sup>. Mas, para que a crença na Mãe Medianeira continue acontecendo durante todos esses anos, as estratégias utilizadas pelos diferentes atores partícipes citados ao longo do texto foram muitas, mantendo e reconstruindo ao mesmo tempo esse patrimônio que não é de todos, mas que, sem sombra de dúvida, tem sido de muitos. Nesse caso, a memória patrimonial pode tornar-se alvo de interesses e conflitos:

entendemos ser a memória patrimonial uma construção social, da qual se disputam seus enunciados discursivos, sua atribuição de valor, suas práticas, que assegurem sua preservação e inviolabilidade. Existe um campo de disputas por significados e pela legitimação e hegemonia do mesmo inserido num campo entre classes, etnias e grupos em luta material e simbólica.<sup>230</sup>

<sup>227</sup> POERSSCKE, Alexandre. Soldados da fé - 79 homens atuam voluntariamente como protetores da Basílica da Medianeira. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, n. 430, 04 de novembro de 2003, contracapa.

<sup>228</sup> Idem.

<sup>229</sup> CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 1. artes de fazer. “Nova Edição, estabelecida e apresentada por Luce Giard”. 8ª edição. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2002, p. 278.

<sup>230</sup> TEDESCO, João Carlos. *Memória e cultura*. Porto Alegre: EST, 2002, p.75-76.

Trabalhar com a construção-reconstrução desse patrimônio imaterial que se demonstrou ser a Romaria da Medianeira implica também entender o rito como parte indissociável da devoção a Nossa Senhora. E nesse caso se entende a própria Romaria como sendo manifestação ritual, pois se percebe a “capacidade que os ritos possuem de agregar novos elementos, de se transformarem com o passar do tempo adequando-se ao contexto em que são realizados e aos anseios, necessidades e interesses estão em jogo”<sup>231</sup>. Se o patrimônio imaterial necessita de um caráter coletivo para sê-lo, de transmissão geracional e de um caráter dinâmico e processual, durante o decorrer do texto, da história de mais de 80 anos de devoção a Medianeira e das falas dos que nela creem e participam, pode-se inferir que o ritual ora apresentado cumpre com todas estas características e as ultrapassa. Isso fica explícito pelos relatos dos fiéis, bem como pelo número de anos em que ocorre, além do aumento considerável no montante de romeiros que vão a Santa Maria participar desse ritual, dessa tradição construída e reconstruída por seus agentes. Quanto ao crescente aumento de romeiros entende-se que:

Este crescimento no número de fiéis romeiros acaba por ressaltar uma característica encontrada nos ritos, sobretudo nos de massa, pois o ritual se reconhece como fruto de uma aprendizagem, implicando, por conseguinte a continuidade das gerações, dos grupos etários ou dos grupos sociais dentro dos quais ele se produz<sup>232</sup>.

Reafirma-se que é bastante difícil que todos os grupos de uma sociedade atribuam o mesmo significado a um determinado bem, mas que, justamente por isso, é preciso entender a prática preservacionista como um campo de disputas, conscientes e inconscientes, disputa por poder, disputa pela detenção da memória. Nesse caso, a Romaria e a devoção à Medianeira enquanto “patrimônio teve suporte e vetor da construção/reconstrução das identidades, essas também mutáveis, fluidas, articuladas, seletivas e continuamente dinâmicas”<sup>233</sup>. Além disso, nos últimos anos o crescimento da Romaria parece dar indícios de uma transformação, ou seja, a partir de uma manifestação sociocultural, mas eminentemente religiosa migrando para um evento turístico-religioso. Mais do que isto, o que tem se desenhado parece ser que “as festas religiosas experimentam uma ‘escala ritual’ graças à presença dos turistas”<sup>234</sup>, ou seja, o patrimônio contemporaneamente vai tomando novos contornos e outras possibilidades mesclando-se a uma espécie de mercantilização. Essas novas relações entre patrimônio,

<sup>231</sup> GUIDOLIN, Camila; WINTER, Murilo Dias; ZANOTTO, Gizele. *Plasticidade ritual*, 2011, p. 192.

<sup>232</sup> SEGALLEN, Martine. *Ritos e rituais*. Rio de Janeiro: FGV, 2002, p. 32.

<sup>233</sup> Idem..p.191.

<sup>234</sup> Ibidem. .p. 197.

mercado e turismo serão evidenciadas no decorrer do próximo capítulo. Sendo assim, finaliza-se lembrando que

o patrimônio cultural de uma região, nação ou da humanidade não tem uma existência apriorística, em si mesma; ele é uma construção que requer escolhas e estas, por sua vez, vinculam-se a valores [...] sendo a preservação do patrimônio cultural uma construção que envolve atores sociais, sob a gestão de instituições oficiais, os pressupostos que ancoram, ou seja, as noções sobre valores, assim como a importância desses valores, são variáveis no tempo e no espaço<sup>235</sup>.

Além disso, deve-se olhar a Romaria enquanto campo de possibilidades e a partir do presente, ou seja, olhar no presente para o passado e novamente voltar-se para o presente. Isso “não se trata de declarar o presente sobre o passado, mas de encontrar neste o esboço das soluções que consideramos justas hoje, não porque foram pensadas ontem, mas porque nós as pensamos agora”<sup>236</sup>. Dito isso, podemos finalizar afirmando que se um bem para ser descrito como uma referência cultural e assim, possuidor do título de Patrimônio Imaterial este deve ser algo selecionado (num determinado espaço) do passado, mas também do presente (e tempo). Mas, além disso, o patrimônio, nesse caso a devoção e a Romaria a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, pode sim ser descrito como um bem coletivo pois mesmo não possuindo ainda lei/registro que o legisle como tal, enquadra-se nos critérios do IPHAN, órgão que pensa e coordena a área, a saber, o caráter coletivo, a transmissão geracional e o caráter dinâmico e processual e, sobretudo, é significativo para seus partícipes.

---

<sup>235</sup> ZAMIN, Frinéia. *Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul a atribuição de valores a uma memória coletiva edificada para o Estado*. (Mestrado em História) – Universidade do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006, p. 30.

<sup>236</sup> GUIDOLIN, Camila; WINTER, Murillo; ZANOTTO, Gizele. *Plasticidade ritual*, 2011, p. 198.

### 3 MUTAÇÃO DO PATRIMÔNIO IMATERIAL: A MERCADILIZAÇÃO E TURISTIFICAÇÃO DA ROMARIA DA MEDIANEIRA

O terceiro e último capítulo desta dissertação – *Mutação do Patrimônio imaterial: a mercadilização e turistificação da Romaria da Medianeira* – trata da recente mutação do ritual, do campo do religioso para o campo do turismo<sup>237</sup> econômico e cultural. Para isso, apresenta um recorte temporal que compreende uma década e que, através da seleção de notícias dos jornais locais *A Razão* e *Diário de Santa Maria*, atesta a presente tese de migração e ampliação do campo simbólico<sup>238</sup>. Nesse contexto, explicita-se que o poder simbólico, nada mais é do que um poder invisível que só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que estão sujeitos a esse poder ou mesmo daqueles que o exercem. Assim como, o campo simbólico nada mais é do que o espaço, a área de alcance de esse poder. O presente capítulo visa analisar a Romaria enquanto Patrimônio Imaterial, bem como sua possível mercadilização através da migração para o campo do turismo, que se apresenta hoje como uma nova possibilidade de leitura do evento-devoção, ou seja, perceber nesse contexto o processo por meio do qual alguns agentes apropriam-se da devoção e da Romaria para delas tirar proveito. Sendo assim, este capítulo visa, entre outros objetivos, investigar a ‘Romaria da Medianeira de Todas as Graças’, em Santa Maria/RS, buscando averiguar se hoje ela tem se caracterizado como um patrimônio turístico e/ou como um patrimônio não-mercadilizado, tendo em vista que parece oferecer possibilidade para as duas interpretações. Nesse contexto, algumas das perspectivas de leitura da Romaria apresentadas a seguir consistem na investigação de pontos comerciais durante o dia da procissão, a Romaria como evento turístico, dando um enfoque especial aos doces (profanos

---

<sup>237</sup> Entendemos o turismo como sendo o conjunto de atividades realizadas pelos indivíduos durante as suas viagens e estadias em lugares diferentes daqueles do seu entorno habitual por um período de tempo. Em grande parte das vezes, a atividade turística é realizada com o objetivo do lazer, embora também exista o turismo por razões de negócios. O turismo, tal como compreendemos hoje, nasceu no século XIX, na sequência da Revolução Industrial, que possibilitou as deslocamentos tendo por função o descanso ou ainda motivos sociais ou culturais. Entretanto, mesmo antes, ou já na antiguidade podemos supor a existência de um tipo de turismo, ou seja, a partir das viagens, ou peregrinações a lugares santos, entre outros.

<sup>238</sup> Para saber mais sobre o campo simbólico que envolve a devoção a Nossa Senhora Medianeira consultar as pesquisas de Marta Rosa Borin (2010 a e 2010 b) e Viviane Borelli (2007).

ou sagrados) comercializados antes e durante o acontecimento e o caráter multifuncional do turismo religioso<sup>239</sup>, como veremos.

Por meio do estudo comparativo dos dois principais jornais existentes atualmente, pode-se verificar que o Jornal *A Razão* tem destinado nos últimos anos cerca de uma a duas páginas com reportagens sobre a Romaria. Por outro lado, o jornal concorrente - *Diário de Santa Maria*, tem disponibilizado para o evento cerca de duas a seis páginas. Desse modo, percebe-se que muitas vezes os jornais têm retratado o mesmo evento, mas de maneiras diversas e algumas vezes até mesmo conflitantes, apresentando o tema a partir de óticas bastante distintas. A Romaria em honra à Medianeira de Todas as Graças tem sido explorada pelos jornais santamarienses de maneira esporádica durante o decorrer do ano. Todavia, no mês de novembro de cada ano, mês em que ocorre a Romaria, eles noticiam o evento em grande quantidade e quase que diariamente.

O turismo religioso ocorre quando a festividade, o lazer e o consumismo transcendem o campo do sagrado, da espiritualidade, encontrando-se na junção de vários elementos, como a cultura popular, a urbana e a religiosa, presentes todos eles em apenas um local. Para Andrade, o conjunto de atividades com a utilização parcial ou total de equipamento e a realização de visitas e receptivos que expressam sentimentos místicos ou suscitam a fé, a esperança e a caridade aos crentes ou pessoas vinculadas a religiões, denomina-se como turismo religioso<sup>240</sup>. Dito isso entende-se que a conexão turismo-religiosidade é nodal para refletir-se sobre algumas das mudanças culturais mais amplas da sociedade. Para Steil, o significado do turismo religioso se dá quando o sagrado migra como estrutura para o cotidiano, para as atividades festivas, o consumo, o lazer, quando, enfim, os turistas passam a vivenciar esses eventos, como as páscoas e os natais, não mais somente vinculados às tradições religiosas, mas como uma experiência

---

<sup>239</sup> No Brasil, a obrigatoriedade histórica de uma religião oficial durante a colônia até o fim do império foi o fator primordial para manutenção dos valores católicos em toda extensão do território brasileiro. Em países de formação religiosa católica, a dinâmica que caracterizou a sua formação tem características que os fizeram diferentes entre si, apesar de terem as origens comuns na Igreja Católica Apostólica Romana. Essas diferenças foram construídas inicialmente a partir da instalação de Ordens Religiosas (Salesianos, Franciscanos, Beneditinos, entre outras), que fizeram sedimentar este ou aquele aspecto da religiosidade local ou regional, os quais com o passar dos anos e séculos, tornaram-se características culturais das comunidades. O turismo religioso, portanto é uma das modalidades do turismo brasileiro que mais tem se desenvolvido devido a vários fatores, dentre os quais se pode citar: a formação histórica do povo brasileiro, ligada diretamente à Igreja Católica, e a diversidade de organizações religiosas católicas que se estabeleceram no país nestes 500 anos. Nas principais cidades históricas do Brasil, os principais atrativos são as igrejas construídas em diversas épocas da colônia e do império, construções que estão ligadas à história da população local em cada cidade (<http://www.geocities.ws/geoturuff/turismoreligioso.html> )

<sup>240</sup> ANDRADE, José Vicente. *Turismo Fundamentos e Dimensões*. São Paulo: Ática, 2000, p. 77.

singular, espiritual e ao mesmo tempo consumista<sup>241</sup>. Diversos grupos de sujeitos frequentam os mesmos espaços já que celebrações dessa natureza incitam os mais diferentes públicos.

A simples atração pelo festejo gera uma demanda para a localidade em que ocorre, seja em uma área urbana ou rural, pois também será conhecida e lembrada pelo evento<sup>242</sup>. Sendo assim, o turismo religioso funcionará ou não como uma forma de estímulo à construção de uma identificação positiva da comunidade, configurando-se como uma fonte de autoestima para ela. Nesse percurso, pretende-se perceber que a forma de relacionar-se que visitantes e habitantes, bem como romeiros e turistas desenvolvem com o ‘bem’ cultural (Romaria) é fundamentalmente diverso. A respeito da utilização do patrimônio nas construções históricas, Gonçalves pensa que:

A luz dessa categoria (patrimônio imaterial), aquelas instituições ritos e objetos podem ser percebidos simultaneamente em sua universalidade e em sua especificidade; reconhecidos ao mesmo tempo como necessários e contingentes; adquiridos (ou construídas reproduzidas no tempo presente) e ao mesmo tempo herdados (recebidos dos antepassados, de divindades, etc.); simultaneamente materiais e imateriais; objetivos e subjetivos: reunindo corpo e alma; ligados ao passado, ao presente ao futuro; próximos, ao mesmo tempo que distantes; assumindo tantas formas sociais quanto formas textuais (por exemplo, nas etnografias e nos ensaios em que foram representados). O sentido fundamental dos ‘patrimônios’ consiste talvez em sua natureza total e em sua função eminentemente mediadora<sup>243</sup>.

Um local de romaria vai se transformando em receptivo turístico na medida em que o processo mais amplo de modernização avança, criando condições, serviços e representações sociais e simbólicas do turismo que lhe deem sustentação. A visita ao templo, ao pagar a promessa, a viagem para a realização de um milagre, de devoção transformam-se em turismo. Assim, participamos do pensamento de Guidolin; Winter; Zanotto quando analisam as Romarias de Passo Fundo/RS, pois percebemos que o mesmo ocorre em Santa Maria, pois o crescimento da romaria do seu início até os dias de hoje é evidente, transformando essa manifestação religiosa em um evento turístico-religioso. Nesse processo, as mudanças fazem parte de um processo contínuo, que é necessário para a existência e o sucesso da Romaria.<sup>244</sup>

A Romaria da Medianeira faz parte dos eventos oficiais da cidade de Santa Maria e está presente com bastante destaque no calendário de eventos do município, bem como possui na

<sup>241</sup> STEIL, Carlos Alberto. Peregrinação e turismo: o Natal em Gramado e Canela. *Anais do XXII Reunião Anual de ANPOCS*, 1998.

<sup>242</sup> RIBEIRO, Marcelo. Festas Populares e turismo cultural – inserir e valorizar ou esquecer?, *Passos: Revista de turismo y patrimônio cultural*, v. 2, 2004, p. 48.

<sup>243</sup> GONÇALVES, José Reginaldo. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, jan./jun., 2005, p.30.

<sup>244</sup> GUIDOLIN, Camila; WINTER, Murilo D.; ZANOTTO, Gizele. Plasticidade ritual, 2011, p.206-207.

página da prefeitura um vídeo institucional, que a valoriza de maneira singular. Para Carneiro, o turismo, como um campo dinâmico, apresenta sempre novos desafios, resultados das formas de organização do trabalho, da possibilidade de novas experiências no contato com a realidade, associadas ao desenvolvimento das tecnologias de comunicação, bem como da emergência de preocupações sociais e ambientais<sup>245</sup>. Dessa forma, o turismo afirma-se não só como fenômeno de consumo, mas também como fenômeno de produção. Essa maneira de conceituá-lo permite incorporar ao debate tanto a noção de produto turístico como a figura dos agentes produtores.

Até a etimologia da palavra peregrino remete ao estrangeiro, aquele que vem de fora, que é de outro lugar. E esse é um dos enfoques possíveis sobre o comportamento turístico, pois se assenta na ideia de que o turismo poderia ser lido como uma atualização da peregrinação, ao qual se acarretam sentidos e valores que em outros momentos foram rechaçados de serem vividos nesta experiência religiosa<sup>246</sup>. As peregrinações nas sociedades contemporâneas têm influenciado expressivamente um dos mais significativos setores da vida social, afetando diretamente a área do turismo. Assumindo o pressuposto de que alguns elementos da peregrinação foram absorvidos pelo turismo moderno, também o é que o turismo parece ter canalizado parcela da mística da peregrinação para si. Neste sentido, pode-se influir que boa parcela das experiências de peregrinação é permeada por um sofisticado sistema de turismo que lhe fornece suporte material e visibilidade, ao mesmo tempo em que muitas atividades turísticas têm como motivação elementos religiosos<sup>247</sup>.

As transformações ocorridas na Romaria da Medianeira fazendo-a não só um patrimônio imaterial, mas um lugar de atrativo turístico propicia diversificação de negócios, os transportes se multiplicam, as empresas de ônibus e aéreas criam e revitalizam novas e antigas rotas, surgem mais empregos, o comércio cresce, enfim, uma série de mudanças passa a ocorrer e que podem significar a revitalização da economia local de muitos municípios de pequeno e médio porte no Brasil<sup>248</sup>.

Para Silveira, o pluralismo religioso intensificou-se a partir das décadas de 1980 e 1990, tendo em vista que nesse período a modernização industrial e a urbanização explodiram no Brasil, além de caracterizar-se como a década da construção do mercado turístico nacional<sup>249</sup>.

---

<sup>245</sup> CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa de Sá. Novas peregrinações Brasileiras e suas interfaces com o turismo. *Ciências Sociais e Religião*. Porto Alegre, ano 6, n. 6, out., 2004, p. 75-78.

<sup>246</sup> Mais sobre o tema pode ser encontrado no trabalho de Viviane Borelli (2007).

<sup>247</sup> SILVA, Alexandra Begueristain. *As Práticas Humanizadoras de hospitalidade nos eventos programados em Santa Maria – estudo de caso: Romaria de Nossa Senhora Medianeira*. (Monografia) Trabalho Final de especialização em Gestão do Turismo Sustentável, UNIFRA, 2010, p.67.

<sup>248</sup> SILVEIRA, Emerson Sena da. *Por uma sociologia do Turismo*. Porto Alegre: Zouk, 2007.p. 31

<sup>249</sup> Idem. p.33.



O governo brasileiro, por meio da EMBRATUR<sup>250</sup>, investiu em programas de incentivo ao turismo e emprestou dinheiro para a construção de extensas redes hoteleiras e, assim, as agências de turismo espalham-se.

Outra questão relevante tratada no decorrer do presente capítulo diz respeito ao comércio que ocorre durante a Romaria da Medianeira. Segundo Rigo, a cada ano, durante a avaliação da romaria da Nossa Senhora Medianeira, depara-se com a questão do comércio de ambulantes para o qual até hoje não se encontrou alternativas<sup>251</sup>. Há ambulantes que viajam de norte a sul com objetos religiosos, perambulando de romaria em romaria, sobrevivendo desse trabalho.

### **3.1 A Romaria como ação coletiva evento turístico – a conquista do fiel, do romeiro, e do turista pelos doces *sagrados e profanos***

A capa do jornal de 08 de novembro do ano 2000 anunciava umas das possibilidades de leitura do evento-religioso-cultural e turístico com a expressão: “Romaria também é festa”<sup>252</sup>, no qual constava uma imagem dos tradicionais doces comercializados durante e depois da procissão. Entretanto, por trás do destaque aos doces o jornal também enfatiza a presença das pessoas que auxiliam na preparação para a Romaria e para o seu comércio, informando que, naquele mês, cerca de 30 mulheres prepararam 22 mil doces, 150 tortas e 600 cucas. Além disso, 1500 voluntários estavam preparando a liturgia, a divulgação, a infraestrutura, a alimentação e a organização da Romaria como um todo.

Para esses voluntários a Romaria da Medianeira é um dever, uma “boa obrigação”, um tempo de festa de trabalho, afinal a Igreja os ensina que é muitas vezes por meio do trabalho duro que se chega a Deus, ou que se consegue o que se precisa dele na vida terrena. Segundo Amaral, o “tempo de festa [...] é basicamente o tempo disponível depois de terem sido cumpridas as obrigações para com o trabalho. Mas para diversas pessoas a festa é também um

---

<sup>250</sup> A EMBRATUR é a autarquia especial do Ministério do Turismo responsável pela execução da Política Nacional de Turismo no que diz respeito a promoção, marketing e apoio à comercialização dos destinos, serviços e produtos turísticos brasileiros no mercado internacional. Trabalha pela geração de desenvolvimento social e econômico para o País, por meio da ampliação do fluxo turístico internacional nos destinos nacionais. EMBRATUR. Turismo. *Embratur*. Disponível em: <[http://www.turismo.gov.br/turismo/o\\_ministerio/embratur/](http://www.turismo.gov.br/turismo/o_ministerio/embratur/)>

<sup>251</sup> RIGO, Enio José. *A Romaria da Medianeira e a Eucaristia*: um estudo teológico pastoral. Santa Maria: Biblos, 2006.

<sup>252</sup> A RAZÃO. *Romaria também é festa*. Ano 66, nº 339, 08 de novembro de 2000, Capa.

tempo de trabalho – mesmo que seja trabalho voluntário, de lazer e de caráter tradicional de obrigação religiosa e sócio familiar”<sup>253</sup>.

Pode-se inferir que durante a Romaria da Medianeira existam ao menos duas ou três formas diferentes de comércio: o comerciante da abadia, que faz e vende dando os lucros para a Igreja; o comerciante ambulante, que vende várias coisas, mas sem a autorização da Prefeitura ou da Igreja; e, por fim, o comerciante, que compra um lote da Prefeitura para vender seus produtos legalmente, mas para o seu sustento, não ajudando a Igreja com a sua renda.

Por sua vez, quando se trata do comércio de doces na Romaria, que acontecem desde seu início e hoje são bastante tradicionais, a divisão da comercialização pode ser vista de ao menos dois pontos distintos, já que os jornais enfatizam bastante os doces feitos pelas voluntárias da Basílica da Medianeira, como se o Romeiro não pudesse participar do evento sem ao menos comer um dos doces, mas de preferência que também os levassem para casa. Até mesmo os padres da Basílica benzem estes doces e relatam as bênçãos a quem os compra. Sendo assim, é possível inferir que os outros doces, os que são comercializados por ambulantes ilegais ou em estandes localizadas no decorrer do percurso da Romaria, seriam menos “sagrados” dos que o que a Igreja comercializa. Para as pesquisadoras Frasson e Coelho os doces da Medianeira tiveram origem étnica, característica essa que não chegou aos dias de hoje:

Ao analisar a grande demanda dos doces e a aceitação pelos romeiros, pode-se dizer que o trabalho de um grupo voluntário colabora com a formação da identidade local com a produção das iguarias hoje conhecidas como os “doces da Medianeira”. Concluiu-se que a história dos doces é de origem portuguesa e tiveram boa aceitação desde o seu início, e, à medida que aumentava o número de romeiros a cada ano, evidenciava-se o aumento da demanda.<sup>254</sup>

---

<sup>253</sup> AMARAL, Rita. *Festa à brasileira, sentidos de festejar no país que “não é sério”*. São Paulo: eBookLibris@2001, 1998, p. 20-21.

<sup>254</sup> FRASSON, Marinês de Fátima; COELHO, Eva Regina Barbosa. Doçaria na festa da Romaria de Nossa Senhora Medianeira em Santa Maria, RS. *Disciplinarum Scientia. Série: Ciências Sociais Aplicadas*. Santa Maria, v. 6, n. 1, p. 121-131, 2010, p. 121.

**Figura 12: Comércio sagrado de doces**



**Fonte:** *Diário de Santa Maria*. Doces Vivências. Santa Maria, n. 431, 05 de novembro de 2003, contracapa.

Nessa imagem podemos perceber o sorriso nos rostos de alguns dos voluntários que doam seu tempo e seus esforços para a confecção dos tradicionais doces da Romaria. Além disso, pode-se constatar que boa parcela das pessoas que fazem a Romaria acontecer, “nos bastidores” do evento, é formada por mulheres, das quais a maioria é idosa. Podemos inferir que a divisão do trabalho ainda está influenciada culturalmente pela divisão dos sexos, ou seja, trabalhos femininos e masculinos. No que concerne aos doces e seus voluntários, os dois jornais noticiam ano a ano o aumento nas vendas, bem como quem são esses voluntários ou por que disponibilizam para a santa seu trabalho não remunerado. Além disso, os jornais tratam o trabalho voluntário destes fiéis como um exemplo de empenho, de caridade e de fé.

A capa do jornal *A Razão*, de 04 de novembro de 2010, anunciava que a Romaria da Medianeira naquele ano teria “muitas atrações aos devotos<sup>255</sup>”, dentre as quais destacava os doces, que também foram enfatizados em outras páginas<sup>256</sup>. A partir do recorte, nota-se também que a própria secretaria da Basílica comercializa lembranças religiosas<sup>257</sup>, bem como auxilia na organização do evento através do registro dos acontecimentos, assim como dos horários das missas. Em uma das imagens a seguir, percebe-se que as “vendas santas”, ou seja, aquelas feitas pelos responsáveis pela Basílica da Medianeira possuem, além do espaço para a

<sup>255</sup> Vasconcellos, Manuela. Muitas atrações para os devotos de Medianeira. *A RAZÃO*. Santa Maria, n. 23, 04 de novembro de 2010, p.08.

<sup>256</sup> *Idem*.

<sup>257</sup> A secretaria também vende velas que são feitas a partir dos restos das próprias velas deixadas no interior do santuário.

confeção dos doces, um espaço para a venda anual de “objetos santos” ou bentos. A Igreja, portanto, vende santinhos, imagens, velas, livros da Medianeira.

**Figura 13: Doceiras da Medianeira**



**Fonte:** VASCONCELLOS, Manuela. *A Razão*. Muitas atrações para os devotos de Medianeira. Doceiras dão a largada. Santa Maria, n, 23, 04 de novembro de 2010, p. 08.

**Figura 14: Secretaria da Basílica**



**Fonte:** VASCONCELLOS, Manuela. *A Razão*. Muitas atrações para os devotos de Medianeira. Doceiras dão a largada. Santa Maria, n, 23, 04 de novembro de 2010, p. 08.

Como foi explicitado anteriormente, até o início do século XXI a cidade de Santa Maria contava apenas com um jornal, *A Razão*; entretanto, percebendo o espaço e público para uma nova abordagem jornalística, o Grupo RBS de televisão lançou em 2002 o jornal *Diário de Santa Maria*. O que fica bastante perceptível é que o segundo jornal possui um *layout* bem mais contemporâneo, colorido e aprazível aos olhos dos leitores. Além disso, no período de

2002 (ano de seu surgimento) até 2011, o novo jornal trata da Romaria da Medianeira em número bastante superior de páginas em comparação com *A Razão*, bem como enfoca, principalmente, as pessoas que participam da Romaria e da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Em sua primeira cobertura do evento, o referido jornal traz uma série de reportagens, com o dia-a-dia da Romaria e das pessoas que a realizam. No dia 08 de novembro de 2002, o *Diário de Santa Maria*, por meio de seu repórter Deni Zolin, retrata um pouco do cotidiano das voluntárias e dos voluntários que trabalham com os doces da Medianeira, intitulado “Operários do Bem”<sup>258</sup>. Além dos doces, constam entre as “delícias da festa” outros gêneros alimentícios com variações de sabores e valores, assim como: o copo de refrigerante e cerveja que eram vendidos a 1 real; a concha de risoto, por R\$ 3,00 reais; o quilo do churrasco que foi comercializado de 4,50 a 6,00 reais; o almoço a 5,00 reais; o cachorro-quente a 1,00 real; e o pastel a 0,75 centavos. O preço preestabelecido deveria contemplar todos os turistas que viessem à Romaria naquele ano, seja em nome da devoção à santa ou fosse em função do comércio existente durante o dia da Romaria. A respeito das tradicionais guloseimas da Medianeira, o jornal *A Razão*, em 2011 fez a seguinte afirmação: “assim como ir a Roma e não ver o Papa, vir a Romaria da Medianeira e não degustar os seus tradicionais doces é quase um pecado”<sup>259</sup>.

A devoção à Medianeira conta com além dos voluntários, com a Congregação das Pequenas Operárias de Nossa Senhora Medianeira<sup>260</sup> que foi criada em 1947. A Sede da ordem ficava no Rio de Janeiro, mas com a inauguração da Basílica em Santa Maria foi transferida para a cidade. Das trinta irmãs pertencentes ao grupo, três destas moram ao lado da Basílica e se dedicam exclusivamente aos cuidados com a santa. As Pequenas Operárias, cujo uniforme

<sup>258</sup> ZOLIN, Deni, Operários do Bem DIÁRIO DE SANTA MARIA. Santa Maria, n.159, 08 de novembro de 2002, p.12.

<sup>259</sup> JORNAL A RAZÃO. Santos Doces. *Caderno Geral*. Santa Maria, n. 123, 02 de novembro de 2011, p.10.

<sup>260</sup> LEMOS, Iara. Três freiras que tem como profissão cuidar da imagem e da basílica da Medianeira. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, nº 1055, 07 de novembro de 2005, p. 09.

A Ordem foi criada dentro do movimento dos círculos operários, com o objetivo de zelar pelo trabalhador e pela sua valorização, por esse motivo as freiras recebem salário. Segundo *Diário de Santa Maria*, a Irmã Terezinha responde pela Congregação desde 1984 - “para zelar pelos trabalhadores, nossas irmãs têm que conhecer a realidade deles, ajudamos as pessoas a se valorizarem. Essa é nossa obra de caridade.” As primeiras irmãs chegaram à cidade em 1980, a pedido do bispo D. Ivo Lorscheiter, trabalhando hoje na secretaria e ajudando nas missas. A Irmã Terezinha fala sobre o início da devoção a Medianeira, pois segundo a mesma - “foi uma época de exploração industrial, que a classe trabalhadora precisava de apoio”. Nesse contexto, a Missão dos Círculos era a de valorizar e qualificar o trabalhador, além de colocá-lo no mercado de trabalho, sem deixar de lado, a parte espiritual. No final dos anos 30, a ideia era espalhar os Círculos pelo Brasil. A ditadura de Vargas chegou a classificar o padre criador do Circulismo - o Jesuíta Leopoldo Brentano, como comunista. Ao voltar ao Rio de Janeiro o padre conseguiu um operário sul-rio-grandense falasse em um congresso da igreja. Garantindo o apoio da igreja foi à vez de Vargas determinar que todos os Estados passassem a ter Círculos Operários. Para a madre: - “Nossa Senhora Medianeira é a santa dos trabalhadores.”

tem as cores da santa – azul e branco –, se dizem “pequenas no nome, mas grandes na fé”<sup>261</sup>. Entretanto, segundo entrevista ao jornal, para elas “ser freira não é só uma devoção, é um trabalho também”<sup>262</sup> e, assim, como as demais profissões precisa ser recompensado. As irmãs – Pequenas Operárias – recebem uma contribuição, mas não relataram o valor. Esse fato chama-nos atenção, pois enquanto as freiras recebem salário por seus serviços junto a Igreja e a Romaria, os voluntários o fazem sem nada receber (financeiramente).

Outro nicho de atrativo turístico para a cidade e para a Romaria é a visitação à Basílica e a apreciação dos seus vitrais<sup>263</sup>. O jornal *Diário de Santa Maria* fez uma matéria especial sobre a arte sacra dos vitrais da Medianeira na edição de 06 de novembro de 2002, cujo título era: “Basílica se torna templo de arte”<sup>264</sup>. Segundo a matéria assinada por Tiago Machado e Deni Zolin, o Santuário Basílica da Medianeira chama atenção por seus belos vitrais e pela pintura sacra da Santíssima Trindade e a caminhada da vida guiada por Deus. As figuras retratadas no templo foram sugeridas pelo Bispo Dom Ivo Lorscheiter. Em depoimento, o reitor do Santuário, Valmir Piccin, disse: “as imagens vão ajudar os fiéis a rezar melhor”<sup>265</sup>. Não obstante, a Romaria daquele ano ainda contaria com um show no sábado – *O sonho de um palhaço* –, interpretado pelos padres e seminaristas. Nesse ano também o trajeto da Romaria mudou, da Avenida Presidente Vargas para a Rua Riachuelo. A população local foi quem votou pela mudança, pelo aumento do número de participantes ano a ano, tornando o trajeto pequeno para tantas pessoas. Além disso, a reportagem ressalta também como atrativo aos visitantes a imagem original da santa, os novos painéis, a cripta, o Altar do “santo” Ivo Lorscheiter, o Túmulo de D. Érico Ferrari (que morreu 1973 e foi o 3ºbispo de Santa Maria) e monsenhor Floriano Paulino Cordenounsi (que foi o 1º a ser ordenado no santuário e a capela subterrânea com o altar com as imagens das outras padroeiras que são dadas à Basílica). Para o Reitor, entre os atrativos da Basílica da Medianeira está uma de suas singularidades: “aqui os fiéis podem orar por outras santas”<sup>266</sup>. Entende-se, desse modo, que o romeiro, peregrino ou turista que vai a Santa Maria, seja em época de Romaria da Medianeira, ou em outro período do ano poderá encontrar mais de um motivo religioso para ficar ou visitar a cidade.

<sup>261</sup> LEMOS, Iara. Três freiras que tem como profissão cuidar da imagem e da basílica da Medianeira. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, nº 1055, 07 de novembro de 2005, p. 09.

<sup>262</sup> Idem.

<sup>263</sup> Mais sobre as relações das artes e a Romaria da Medianeira em Souza (2008).

<sup>264</sup> MACHADO, Tiago Machado; ZOLIN, Deni. Basílica se torna templo de arte. *A Razão*. Santa Maria, n. 1035, 06 de novembro de 2002, p. 8.

<sup>265</sup> Idem, p. 9.

<sup>266</sup> DIÁRIO DE SANTA MARIA. Santuário abriga fé retratada em atrações. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, nº 124, 09-10/ de novembro de 2002, p. 15.

Dois anos antes o jornal *A Razão* já noticiava o comércio que era ora religioso, ora profano. Em edição de 10 de novembro do ano 2000, o referido jornal registrou que naquele ano cresceu bastante a procura por medalhas, calendários, orações e velas com a imagem da Medianeira. Ademais, aproveitando o considerável aumento no número de pessoas que circulam pela cidade durante o período da Romaria, a Prefeitura Municipal também organizou concomitantemente a Romaria da Medianeira, a Tertúlia da Canção Nativa (um festival de música nativista) e a Feisma (Feira Comercial de Santa Maria), o que foi retratado no jornal por meio de uma charge (Figura 15), ou seja, utiliza-se de varias estratégias para fidelizar o visitante em Santa Maria, a partir do evento principal que é a Romaria a Medianeira.

**Figura 15: Charge**



**Fonte:** *A Razão*. Romaria ao som de uma Tertúlia. Santa Maria, n.123, 13-14 de novembro de 2010, p. 02.

A Romaria do ano de 2010 também contava com atrações como uma exposição fotográfica das romarias anteriores, até mesmo na charge, que comumente aparece na segunda página do jornal diariamente, referia-se nessa edição a outro evento que aconteceria junta a Romaria, ou seja, o festival de música. A partir do exposto podemos concluir que o poder municipal, assim como o próprio jornal buscavam aumentar o número de visitantes durante o período de Romaria, ou a semana de Romaria investindo mais eventos na cidade, no mesmo recorte temporal. Além disso, o espaço da antiga Gare da Estação Férrea local estava preparado para receber os turistas com brechós e praça de alimentação, o que se justifica pela cidade ser identificada por sua história ferroviária. Aliás, todo o complexo férreo que também abrange a Vila Belga<sup>267</sup>, por exemplo, é identificado como patrimônio Santa-mariense.

<sup>267</sup> A Vila Belga é um complexo de casas construídas no início do século XX para a moradia dos funcionários da Companhia Belga "Compagnie Auxiliare des Chamins de Fer au Brésil", que vieram para construir as ferrovias

### 3.2 O caráter multifuncional e dinâmico do turismo religioso: devotos, turistas e vendedores

Segundo a Fundação Getúlio Vargas, em pesquisa feita no ano 2007, o Brasil é um dos países com maior número de católicos do mundo, com uma população que se identifica por vivenciar diversificada religiosidade católica. A partir desse dado é possível declarar que o turismo religioso pode vir a ser uma área com grande potencial a desenvolver-se, o que só ocorrerá se for bem planejado e organizado. Sendo assim, pode-se dizer que diversas manifestações religiosas, que fazem parte da cultura, vêm se transformando em verdadeiros ‘espetáculos’, mobilizando para si a cada ano milhares e milhares de pessoas.

Cada grupo de pessoas possui suas próprias motivações – diferentes e pessoais – para participar de uma romaria: agradecer os pedidos que já foram alcançados; pagar promessas; fazer promessas; manter a tradição da família; lazer; comércio; política; superar obstáculos; entre outros. Essa demonstração sociocultural divide espaço com a participação de sujeitos procedentes de diferentes classes econômicas, de crianças, de jovens, de idosos, de mulheres, de homens, mostrando a diversidade do público fiel.

**Figura 16: Pais e filhos pagando promessas**



**Fonte:** RECCHIA, Mariangela. Devoção à santa dos gaúchos vai ganhar as ruas: um guia p os romeiros que irão a procissão. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, n. 433, 8 e 9 de novembro de 2003, p.16.

---

no Estado. A companhia adquiriu a concessão e finalizou a construção da Estrada que ligava Porto Alegre a Uruguaiana, concebida como linha-tronco de um projeto de articulação do território e das fronteiras do Estado do Rio Grande do Sul com a Argentina, Paraguai e Uruguai através de ferrovia, tendo, portanto, caráter fundamentalmente estratégico.



Como se pode ver na imagem recém-apresentada, é tradicional nas Romarias da Medianeira a pagação de promessas através da vestimenta de anjos nas crianças. No geral, como demonstra especificamente essa imagem, as crianças vestidas de anjos usam branco. São meninas e meninos, com idade de, no máximo, sete anos. Ao andar pelo parque da Medianeira durante o período de Romaria encontram-se diferentes pessoas, grupos e famílias unidas pela celebração. O estudante de direito Bruce Daniel Amarante da Silva, de 23 anos, que esteve presente na 68ª Romaria da Medianeira elogiou o evento: “É muito bom ver como a Romaria vem crescendo a cada ano. É muito bom ver tanta gente reunida pela fé”<sup>268</sup>. Contudo, nem só de fé é feita a Romaria. Para alguns participantes a celebração religiosa é também a chance de garantir o sustento da família. Esse é o caso do vendedor Aureo Vidal Alves, de 44 anos. A família do comerciante auxilia sua renda com a venda de calendários que são comercializados durante a romaria, pelo valor de R\$ 2,00 reais cada. “Eu consigo vender uns 800 calendários por ano. Isso ajuda muita a minha família. Na verdade uno o útil ao agradável, pois sou um grande devoto e participaria da Romaria de qualquer jeito” – diz Alves.<sup>269</sup>

Dessa forma, pode-se inferir que as possibilidades de experimentação turística de determinada estrutura da sociedade se devem a fatores como o seu potencial político-econômico, a singularidade do ritual e de sua divulgação consistente e sistemática, por meio da imagem que se pretende projetar. Quanto às manifestações de cunho cultural-religioso, como no caso da Romaria da Medianeira, a sua concepção está centrada nos devotos e nos grupos de agentes sociais que participam dessa esfera ora sacra, ora profana. Para Prats<sup>270</sup> o patrimônio como recurso turístico pode ser sistematizado de três formas distintas: a) O patrimônio pode se constituir em um produto turístico *per se* capaz de integrar junto à oferta hoteleira, um motivo de compra autônoma; b) O patrimônio pode ser apresentado como ‘associado’ a um produto turístico integrado (pacote de viagem), sendo parte integrante do produto e; c) O patrimônio pode se construir em um valor agregado para destinos turísticos que não possuem no patrimônio o atrativo principal ou o motivo de compra. Das inúmeras manifestações religiosas existentes, ao menos três tipos podem tornar-se objeto turístico: as do patrimônio arquitetônico (igrejas barrocas, templos budistas, protestantes, etc.), as do ritual (Semana Santa, ritos celebrativos ou de comemoração, etc.) e as de eventos (festas religiosas, festivais de música, etc).

---

<sup>268</sup> ALVES, Aureo Vidal. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, n.2.322,14 de novembro de 2011, p.12.

<sup>269</sup> ALVES, Aureo Vidal. *DIÁRIO DE SANTA MARIA*. Santa Maria, n. 2.322, 14 de novembro de 2011, p.13.

<sup>270</sup> PRATS, Llorenç. *Antropologia y patrimonio*. Barcelona: Ariel, 1997, p. 37.

Para ser considerado como um produto turístico, a Romaria da Medianeira será analisada como uma procissão que tem sido apta a atrair para o município de Santa Maria não somente os romeiros e/ou peregrinos, mas também outros grupos sociais. A partir daí o evento começa a sofrer alterações com um possível redimensionamento de seus espaços e de seus serviços oferecidos antes, durante e depois da celebração. Tendo em vista que, no momento em que a Romaria passa a interessar a agentes privados/públicos que normatizam sua comercialização, a romaria vai passando a compor conjuntamente a outros eventos/elementos um produto socioturístico em sua região de abrangência.

### 3.3 O “Consumo” do/no evento religioso

A tendência do campo cultural-religioso contemporâneo caracteriza-se por um crescente pluralismo que entendemos estar se deixando influenciar pela mercantilização das várias formas do sagrado. O campo religioso bem como o político e o cultural é altamente competitivo internamente assim como o mercado capitalista. O fenômeno religioso tem se mostrado bastante ambíguo e extremamente marcado por visões contraditórias, graças a sua autonomia (relativa).

As sociedades influenciadas pelo capitalismo adaptaram as religiões as suas ideologias em vez de reprimi-las. O capitalismo e sua ideologia foi mais hábil que os comunistas em instrumentalizar amplos setores das religiões para fins de justificar o *status quo*. [...] As Igrejas, em grande parte, suspiraram aliviadas com o ressurgimento religioso, mas logo se deram conta, frustradas, que o que voltou veio transformado por um mergulho no ‘novo mundo neoliberal’, de onde saiu com um compromisso com o aqui e agora, sem a dimensão utópica e sem céus e infernos no além morte.<sup>271</sup>

Nesse contexto, podemos entender que o que passa a ter valor na sociedade contemporânea e ser dominante é o presentismo- Tese que defende que o que tem valor é o hoje e o agora - e, assim, o que se pode comprar, como uma experiência turística, por exemplo. Além disso, o assistir ao evento sem uma relação mais íntima de apropriação do patrimônio pelo turista não-devoto nos traz mais uma das perspectivas das contemporâneas relações entre

---

<sup>271</sup> BOBSIN, Oneide. Contemporaneidade e religiões. *Revista Textual*, vol. 1, nº 19, maio de 2014, p. 5.

devotos-turistas-romeiros. A mística da peregrinação hoje nos demonstra “uma reação que traz a religião do espaço privado para o público”.<sup>272</sup>

O turismo, religioso ou não, é um fenômeno moderno-contemporâneo, no entanto, já em reportagens do início da Romaria podem-se perceber indícios do evento com essa possibilidade de leitura, pois transformar um evento em um “espetáculo” turístico necessita de alguns rituais. Ora, já na Romaria de 17 de maio de 1938, o jornal *A Razão* destaca, além da mobilização de pessoas em torno da fé e da devoção a Medianeira, todo o aparato estrutural que envolve a organização dos horários das missas e demais atividades, da alimentação dos partícipes, bem como do transporte que será ofertado para as pessoas que fossem à Romaria. Ademais, as atrações para além da Romaria contam com comidas, bebidas, “soltação de balões” e de uma banda musical que tocou após o festejo de Nossa Senhora, mantendo os romeiros entretidos no futuro parque da Medianeira mesmo após a procissão. Anos mais tarde essa estrutura melhora na medida em que até mesmo a rádio local – Farroupilha - vai transmitir a cerimônia (décadas de 1940 e 1950).

No ano seguinte, também se pode perceber como mote para um futuro setor bem turístico a própria forma com que o referido jornal trata o local de cume da Romaria, que mesmo ainda não sendo um santuário já é identificado tal. Isso fica explícito no título da reportagem de 05 de maio de 1939: “Constituirá uma invulgar demonstração de religiosidade a Romaria ao santuário de Nossa Sra. Medianeira”<sup>273</sup>. Um simples seminário que era o local de romaria a Nossa Senhora Medianeira na década de 1930 já é identificado pelo jornal local como um santuário, ou seja, o jornalista já dava indícios do poder simbólico do local, ao intitulá-lo como um santuário. Em matéria de 05 de maio de 1940 o mesmo fato ocorre, visto que *A Razão* publica: “Cada dia aumenta o interesse do mundo católico do Rio Grande do Sul para a grande romaria ao *santuário* da Medianeira”<sup>274</sup>. Anos mais tarde o mesmo jornal<sup>275</sup> pede para os munícipes que moram no decorrer do trajeto da Romaria que enfeitem suas casas e janelas a fim de homenagear a santa e melhor receber os visitantes a cidade. O mesmo ocorre ainda hoje como se pode comprovar através da imagem publicada no jornal *Diário de Santa Maria* de 10 de novembro de 2003, cujo título anuncia: “A maior de todas as Romarias”. Nesta fotografia podemos perceber a as fachadas dos apartamentos enfeitadas com as cores azul e branca, ou seja, nas cores da “santa Medianeira”.

---

<sup>272</sup> Idem, p. 9.

<sup>273</sup> A RAZÃO. Constituirá uma invulgar demonstração de religiosidade a Romaria ao santuário de Nossa Sra. Medianeira. *Caderno Religião*. Santa Maria, n. 300, 05 de maio de 1939, p. 04.

<sup>274</sup> Idem.

<sup>275</sup> A RAZÃO. Romaria Estadual da Medianeira. Santa Maria, n. 503, 01 de novembro de 1950, p.5.

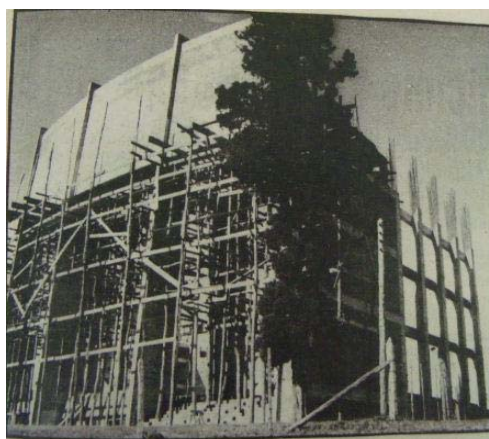
**Figura 17: Fotografia das fachadas enfeitadas em homenagem à Medianeira**



**Fonte:** PORCIÚNCULA, Bruna. Organizadores afirmam que procissão de Nsa. Sra. Medianeira reuniu 300 mil fieis. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, n. 436, 10 de novembro de 2003, p. 09.

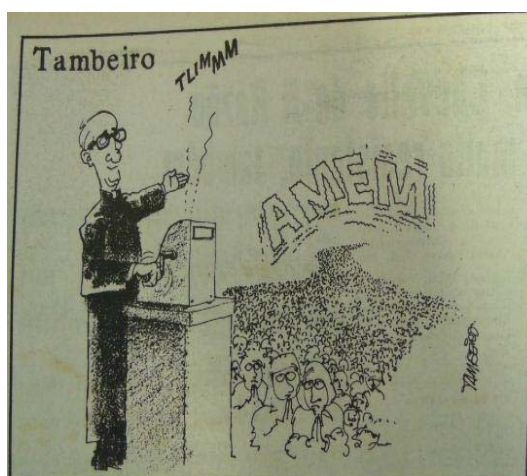
Como se demonstrou anteriormente, a construção de um santuário e a consequente transformação de Santa Maria em centro de peregrinação católica foi um grande empreendimento iniciado já nos anos trinta. Entretanto, a construção da Basílica, do parque (até hoje não terminado) demorou quase todo o período em que ocorre a devoção na cidade. O próprio jornal, por meio do trabalho do chargista (1980), ao mesmo tempo em que publica a aclamação dos religiosos para que as pessoas ajudem na conclusão do santuário, também satiriza o pedido de auxílio financeiro.

**Figura 18: Ala oeste da Basílica**



**Fonte:** *A Razão*. Os trabalhos para concluir o santuário da Medianeira. Santa Maria, n. 48, 05 de novembro de 1980, p. 7.

**Figura 19: Sátira sobre a arrecadação de donativos para construção da Basílica**

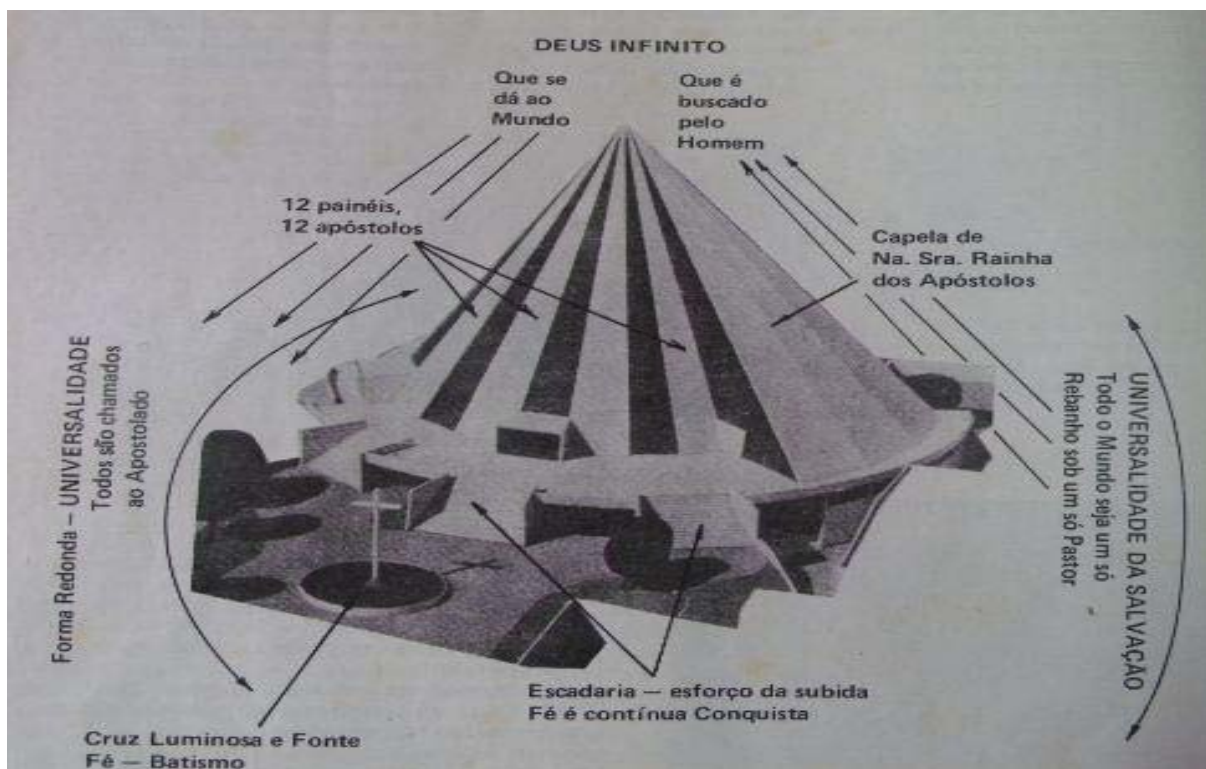


**Fonte:** *A Razão*. Fiéis de todo o país na Romaria da Medianeira. Santa Maria, n. 23, 08-09 de novembro de 1980, p. 02.

Na Figura 19, na qual o chargista retrata um padre com uma caixa registradora e um “mar de fiéis” que farão contribuições para a construção da Basílica, fica clara a satirização acerca da finalização da obra. Além disso, o título – tambeiro – significa: gado manso, ou seja, compara a multidão de romeiros a um rebanho de animais dóceis. Isso remete ao início da catolização em Santa Maria, quando as pessoas que acreditavam em santos (as) já eram consideradas crédulas.

Baseando-se nas informações do jornal existente, também se pode inferir que pensando nos custos e na demora da conclusão da Basílica, Igreja e dirigentes do município tenham pensado na construção do Altar-monumento, que não custou tantos anos da década de 1970 para ficar pronto. Se por um lado o periódico informa que jamais as construções pararam por falta de verba, por outro, foi necessário (não se sabe por qual motivo) modificar a estrutura física do altar, que hoje não exprime o seu plano diretor. Essa mudança fica clara ao contrapor-se as imagens do jornal *Diário de Santa Maria* com as imagens da revista *Rainha dos Apóstolos* ou somente *Rainha*. O que também aconteceu com o parque e com a Basílica.

**Figura 20: Estrutura da Basílica**



**Fonte:** Revista Rainha dos Apóstolos. Acervo da biblioteca Pallotina de Santa Maria, 1970.

**Figura 21: Estrutura do Altar-monumento**



**Fonte:** LEMSO, Iara. *Diário de Santa Maria*. Construção do Altar monumento. Santa Maria, n. 1.055, 07 de novembro de 2005, p. 09.

**Figura 22:** Matéria sobre a construção do Altar-monumento



**Fonte:** *Diário de Santa Maria*. Construtores chegaram a temer que o teto caísse. Caderno Geral. Santa Maria, n. 1.055, 07 de novembro de 2005, p. 11.

Como retratado na Figura 22, uma das razões para a mudança da arquitetura do Altar-monumento foi o risco do teto cair. O objetivo deste formato na construção era chegar ao céu e, portanto, o cume do altar deveria ser o mais alto possível. Também as colunas do altar simbolizam quinze dedos que visam lançar as mãos a Deus, apesar de que, inicialmente, a ideia era colocar doze pilares, simbolizando os apóstolos de Jesus. A forma arredondada da base remonta ao universalismo da salvação. No início das obras pensavam em três escadas para a subida ao centro da construção, entretanto mudou-se o plano para apenas uma, visto que a subida dos romeiros deve ser penosa, deve lembrar os devotos dos sacrifícios que estes devem fazer para chegar a Deus ou ao céu. A cruz luminosa e fonte que deveriam ser construídas em frente ao Altar-monumento não chegaram a concretizar-se, do que se pode inferir que ocorreu por uma questão de logística, uma vez que atrapalhariam a vista e a passagem dos peregrinos nos dias de Romarias.

Como ainda não se encontrava pronta a Basílica em meados dos anos oitenta, mas somente parte dela, a atração aos partícipes da Romaria a Medianeira foi fazer a visita à cripta que esteve aberta durante todo o dia. Além disso, a Igreja aproveitou a oportunidade para anunciar que apenas 500 dos 3000 ossuários já haviam sido vendidos. Não obstante, também os Correios e Telégrafos fizeram naquele ano um selo comemorativo para a Romaria, selo este que poderia ser comprado como lembrança ou em prol da colaboração na construção-finalização do Santuário. Nota-se, a partir disso, que a comercialização durante e a partir das Romarias da Medianeira começa desde o primeiro ano de sua existência, com a comercialização de doces e outros gêneros alimentícios, chegando aos anos oitenta com o comércio de parte do espaço da Basílica (com os ossários), passando por selos comemorativos, entre outros e expandindo-se cada vez mais nos próximos anos também a outros setores da sociedade local. Além disso, a própria reportagem do jornal *A Razão* de 05 de novembro de 1980 já prevê a turistificação do evento-Romaria da Medianeira: “Após concluído o santuário e o parque serão um polo de atração religiosa, social e turística”. E ainda acrescenta: “As peregrinações não serão só anuais, a exemplo da de Aparecida – São Paulo”<sup>276</sup>. No entanto, como o próprio jornal relata, a Basílica estava sendo feita para uma expectativa de público de cerca de cem mil peregrinos, sendo que já em 1990 registra-se uma população de 200 mil visitantes. Hoje, cerca de trinta anos depois, o número de romeiros já chega a 300 mil.

O comércio, para além das necessidades estruturais e da Igreja<sup>277</sup>, começa mais incisivamente a aparecer nos jornais a partir da década de 1990. Mas o jornal *A Razão* de 8 e 9 de novembro de 1980 destaca-se que a Romaria iria atrair os vendedores ambulantes, e dá o exemplo de Valmi José Amorin, que deixou o nordeste e veio para o sul. Morador de Passo Fundo, Amorin viajava por todo o Estado vendendo artigos religiosos. Quando chegou à cidade naquele ano já não havia mais estandes da Prefeitura, por isso relatou que teve que comprar a frente de uma garagem (por 8000\$ cruzeiros). Para lhe ajudar no comércio, o vendedor levou um irmão e dois sobrinhos. Na Romaria daquele ano vendeu bolas de plástico, brinquedos, bijuterias, utilidades domésticas, redes e imagens de santos. Valmir assim avalia sua atividade: “o comércio já foi melhor em outras épocas, agora não tá fácil porque a crise económica é grande. Mas o período mais compensador é o de final de ano mesmo”<sup>278</sup>. Além deste, o jornal

<sup>276</sup> A RAZÃO. Os trabalhos para concluir o santuário da Medianeira. Santa Maria, n.20, 05 de novembro de 1980, p. 07.

<sup>277</sup> Até meados dos anos oitenta o comércio na Romaria da Medianeira era feito quase que exclusivamente por partícipes da Igreja Católica e seus voluntários. Nesse contexto, os valores arrecadados com as vendas visavam somente atender a necessidades da própria igreja, ou do parque da Medianeira.

<sup>278</sup> A RAZÃO. Medianeira, a romaria para renovar a devoção. *Diário da Manhã*. nº25, 13 de novembro de 1990, p. 8-9.



apresenta mais dois comerciantes ambulantes: Sidnei M. L. que estava vendendo crucifixos e bijuterias religiosas e o cadeirante Luiz C. M. que comercializava alimentos.

**Figura 23: Comerciantes ambulantes na Romaria da Medianeira**



**Fonte:** *A Razão*. Fiéis de todo o país na Romaria da Medianeira. Santa Maria, n.23, 8 e 9 de novembro de 1980, p. 09.

**Figura 24: Comércio profano de lembranças religiosas**



**Fonte:** MALMAMM, Fernanda. *Diário de Santa Maria*. Reafirmação da Fé na Medianeira Santa Maria, n. 125, 11 de novembro de 2002, p.09.

Ao contrapormos as fotografias do comércio nas romarias da década de oitenta e nos anos 2000, podemos pensar em até que ponto houve mudanças nesse aspecto, visto que se pode perceber que os objetos comercializados são quase os mesmos, ou seja, réplicas da imagem da santa e de outros santos, medalhinhas e cruzes. Da mesma forma, observa-se que a estrutura em que se organizava a venda era e ainda são barracas de lonas e mesas e madeira ou plástico.

Posteriormente, já na edição do ano 2000 da Romaria da Medianeira, a própria Prefeitura Municipal passou a organizar uma parcela da questão do comércio durante a procissão, ou seja, o governo organizou melhor a venda de espaços para os comerciantes. O

jornal registra que cerca de quatrocentos lotes seriam comercializados, sendo que na data de 08 de novembro, cem já haviam sido negociados. Os espaços para vendas iam da Rua Duque de Caxias até o Santuário e custavam de R\$ 35,11 a R\$ 56,39.

Outra perspectiva de comércio que ocorre durante a Romaria da Medianeira é o comércio de bens formais e informais, que ora são legalizados pelo poder público, ora não. Em matéria de 13 de novembro de 2000, o jornal *A Razão* aborda a questão do comércio-profano ou não-religioso. Segundo o jornal, a Romaria garante reforço no orçamento de inúmeras pessoas, pois nela são vendidos óculos, guarda-chuvas, roupas, tênis, relógios, CDs, entre outros. Nesse ano houve no percurso da procissão mais de 400 barracas. O que mais se destaca, no entanto, é a venda de alimentos, bebidas e artigos religiosos. A exemplo disso, a reportagem de Ligiane Brignol mostra a entrevista de Sidiney Soares, que percorreu 25 horas de viagem de Aparecida do Norte até Santa Maria para vender réplicas de gesso da Medianeira. Na avaliação de Soares, que já participa do evento há alguns anos, “o pessoal tem muita fé, a cada ano aumenta o número de pessoas que procuram a romaria”<sup>279</sup>.

Poucos anos mais tarde também o jornal concorrente, *Diário de Santa Maria*, destacou a forte comercialização durante a Romaria da Medianeira (antes, durante e depois). Num final de semana de 2004, além da capa, mais duas páginas do referido jornal informavam sobre o dito “comércio ilegal”: “Ação da receita quer romaria livre do comércio irregular”<sup>280</sup>. Naquele ano a Receita Federal utilizou-se da propaganda radiofônica, televisiva e jornalística para divulgar as operações. Segundo o entrevistado pelo *Diário*, Francisco Velter, “a quantidade de ambulantes que veio de vários Estados para vender produtos ilegais no domingo da procissão deve diminuir”<sup>281</sup>.” O jornal auxiliou a polícia na medida em que publicou no decorrer da semana o cronograma da fiscalização, bem como a lista do que iria ou não ser vendido na romaria. Segundo o jornal, o alerta fez vários ambulantes mudarem seus produtos, como o caso do camelô Rodrigo Vaz que afirmou: “Não vou levar CDs, pois o risco de apreensão é muito grande. Vou vender só cerveja e refrigerante para tirar o prejuízo do que investi no lote”<sup>282</sup>. A procissão atraiu ambulantes até de São Paulo. Vaz também informou: “cheguei a vender 1,2 mil num dia de romaria o que já garantia um bom natal. Aqui na banca levo mais de duas semanas

<sup>279</sup> SOARES, Sidiney apud BRIGNOL, Ligiane. *Jornal A Razão*. Fé que não se abala. Santa Maria, n. 343, 13 de novembro de 2000, p. 08.

<sup>280</sup> DIÁRIO DE SANTA MARIA. Os filhos voltam à Mãe Medianeira. Histórias de Santa-marienses que moram longe, mas não faltam a romaria. Santa Maria, ano 3, nº 750, 13,14 de novembro de 2004, capa.

<sup>281</sup> DIÁRIO DE SANTA MARIA. Os filhos voltam à Mãe Medianeira. Histórias de Santa-marienses que moram longe, mas não faltam a romaria. Santa Maria, ano 3, nº 750, 13,14 de novembro de 2004, p.12.

<sup>282</sup> Idem.

para tirar esse dinheiro”<sup>283</sup>. A partir do exposto, pode-se perceber que, com o passar dos anos, o comércio foi aumentando expressivamente, entretanto, nas últimas edições da Romaria, com o aumento da fiscalização sobre os produtos, a renda dos comerciantes que trabalhavam com produtos sem procedência acarretou na diminuição dos lucros.

Em outra matéria do jornal *Diário de Santa Maria*, Nossa Senhora Medianeira é descrita como “a santa protetora dos negócios”<sup>284</sup>. Evidentemente, neste caso os negócios aos quais se refere a jornalista Iara Lemos, diz respeito ao comércio e à indústria legalizada, visto que o comércio não-legalizado sempre foi motivo de discordância entre o Poder Público local e os comerciantes. Entre as legalizadas, destaca-se a principal empresa de coletivos urbanos da cidade que também se chama Medianeira. Segundo Houtart, “a cultura pode ser fonte de ganância, que constitui um meio para estabelecer – ou para resistir a – uma relação de superioridade ou de dominação; que cumpre um papel, reconhecido ou não, na própria formulação dos princípios da economia.”<sup>285</sup> A economia de mercado pode ser entendida como sendo o próprio sistema capitalista, na mesma medida em que o conceito de mercado contém inúmeras possibilidades de apropriação; entretanto, ele está associado, geralmente, à fixação de preços. Nesse contexto, a devoção a Nossa Senhora Medianeira, a própria Romaria e a todo o seu conjunto de símbolos, ídolos e ícones que representam parte da cultura de um determinado grupo de pessoas pode ser comprada e pode ser vendida.

**Figura 25: Matéria sobre empresas que têm Medianeira em seus nomes**



**Fonte:** LEMSO, Iara. Medianeira a protetora dos negócios. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, 1.056, 08 de novembro de 2005, p 04.

<sup>283</sup> Idem, p.13.

<sup>284</sup> LEMOS, Iara. *Diário de Santa Maria*. Voz afinada para receber a santa. Caderno Geral. Santa Maria, n.746, 08 de novembro de 2004, p.13.

<sup>285</sup> HOUTART, François. *Mercado, cultura e religião*. São Paulo: Cortez, 2003, p. 71.

Essas empresas, que colocam em seus nomes o nome da santa, também se servem das Romarias anuais para demonstrar sua “fé”, sua “crença”, ou quem sabe por outras hipóteses ainda, publicando junto à Diocese e nos jornais o convite para as romarias, reiterando a importância do evento.

**Figura 26: Convite do bispo e das empresas locais para a Romaria**



**Fonte:** *A Razão*. As vésperas da Romaria-convite. Santa Maria, n.27, 08 de novembro 2010, p.16.

Nas duas figuras anteriores, que se referem a reportagens, podemos perceber que o nome e a influência da santa na cidade é grande e crescente. O jornal oferece propaganda<sup>286</sup> das Romarias, ao mesmo tempo em que abre espaço para que os comerciantes da cidade, apropriando-se do prestígio da devoção, que ora defendemos como sendo um dos maiores patrimônios imateriais do Estado, corroborem o evento com o anúncio da sua loja, ou empresa de prestação de serviços, como é o caso do restaurante Vera Cruz, que também convida os cidadãos para a próxima Romaria.

<sup>286</sup> Mais sobre as relações entre as Romarias e a comunicação midiática pode ser encontrado no trabalho de Viviane Borelli (2007).

### 3.4 Um olhar da Romaria pela Prefeitura: o mapa da fé<sup>287</sup>

Entre os anos de 2009 e 2010 a Prefeitura Municipal, por meio da secretaria de Turismo e em parceria com o Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), organizaram uma pesquisa (questionário aplicado no período de 31 de outubro de 2009 a 20 de janeiro de 2010, ou seja, antes, durante e depois do evento), objetivando conhecer melhor o público que frequenta as romarias estaduais. Algumas questões levantadas a partir desta pesquisa versam a respeito do sexo, da idade, da profissão e da escolaridade e outras visaram saber a opinião dos entrevistados sobre o evento. Em fins de 2009 e depois, em 2010, o *Diário de Santa Maria*<sup>288</sup> divulgou parte dos dados coletados junto à população visitante.

A partir de entrevistas colhidas em duas edições da Romaria da Medianeira, a Prefeitura de Santa Maria buscou aprimorar a estrutura da cidade e do evento para melhor receber os turistas. Segundo *A Razão*, de 04 de novembro de 2010, o Poder Público planeja mudanças. A programação a partir do próximo ano teria visitas a templos religiosos e recitais artísticos. A intenção do poder público municipal era a de incrementar o turismo religioso. Nesse sentido, os comerciantes também deveriam ser contemplados. O jornal anuncia: “Novidades serão abençoadas”<sup>289</sup>. Entretanto, poucos anos antes, a prefeitura, apropriando-se do atual prestígio das romarias estaduais a Nossa Senhora Medianeira, levantou a “bandeira” pela construção de um monumento gigantesco da imagem de Nossa Senhora, no alto do morro da cidade, a fim de angariar mais turistas para a procissão e conseqüentemente para o município também.

O *Diário de Santa Maria*, de 08 de novembro de 2007, por meio da reportagem de Marilice Daronco trazia já na capa a seguinte chamada: “Um monumento a caminho”<sup>290</sup>. A proposta do poder público era o da construção de um monumento a Medianeira, com cerca de 60 metros, no morro do Cechella, prometendo ser uma grande novidade a partir de 2010. A Universidade Federal de Santa Maria começou os levantamentos sobre o vento no local e apontaria quais os materiais seriam usados e o seu custo. A intenção da secretaria de turismo era de, após o levantamento, conseguir o dinheiro do governo estadual e federal para esse empreendimento. Nesse contexto, segundo o jornal, até mesmo as empresas que contribuíssem

<sup>287</sup> CARVALHO, Carolina. O Mapa da fé. *Diário de Santa Maria*, n. 1.700, 09 de novembro de 2007, capa.

<sup>288</sup> Dados: Sexo- Mulheres: 85,5% e homens: 14,5%; Escolaridade- Ensino Médio: 59,7%, Ensino Superior: 19,4%, Ensino Fundamental: 8,1%; Pós-graduação: 6,4% e Não Informou: 6,4%; Idade – adultos: 41,9% (45 a 64 anos), Jovens: 35,5% (25 a 44 anos) e outras idades: 22,6%. *Diário de Santa Maria*. Quem vem a Romaria. Santa Maria, 05/11/2009.

<sup>289</sup> VASCONCELLOS, Manuela. Muitas atrações para os devotos de Medianeira. *A Razão*. Santa Maria, Ano 77, Nº 23, 2010, p. 08.

<sup>290</sup> DARONCO, Marilice. Voz afinada para receber a santa. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, n. 746, 08 de novembro de 2004, capa.

poderiam ganhar isenção dos impostos: “para a liberação da obra precisamos do dinheiro. Quando ele estiver em caixa, prevemos um ano e meio de obras<sup>291</sup>.” O que se sabia naquele momento era que a imagem seria uma das maiores da América, tendo o dobro da altura do Cristo Retentor. A imagem da Medianeira deveria “olhar para o centro da cidade e ficaria de braços abertos<sup>292</sup>”.

Pelos entrevistados na edição supracitada podemos inferir que, em geral, as pessoas estão acreditando, a sua maneira, na “Mãe Medianeira”, e que a manifestação da fé passou a ser um ritual cada vez mais pessoal e menos imposto pela liturgia. Mesmo a ideia de um monumento à “santa” ter sido proposta pela Prefeitura Municipal e ter sido bem aceita pela Igreja, houve votação entre os munícipes que chegaram ao consenso de que a verba investida era bastante alta, não concordando com ela. O posicionamento dos fiéis e cidadãos Santamarienses mostrou que um monumento não faria diferença na fé das pessoas, pois quem vai à Romaria, em sua maioria vêm pela crença, pela devoção a Nossa Senhora, e que um monumento, uma imagem desta em grandes proporções não traria tantos visitantes a mais para que valesse o investimento financeiro.

Mesmo a proposta da Prefeitura de Santa Maria não tendo sido aceita pela maioria da população, isso não significa dizer que a devoção a Medianeira não faz parte da vida de grande parcela da cidade. Ao contrário, percebe-se através do ocorrido e da análise dos periódicos que o número de participantes só aumenta ano a ano, e que as pessoas entrevistadas e votantes entendem o capital simbólico que possui a devoção à santa e às Romarias para as pessoas e para o município. O levantamento só nos mostra a consciência dos munícipes nas questões financeiras e as intenções do Poder Público com a proposta do monumento. Além disso, também demonstra que a Prefeitura reconhece o valor da Romaria para seus participantes, bem como tenta apropriar-se desta para aumentar o número de visitantes à cidade durante as Romarias, melhorando a estrutura do evento, organizando o comércio, fazendo promoções na rede hoteleira, assim como propõe, para os anos seguintes, novos meios de fidelizar e manter os turistas por mais tempo na cidade.

Também em trabalho acadêmico, na dissertação de mestrado, Elaine N. B. Kienetz, da Universidade de Santa Maria, já previa a cidade e seus arredores como rota de turismo na região central do Estado. Kienetz apresenta em sua pesquisa um conjunto de documentos que demonstram a viabilidade da criação de um polo turístico na região, buscando, com isso, a valorização desse tipo de roteiro. O investimento em turismo contemporaneamente justifica-se

---

<sup>291</sup> Idem, p. 11.

<sup>292</sup> Ibidem.

em poder ampliar os horizontes da prática empresarial do turismo, além de levar as aberturas de mercados econômicos, sociais e simbólicos e de desenvolvimento. A autora assim avalia a questão do turismo de massa:

Sabe-se que o turismo de massa é um fenômeno, essencialmente, da modernidade ocidental da segunda metade do século XX, quando eclipsa o chamado “turismo elitista”, alimentados por burgueses e aristocratas. No entanto, o turismo de massa possui não apenas grande significado econômico, como em muitos casos (fonte de renda e de divisas), mas também exerce impactos, igualmente, relevantes, na cultura e no ambiente destinado ao turismo<sup>293</sup>.

Essa perspectiva pode ser corroborada pela capa do jornal *A Razão* de 13 e 14 de novembro de 2010, que destaca o turismo e a movimentação da economia da cidade em semana de Romaria da Medianeira.

**Figura 27:** Capa do jornal destacando a economia em torno da Romaria da Medianeira



**Fonte:** *A Razão*. A santa que move fiéis e a economia. Santa Maria, n. 33, 13 e 14 de novembro de 2010, capa.

<sup>293</sup> KIENETZ, Eliane Nelci Bacchi. *Modalidades de turismo e rotas definidas para polo turístico de Santa Maria, RS*. Dissertação de Mestrado. UFSM-PPGEP, Santa Maria, 2001, p. 03.

Ao mesmo tempo em que essa capa dá destaque a uma fiel da Medianeira que está dentro da Basílica, também o dá em mesma proporção para a questão financeira que vêm junto com as Romarias, bem como abre espaço para o setor turístico.

O turismo na região central do Estado pode ser composto não somente pela cidade de Santa Maria, mas também pelos municípios dos arredores, como os que fazem parte da chamada Quarta Colônia, uma vez que possuem potencialidades naturais, entre outras, para tal fim. Por sua vez Santa Maria é ainda hoje identificada como uma cidade ferroviária, mas também possui os títulos de “Cidade Cultura” e “Cidade Universitária”. Além desses, para Kienetz, o município possui muitos atrativos turísticos, a exemplo das belezas naturais, patrimônios materiais (ligados à história da ferrovia e dos ferroviários), assim como eventos culturais, sociais, esportivos e religiosos. Quanto ao turismo religioso, a mesma autora destaca em Santa Maria como festas a serem visitadas: a de São José, no bairro Camobi; a Romaria de Santo Antão, no distrito de mesmo nome; e as procissões Mãe Peregrina de Schoenstatt, no bairro Dores e, principalmente, a Romaria a Nossa Senhora Medianeira. Segundo Kienetz,

A romaria da Basílica Nossa Senhora da Medianeira recebe todos os anos, segundo domingo de novembro, milhares de fiéis. O templo à padroeira do Rio Grande do Sul foi projetado em 1974 em estilo moderno e arquitetura simples destacando os vitrais. Segundo a diocese de Santa Maria é a única basílica-menor do Estado, elevada à categoria na década de 80<sup>294</sup>.

Sendo assim, a ideia da Prefeitura de aumentar o número de participantes e a renda vinda do evento para a cidade é embasada não somente na intenção de um grupo de dirigentes locais, mas também por pesquisas acadêmicas, como a apresentada anteriormente. Também o *Plano de Municipal de Turismo* entre 2009 e 2012 previa a Romaria à Medianeira como ponto máximo do turismo religioso santamariense. Com vistas a essa demanda de turistas, ou seja, os que visitam a cidade por devoção e poderiam interessar-se pelo turismo religioso, a Secretaria do Turismo propõe dois projetos – *Turismo Religioso: caminhos da fé* e *Turismo Religioso: novena turística de Santa Maria*. O primeiro projeto (hoje sob o título Santos Caminhos da Fé<sup>295</sup>), de curto e médio prazo visa à criação de um roteiro entre cidades com nomes de santos

---

<sup>294</sup> Idem, p. 48.

<sup>295</sup> Visa criar um roteiro entre cidades com nomes de santos, que estimulem o turismo cultural e religioso de Santa Maria e região Centro-Fronteiriça é o objetivo do Circuito Turístico Santos Caminhos da Fé. A proposta visa trabalhar regionalmente, por meio da integração de esforços, objetivando incrementar a oferta turística. O roteiro tem início na Basílica da Medianeira, em Santa Maria, onde o turista-peregrino recebe o passaporte da fé. Ao longo de oito dias, são visitados templos religiosos e atrativos histórico-culturais nos municípios de São João do Polêsine, São Pedro do Sul, São Vicente do Sul, Santiago, São Borja, São Miguel das Missões, São Luiz Gonzaga, Santa Rosa e Santo Ângelo. Em cada cidade visitada, o peregrino recebe uma bênção, conhece mais



que estimulem o turismo cultural-religioso da cidade e da região. O turista que participasse desse roteiro saberia mais sobre a história de santos (as), carimbando um passaporte pelas igrejas onde passasse e ganhando um certificado de fiel ao final do passeio.

O segundo projeto propõe uma viagem de ônibus pelas igrejas da cidade, onde em cada parada haveriam visitas guiadas, contemplando principalmente as obras sacras. Hoje esse projeto já possui outra denominação, *Roteiro Arte e Religiosidade*.<sup>296</sup>

Segundo o *Plano Municipal de Turismo*,

atualmente, os maiores fatores de atração de visitantes para Santa Maria são eventos de negócios, os religiosos e ou segmentados. Os maiores destaques, em termos de público externo à cidade, são em primeiro lugar a Romaria da Medianeira, seguida do Mercomovimento, o Mercocycle e o Rodeio Internacional do Conesul<sup>297</sup>.

Ainda segundo o Plano diretor para o turismo em Santa Maria,

A cidade contempla um significativo número de templos de diversas religiões, as quais representam a cultura religiosa do município. Destaca-se a Basílica Menor Nossa Senhora da Medianeira, dedicada à santa padroeira do Estado do Rio Grande do Sul, responsável pelo mais importante evento religioso da região e um dos maiores do Estado<sup>298</sup>.

Nesse contexto, o município tenta seguir o que estes propõem como sendo a missão da Secretaria de Turismo, a de "desenvolver o turismo do município de forma sustentável e integrada com a região". Além do *Plano Municipal de Turismo* somado dos projetos citados anteriormente, ainda se pode acrescentar o vídeo institucional<sup>299</sup> da cidade de Santa Maria, que possui cerca de dez minutos de duração, mas que deste somente dois minutos falam a respeito da cidade, sendo que o restante versa sobre a "vocaçãõ religiosa" do município e a Romaria da Medianeira. Segundo a narrativa que constitui o vídeo,

---

sobre religiosidade, espiritualidade e cultura locais e, ao final, tem carimbado seu passaporte. No término da jornada, o turista recebe o certificado de Peregrino dos Santos Caminhos da Fé. PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. Caminhos da Fé. *Prefeitura Municipal de Santa Maria*. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/turismo/215-santos-caminhos-da-fe>>.

<sup>296</sup> A visita compreende um roteiro de espiritualidade e estética em que o visitante é convidado a conhecer as principais igrejas católicas locais em um passeio autoguiado. Para participar, o visitante utiliza um áudio-fone, onde encontra parte da história e interpretações das principais obras nela contidas. Igrejas participantes do projeto: Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Imaculada Conceição, Endereço: Av. Rio Branco 823; Bairro: Centro; Santuário Basílica da Medianeira, Endereço: Av. Nossa Senhora da Medianeira, 613; Bairro: Nossa Senhora Medianeira Igreja Nossa Senhora das Dores, Endereço: Av. Nossa Senhora das Dores, 304, Bairro: Nossa Senhora das Dores. Idem.

<sup>297</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. Secretaria de Município de Turismo. Plano Municipal de Turismo – Plano diretor de 2009-2012. Santa Maria, 2009, s/p.

<sup>298</sup> Idem.

<sup>299</sup> PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. Vídeo institucional. *Prefeitura Municipal de Santa Maria*. Disponível em: <<http://www.santamaria.rs.gov.br/videos>>. Acesso em: 20 abr. 2013.

a cidade tem a religiosidade no nome, herança dos portugueses que trouxeram o catolicismo. Mas coube aos italianos a missão de fixar seus valores espirituais com a construção de igrejas, como a Catedral Metropolitana de Nossa Senhora Imaculada Conceição e a Igreja Nossa Senhora das Dores. Os alemães também consignaram suas crenças no cenário urbano ao construir a Igreja de Confissão Luterana, cujos sinos vieram da Europa no final do século retrasado. No entanto, Santa Maria não se resume a estas duas religiões. Há espaço para todos os credos e cultos, muitos deles com templos oficiais, como os judeus e a Sinagoga Itzak Rabin e os anglicanos e a Catedral do Mediador. Pela cidade é possível contemplar a arquitetura, a história e a arte dos templos religiosos. Entre os destaques estão as magistrais pinturas do interior da Catedral Metropolitana, obra do famoso artista italiano Aldo Locatteli. A Romaria da Medianeira é um evento que reúne em torno de 250 mil romeiros na procissão que se realiza anualmente no segundo domingo do mês de novembro, partindo da Catedral Metropolitana até à Basílica da Medianeira<sup>300</sup>.

Ao analisar o vídeo institucional que está na página da Prefeitura Municipal de Santa Maria, nota-se que o enfoque é dado principalmente à religiosidade da população local, mostrando-se a cidade como possuidora de inúmeras religiões que vieram com as várias migrações e imigrações. Entretanto, contrapondo o que diz inicialmente o vídeo, em quase toda a sua extensão o enfoque principal é dado mesmo à Romaria Estadual a Nossa Senhora Medianeira. Além disso, ainda conforme registra o vídeo, “a cidade de Santa Maria tem um pouco de tudo que o Estado possui de melhor”<sup>301</sup>. Reiterando que a cidade se destaca por possuir em seu patrimônio exemplares da história ferroviária do Rio Grande do Sul. Entretanto, mesmo não apontando a romaria ou a devoção à Medianeira como representante do patrimônio local, o fazem de certa forma através do expressivo enfoque dado à procissão e à fé das pessoas na “santa”.

Com base no vídeo pode-se levantar a hipótese de que essa ideia – Medianeira como representante do patrimônio local – é corroborada pelas “presenças ilustres” que falam sobre a Romaria, como o Arcebispo Metropolitano de Santa Maria, Dom Hélio Adelar Hubert, que fala de dentro da igreja tendo ao fundo uma fotografia da procissão à Nossa Senhora, enquanto ele fala da cidade como polo turístico e religioso. A segunda presença a pronunciar-se durante o vídeo é o prefeito atual, Cezar Augusto Schimmer, que mesmo relatando a influência negra e a presença das religiões afro-brasileiras, discursa de dentro da Basílica da Medianeira, salientando-se em segundo plano os vitrais desse templo, ou seja, destacando-a, indiretamente, como representante da religiosidade principal da cidade – a religião católica e a devoção à Medianeira de Todas as Graças. Não obstante, o prefeito ainda ressalta que Santa Maria é a única Diocese do mundo que tem o nome da mãe de Jesus no nome da cidade, sendo hoje uma

---

<sup>300</sup> Idem.

<sup>301</sup> Ibidem.

arquidiocese. Além disso, para o prefeito a devoção à Medianeira faz parte da história, do presente e do futuro da cidade, pois existem inúmeros turistas de toda a América Latina que se locomovem para professar a sua fé em Santa Maria e conhecer a cidade<sup>302</sup>. Mesmo que as duas autoridades mostradas no vídeo valorizem a Romaria à Medianeira, pode-se inferir que o sentido e o tamanho de sua relevância não são os mesmos para as duas pessoas. Pode-se ainda acrescentar a isso, o fato de que o primeiro registra que a Romaria possui durante a procissão mais de 250 mil fiéis, enquanto o segundo fala em cerca de 200 mil pessoas. Essa divergência na quantidade de romeiros, peregrinos ou turistas também fica registrada ao analisar-se os periódicos, pois nos dois – *A Razão* e *Diário de Santa Maria* – o número de pessoas participantes da procissão no segundo domingo de novembro de cada ano é divergente, tendo em vista que, na maioria das vezes, os representantes da Igreja relatam ter participado um número superior ao registrado pelo Poder Público Municipal ou pela Brigada militar.

Os dados demonstram que a maioria de participantes das romarias são mulheres e já integraram mais de uma vez o evento, ou seja, a participação no evento e a demonstração pública da fé ainda é uma tradição mais verificada no gênero feminino. O público é predominantemente formado por adultos, na faixa etária de 45 a 64 anos, possuem o Ensino Médio Completo e viajaram em média cerca de 150 km para participarem da romaria<sup>303</sup>. Boa parte das pessoas entrevistadas ficou mais ou menos 24h na cidade e pretende voltar outras vezes a Santa Maria.

No que concerne ao levantamento que auxiliará as próximas organizações das romarias, por parte do setor público, a pesquisa demonstra que as profissões dos romeiros são bastante variadas. Participam da procissão: autônomos ou empresários – 16,2%; funcionários públicos – 14,5%; funcionários do setor privado – 12,9%; aposentados – 12,9%; e outras – 43,5%. Por sua vez, a renda média das pessoas entrevistadas demonstra que estas ganham menos de R\$1000 por pessoa residente em sua moradia, bem como gastaram durante a Romaria cerca de R\$150. Outro dado que chama atenção é a somatória dos gêneros alimentícios comercializados em época de romarias estaduais – em 2009 foram mais de 50 mil reais vendidos, entre churrasco, almoço, lanches, bebidas e os já mencionados doces. Soma-se a isso o número de “lembrancinhas” vendidas ao longo da procissão, a saber, por volta de 19 mil produtos. Assim,

---

<sup>302</sup> Ibidem.

<sup>303</sup> Ao atentar-se para os dados, percebe-se que em primeiro lugar os partícipes das Romarias possuem Ensino Médio completo e em segundo vêm as pessoas que têm o Ensino Superior completo. Sendo assim, pode-se sugerir que se, em um primeiro momento (capítulo I), no início do século passado a crença em imagens-ícones ou símbolos da religiosidade cristã era algo tido como supersticioso e fruto da falta de esclarecimento dos cidadãos santa-marienses, hoje não pode ser afirmado com tal veracidade, visto que o público que participa das romarias estaduais é composto principalmente por pessoas possuidoras de certo grau de formação educacional.

um dos atrativos turísticos da cidade durante as Romarias da Medianeira também reside na compra de mercadorias ora religiosas ou profanas, como pode ser visto na imagem a seguir.

**Figura 28: Comércio de objetos religiosos**



**Fonte:** *Diário de Santa Maria*. Santo Comércio. Santa Maria, n. 2.243, 15 de novembro de 2009, p.08.

Também foi levantado durante as entrevistas o que os romeiros percebem sobre a cidade em si, com um sistema de notas que foi de 1 a 10. Os romeiros destacaram que entre as melhores características da cidade estavam a hospitalidade e os valores das hospedagens, ambos avaliados com nota 9,5. No quesito cultural, os entrevistados destacaram a forte expressão da cultura e da fé local, bem como a capacidade do município de agregar apoiadores<sup>304</sup> para a Romaria. Segundo o jornal *Diário de Santa Maria*<sup>305</sup>, os resultados das entrevistas foram organizados em gráficos e a partir deles a Prefeitura elaborou uma série de melhorias para os eventos dos próximos anos. Porém, também foram levantados os aspectos que ainda devem melhorar, dentre os quais os entrevistados destacaram o grande impacto ambiental que fica para o dia depois da Romaria, referindo-se ao acúmulo de lixo considerável nas ruas por onde passou a procissão. Para resolver esse problema detectado através da pesquisa, o poder municipal, através da Secretaria de Turismo e Meio Ambiente, relatou que nas próximas romarias estarão distribuindo sacolas de lixo aos romeiros, bem como aumentarão o número de lixeiras ao longo da procissão.

<sup>304</sup> Anteriormente já se havia atentado para os apoiadores das romarias, como os dos setores privados da cidade, a exemplo da empresa de ônibus de nome Medianeira, assim como algumas farmácias, padarias, ferragens, entre outras.

<sup>305</sup> DIÁRIO DE SANTA MARIA. Quem vem a Romaria. *Diário de Santa Maria*. Santa Maria, nº 2336, 05 de novembro de 2009, p.08.

A partir da pesquisa mencionada, a Prefeitura planejou algumas mudanças para as romarias que se seguiram, das quais se destaca o aumento na permanência do tempo dos romeiros na cidade, que foi implementado por meio da proposição de outros eventos na cidade no mesmo período da Romaria. Hoje também há um circuito de recitais artísticos com música sacra nas igrejas pelas quais a trezena da Medianeira passa na semana que antecede o evento; houve também os “salões de Arte Religiosa de Santa Maria”; a promoção oferecida pela rede hoteleira com 20% de desconto aos turistas que assistem a Romaria e também a cortesia de um passeio pelo município; a criação da “Casa de Lembrança”, ou seja, uma tenda que fica erguida no Parque da Medianeira e que disponibiliza aos visitantes artesanato, obras de artistas locais, “lembrancinhas” da Romaria e *souvenirs* com motivos religiosos; um melhor sistema de ordenação do espaço de comercialização durante as romarias; melhorias na logística e na infraestrutura turística; mapeamento e envio de material de divulgação da Romaria e demais eventos que ocorrem simultaneamente para paróquias e várias outras cidades, objetivando inserir Santa Maria no circuito turístico-religioso nacional e internacional, visto que, a nível regional, a cidade e a Romaria já são conhecidas e reconhecidas. Outro ponto a ser destacado foi que por meio das entrevistas a Prefeitura detectou que os comerciantes locais (exceto os que montam barracas na romaria), ainda não percebem o potencial econômico e turístico do evento. Um exemplo disso é que as lojas do Calçadão ficam fechadas (com exceção das farmácias, restaurantes e lancherias). Todo esse levantamento foi importante para identificar as possibilidades e os limites religiosos e turísticos da Romaria.

Já na Romaria de 2011 se pôde perceber a implementação de algumas das medidas citadas anteriormente. Entretanto, para além do setor turístico, a Romaria daquele ano visava alcançar e aumentar seu público voltando-se para os jovens. A Capa de *A Razão* de 13 de novembro daquele ano destacava a seguinte chamada: “Uma Procissão Jovem”, pois o tema do ano de 2011 foi “Medianeira com os jovens em oração”. A romeira Nilda M. da S. Moreira, de 67 anos, salientou que “a romaria está muito organizada este ano”<sup>306</sup>, ou seja, a partir deste relato já se percebe que as melhorias oferecidas pelo poder municipal local foram notadas. Também a tradicional venda de objetos religiosos continuou a ser destaque nas procissões e no evento como um todo. Relata Ulisses dos Santos (36 anos) é um exemplo disso: “sempre levo uma lembrancinha para marcar a Romaria. Em 2009, estive internado e com a ajuda de Nsa. Sra. Medianeira consegui melhorar<sup>307</sup>.” Além disso, neste ano foram colocadas no Parque da Medianeira duas arquibancadas, com capacidade para cerca de 800 pessoas assistir à missa no

---

<sup>306</sup> MENDES, Juliano. *Uma procissão jovem*. A RAZÃO. Santa Maria, n. 29, 13 de novembro de 2011, p. 12.

<sup>307</sup> Idem. p. 12.

final da procissão; também o número de banheiros químicos aumentou. Para reafirmar a “tradição” de Santa Maria como a cidade que deu o maior presente ao Estado, ou seja, uma padroeira, nesta edição da Romaria da Medianeira o prefeito em exercício, Cezar Schirmer, reafirmou a devoção da cidade à “santa”, por meio da inauguração de uma placa comemorativa aos 50 anos da primeira consagração do município à Medianeira. Durante a missa das 10 horas, o governador do Estado Tarso Genro (PT) tomou a palavra falando sobre os devotos e a relevância do evento para o Brasil.

**Figura 29: Devotos à Medianeira**



**Fonte:** MENDES, Juliano. *Uma procissão jovem*. A RAZÃO. Santa Maria, n. 29, 13 de novembro de 2011, p. 12.

**Figura 30: Os Jovens da Medianeira**



**Fonte:** MENDES, Juliano. *Uma procissão jovem*. A RAZÃO. Santa Maria, n. 29, 13 de novembro de 2011, p. 12.

“Devoção daqui para o país” já destacava a capa do jornal *A Razão* de 10 de novembro de 2012. A procissão do ano passado reuniu 250 mil pessoas, neste ano, a expectativa é de 300 mil. No subtítulo destacava que a maior festa religiosa do Estado chegava a sua 69ª edição, consolidando a fé e projetando Santa Maria. A presença de fiéis de inúmeros municípios do

Estado já é algo comum na Romaria de Nossa Senhora Medianeira, afinal, trata-se da Padroeira do Estado. Mas a expectativa para este ano era de que mais visitantes de outras partes do Brasil estivessem na cidade para a procissão. Assim o jornal descreveu a evolução da Romaria:

Já se vão mais de 80 anos desde que um grupo de senhoras de Santa Maria promoveu uma procissão em devoção a Nossa Senhora Medianeira, que protegeu a cidade em meio à Revolução de 1930. De lá para cá, a fé na Santa só cresceu no Coração do Rio Grande. Desde 1943, a padroeira do Estado passou a ter aqui, em Santa Maria, uma Romaria Estadual realizada anualmente, que, neste domingo, chega a sua 69ª edição. As mil pessoas que acompanharam o grupo de senhoras na procissão em 1930 multiplicou-se ao longo de décadas e, em 2012, deve atingir a impressionante marca de 300 mil romeiros, que virão cumprir o seu ritual de agradecimento e penitência<sup>308</sup>.

O jornal daquele ano destacava que a Romaria da Medianeira e a devoção à santa há muito tempo se tornara maior do que a cidade que a abrigava, e que estava crescendo ainda mais. Foi a primeira Romaria da Medianeira que o país todo pôde passar a acompanhar, graças às missas transmitidas ao vivo da Basílica da Medianeira pelo canal de televisão Rede Vida. A partir de março daquele ano, muitos devotos que moram pelo Brasil, mas que nunca vieram ao Estado começaram a conhecer Santa Maria em função de Nossa Senhora Medianeira. De acordo com o arcebispo local, Dom Hélio Rubert:

Parece que despertou algo, um interesse maior das pessoas em Santa Maria, que, sem dúvida, está mais projetada nacionalmente. Até quem é daqui e está fora parece que passou a valorizar mais a nossa cidade. Quem sabe, esta divulgação da Romaria não está reanimando o amor de todos por Santa Maria<sup>309</sup>.

A procissão que ocorre no segundo domingo de novembro de cada ano, no “Coração do Rio Grande”, já é considerada a maior festa religiosa do Sul do país<sup>310</sup>, embora se encontre muito distante do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, a romaria mais popular do Brasil, que reúne cerca de dois milhões de pessoas, em Belém do Pará, no mês de outubro de cada ano. Em mais de oitenta anos de romarias e cerca de setenta procissões estaduais, muito do ritual se manteve e muito se modificou. Como se pode comprovar através da análise dos jornais percebemos o aumento no número de fiéis e também de participantes do evento, visto que as razões para participar das procissões são diversas, tais como fé, lazer, fonte de renda, entre outras.

<sup>308</sup> A RAZÃO. *Devoção daqui para o país*. Santa Maria, n. 23, 10 de novembro de 2012, p.09.

<sup>309</sup> Idem.

<sup>310</sup> Segundo matérias e pelo número de participantes segundo os jornais *A Razão*, *Diário de Santa* e *Zero Hora*.

Também a estrutura do evento modificou-se ao longo dos anos conforme a exigência das novas demandas, assim como a alteração no trajeto das romarias, que mudou de ruas e aumentou conforme o número de participantes. A partir do exposto até aqui podemos notar a ampliação ou a abertura de novas possibilidades de leitura da devoção-patrimônio-romaria, visto que esse tema propõe diferentes, divergentes e interessantes características. Sendo assim, igualmente os jornais que retratam as romarias anuais apresentam suas perspectivas de percepção, pois, eles se utilizam – conscientemente ou não – da *Teoria do Agendamento*. Isso porque, com o número exacerbado de publicações nas duas semanas anteriores à Romaria, alimentam as expectativas dos leitores, quase que “prevendo” – e quem sabe talvez influenciando – como seria/será o evento no domingo. As leituras dos jornais ora utilizados são discordantes nas abordagens, pois constatamos que o jornal mais antigo na cidade – *A Razão* (uma a duas páginas) – retrata a Romaria em um número de página bem inferior, se comparado ao *Diário de Santa Maria* (duas a seis páginas). A abordagem de conteúdo, o número e a qualidade das imagens utilizadas nos periódicos não convergem, muitas vezes, para um mesmo evento. Podemos perceber que o jornal *Diário de Santa Maria* utilizava maior número de fotografias, gráficos e imagens coloridas, assim como tem se fixado, nos últimos anos, em uma abordagem que percebe o partícipe das Romarias da Medianeira como principal agente do acontecimento (ou, pelo menos, um dos principais).

Ao longo do terceiro e último capítulo desta pesquisa levantamos algumas perspectivas de compreensão da devoção e principalmente da Romaria a Nossa Senhora Medianeira: se esse investimento em turismo poderia ser percebido como uma atualização das antigas peregrinações; a questão do crescente comércio que ocorre durante as procissões; e se essa questão, que ora defendemos como patrimônio imaterial, hoje também tem se apresentado como um patrimônio turístico ou como o turismo de não-mercantilização.

Percebemos hoje que a relação entre peregrinação e turismo é nodal para compreendermos uma das perspectivas de leitura da sociedade atual. Assim, como Steil, participamos do entendimento de que turismo e peregrinação são categorias que condensam duas estruturas de significados: a peregrinação em seu sentido idealizado, que remete ao modelo emocional da *communitas*; e o turismo que conduz ao modelo da *societas*, marcado pelo olhar de distanciamento e estranhamento<sup>311</sup>. Ainda segundo Steil, turismo e peregrinação por mais interligados que estejam atuam sobre lógicas bem distintas, “o da *communitas*, para o

---

<sup>311</sup> STEIL, Carlos Alberto. Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa. *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: vol.9 n°. 20 Oct. 2003, p. 01.



qual a verdadeira sociedade seria expressa pelo ideal fraterno da comunhão, e a da *societas*, onde a regra básica de funcionamento da sociedade estaria na distinção”<sup>312</sup>.

A relação ainda incipiente entre peregrinação e turismo em Santa Maria e a partir da Romaria da Medianeira oferece um campo de leitura que compreende a tensão entre os agentes detentores do bem, visto que a forma de ler, interpretar e relacionar-se com a devoção e com a Romaria para o turista e para o peregrino são bem distintas. Dito isso, deixamos claro que aqui não pretendemos analisar romeiros e turistas em perspectivas completamente separadas, pois as peregrinações contemporâneas abrem margem para agentes sociais que participam ao mesmo tempo de mais de uma categoria. Nesse contexto, acreditamos, como Steil, que:

Os romeiros-turistas diferenciam-se dos romeiros tradicionais não apenas por sua aparência, seu modo de vestir, sua postura, sua ideologia religiosa, sua visão de mundo, mas, sobretudo pelas estruturas de significados dentro das quais inserem sua experiência. Para essa nova categoria de romeiros, a romaria em si, com suas expressões cúllicas, seu misticismo, sua religiosidade se torna uma curiosidade ou um aspecto pitoresco a ser observado. Sua presença no santuário se justifica por razões que transcendem aquelas que mobilizariam os romeiros tradicionais<sup>313</sup>.

Se turistas e romeiros relacionam-se de maneiras diferentes com o “bem”, podemos supor que se o romeiro em sua forma mais tradicional participa do evento para agradecer e/ou realizar pedidos e promessas a Nossa Senhora Medianeira, por sua vez, o turista vê o caminhar lento do peregrino como uma possibilidade de admirar a fé da massa, a exacerbação da crença do outro, quase como se assistisse a um espetáculo. Nesse caso, as experiências advindas da relação com a devoção e com a Romaria são diversas e o sentimento de admiração de cada um destes grupos também assim o é.

A romaria é vista, nessa perspectiva, como uma forma de sobrevivência de um mundo idílico, que projeto para dentro da crise contemporânea uma imagem de permanência e estabilidade. Mas, também, um mundo onde se pode tornar contato com os valores e sentidos que a sociedade industrial e urbana acredita ter perdido, ou ao menos, esquecido. Através de um deslocamento no espaço, os romeiros-turistas idealizam o encontro com seu “mito de origem” ou com uma espécie de “paraíso perdido”. A nostalgia da “fé pura” toma forma e contornos na *communitas*, vivenciada pelos romeiros tradicionais diante dos quais se sentem exteriores. Esse estranhamento se constitui num mecanismo pelo qual os romeiros-turistas demarcam uma diferença que não se encontra apenas na ordem do espaço ou do tempo, mas sobretudo na ordem social<sup>314</sup>.

---

<sup>312</sup> Idem.

<sup>313</sup> Ibidem, p. 03.

<sup>314</sup> Ibidem, p. 05.

Por essa razão, entre outras, é que ora apresentamos uma perspectiva de leitura e interpretação da devoção e das romarias estaduais à Medianeira como sendo um bem coletivo, mas que também tem se transformado para atender a novos públicos e demandas como os que pertencem ao setor turístico local. Em certa medida deste trabalho levantamos o conceito de Cidadania Cultural, pois esta é uma prática que possui por base o desenvolvimento efetivo e efetivo de conceitos tais como: patrimônio cultural, formação, informação, criação, distribuição e acesso a cultura, ou melhor, ao exercício da cidadania por meio do usufruto da cultura. Esse acesso não ocorre instantaneamente, visto que tem um caminho longo a percorrer, o que envolve avanços e recuos. Sabemos que em processos de transformação histórica, cultural ou social, são as mentalidades que mudam mais lentamente, mas sem um início neste campo não há transformação possível.

Para Houtart, o mercado pode ser compreendido por diversos prismas: o mercado como ordem espontânea, que não é o produto de uma vontade ou consciência, mas de múltiplas inter-relações decorrentes das ações livres dos indivíduos; a sociedade se organiza com base no jogo de interesses particulares, uma vez que o equilíbrio do mercado não é internacional, cumprindo, dessa forma, a função de operador social; o mercado possui também uma virtude pacificadora, contribuindo para o apaziguamento das necessidades e neutralizando o jogo da rivalidade e da inveja; e, por fim, a economia de mercado pode ser um sistema de cooperação natural, trocas voluntárias e de livre mercado<sup>315</sup>. Ao analisarmos o processo ocorrido na última década com as romarias e suas múltiplas relações, com diferentes campos, podemos pensar que ela vive em uma economia de livre mercado para os seguintes segmentos: Igreja *versus* políticos ou poder público; “doços santos” *versus* “doços profanos”; vendedores *versus* voluntários;romeiros *versus* turistas, e assim por diante. Analisando o patrimônio imaterial – Romaria da Medianeira – e suas relações para além do campo da fé e da crença, podemos concluir que a “troca mercantil traz em si a sua própria racionalidade, e, por conseguinte, o seu caráter secular. É visivelmente fruto da atividade humana e não da vontade de Deus<sup>316</sup>”.

---

<sup>315</sup> HOUTART, François. *Mercado, cultura e religião*, 2003, p. 76-77.

<sup>316</sup> Idem, p. 92.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte deste trabalho buscamos compreender e analisar tanto os antecedentes e o contexto local em que se desenvolveu o patrimônio imaterial, quanto dissertar sobre os principais momentos da história da devoção e da Romaria a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças. Para isso, utilizamo-nos principalmente de fontes secundárias geradas por pesquisadores regionais compostos por padres e pesquisadores acadêmicos. A partir da investigação ora apresentada pudemos enumerar alguns procedimentos estratégicos para a formação do catolicismo no Estado, mas, sobretudo em Santa Maria. Assim como Borin, chegamos ao entendimento de que o catolicismo local apropriou-se (e ainda se apropria) de meios de “fabricar e manipular” os bens simbólicos. Sendo assim, podemos entender que essas estratégias são práticas para a afirmação da identidade dos participantes dessa devoção, dentre as quais se destacam: a comemoração de um “falso centenário”; a alteração de uma insígnia Pública Municipal (realizada pelo Poder Público); a propagação da devoção a Medianeira. Mais tarde vemos ser empreendido o processo de transformação da romaria em peregrinação, visto que, se percebe que para a Igreja a peregrinação possui um caráter mais oficial, bem mais regulada, ao passo que no que se referem às romarias, estas em certa medida gozam de maior autonomia.

Ao longo do capítulo primeiro constatamos que o campo religioso foi e ainda é um espaço de jogo de interesses. Mas nesse caso devemos deixar explícito que o campo da crença hoje se relaciona tanto com o religioso, quanto com os campos político, social e cultural, tendo em vista que se fundamenta em múltiplos grupos da sociedade. Por outro lado, ressaltamos que a devoção a Nossa Senhora Medianeira gerou uma identidade para a cidade (entre as outras existentes), que, por meio dos festejos em honra à “santa”, que agregou poder à Igreja e ao Poder Municipal, deve ter gerado (e ainda hoje gera) tensões, tendo em vista a existência de outros cultos e outras crenças.

Em um segundo momento da escrita desta pesquisa buscamos refletir sobre conceitos básicos para a compreensão do problema, tais como cultura, patrimônio, patrimônio imaterial, processo de patrimonialização e identidade, bem como entender os processos históricos que influenciaram o atual estado do campo patrimonial. Nesse contexto, destacamos: a influência de Mário de Andrade e sua contribuição na elaboração do Anteprojeto para a criação do antigo SPHAN; a criação da Comissão Nacional do Folclore; a Campanha Nacional e Defesa do

Folclore e Cultura Popular; a Constituição Brasileira de 1988; o Decreto-Lei 25 de 1937; e o Decreto 3.551 de 2000. Dito isso, dissertamos sobre a devoção a Nossa Senhora Medianeira como sendo uma prática cultural já consolidada na cidade, que envolve práticas devocionais específicas, rituais e que se destaca por um crescimento intenso do público participante nas romarias estaduais, que são o auge desse patrimônio. Defendemos a devoção e as romarias à Medianeira como sendo um marco no patrimônio imaterial não somente do município, mas também do Estado do Rio Grande do Sul, já que suas características abrangem as especificações do IPHAN no que concerne à conceituação de um Patrimônio Imaterial (ser possuidor de transmissão geracional, um caráter coletivo, dinamicidade e processualidade). Sem esgotar a temática, encerramos este capítulo falando de quem acreditamos ser hoje um dos principais (senão os principais) atores sociais na construção e manutenção do “bem”, ou seja, seus devotos, que ganharam “voz” no jornal local somente a partir da década de 1990.

O terceiro capítulo teve entre seus objetivos discorrer sobre um dos prismas do patrimônio imaterial atualmente, isto é, a mercantilização da devoção a Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças, que tem o seu auge durante os domingos de Romaria. Nessa lógica contemporânea e capitalista, o comércio mostra-se como um dos postos-chave para a compreensão da sociedade em que vivemos. Nesse contexto, a lógica do mercado de bens simbólicos leva os partícipes do evento à compra e venda da experiência e, assim, da própria memória, que não é só subjetiva, mas principalmente material, ou seja, encontra-se hoje na venda e na aquisição de livros, imagens, signos, ícones, velas, gêneros alimentícios, chaveiros, canetas, camisetas, entre outros. O crescente número de romeiros ou peregrinos e turistas durante a Romaria a Nossa Senhora propicia a mudança planejada da crença e do culto à “santa” (sem prever totalmente as suas mutações), tendo seu auge nas romarias. Assim, podemos entender, através da análise dos periódicos existentes na última década, a crescente preocupação do Poder Público, da Igreja e da população santa-mariense com a infraestrutura, com o público “consumidor” e com o turismo religioso. Nesse percurso, percebemos o caráter multifuncional das crenças contemporâneas e do turismo religioso por meio dos relatos e de sua reflexão sob os múltiplos olhares dos devotos, vendedores e turistas que participam de uma forma ou de outra das procissões. Levando em consideração essa lógica, a do comércio dos bens, um crescimento de alta qualidade para a Romaria da Medianeira seria o “que assegure a

sua continuidade no tempo, sendo justo na distribuição dos frutos e respeitando a nossa forma de vida”<sup>317</sup>.

A partir da pesquisa desenvolvida ao longo do terceiro e último capítulo ainda podemos compreender o processo de invenção da tradição<sup>318</sup>, mas, além disso, poderíamos, ainda, refletir sobre questões como a cenarização da Romaria e a constituição do não-lugar<sup>319</sup> como fatores econômicos na construção da incipiente indústria turística santa-mariense. Ademais, é possível estudar em um futuro trabalho as relações existentes entre esse patrimônio já consolidado e o turismo local, através do uso e da extrapolação deste patrimônio, bem como os impactos resultantes deste uso, levando-se em consideração para isso seus prós e contras. Uma das possibilidades levantadas até esta etapa deste estudo parece-nos que esse deslocamento contemporâneo do campo do patrimônio para o setor turístico tem por objetivos, entre outros, transmitir os costumes, os hábitos e até mesmo algumas ideologias pertencentes a determinado grupo para o futuro, pois se entende que este sirva no hoje, mas também a um horizonte próximo. Desse modo, algumas práticas que parecem nascer juntamente aos investimentos com o turismo, por seu uso habitual acabam tornando-se um costume e incorporando-se à fruição do patrimônio ora apresentado.

Os dados levantados para esta dissertação mostraram-se uma fonte quase que inesgotável para a pesquisa e para a reflexão sobre os temas correlatos à Romaria em questão. A partir das fontes coletadas e estando ciente das inúmeras outras fontes que ainda poderiam ser utilizadas para uma compreensão mais completa do problema e da área, que é bastante complexa, deixamos claro que as possibilidades de análise e interpretação do campo ora apresentado deixam-nos inúmeras questões pendentes, tais como uma análise mais qualitativa da teia de sentidos que os agentes detentores do patrimônio em questão estão tecendo por meio de suas inter-relações, seus rituais, suas falas e ações. Um aspecto que poderá ser analisado, utilizando-se, para isso, dentre outras perspectivas, uma pesquisa etnológica que tenha por base a oralidade dos romeiros.

---

<sup>317</sup> HOUTART, François. *Mercado e Religião*, 2003, p. 82.

<sup>318</sup> HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

<sup>319</sup> CARDOSO, Ciro Flamarion. Repensando a construção do espaço. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa: UEPG, vol.3, nº 1, verão de 1998. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2050/1532>>

## REFERÊNCIAS

A RAZÃO. Santa Maria (1935-2013).

ABREU, Regina. *Memória e Patrimônio* – ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

AMARAL, Rita. *Festa à brasileira: sentidos do festejar no país que “não é sério”*. 2001. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/festas.html>>. Acesso em: 15 dez. 2013.

AZZI, Riolando. Presença da Igreja na sociedade Brasileira e formação das dioceses no período republicano. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia (Org.). *Faces do Catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008, p. 17-40.

BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Patrimônio, memória e poder*. Reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo (RS). Passo Fundo: Méritos, 2011.

BANDEL, Vera Lúcia Rodrigues. A importância histórica da maçonaria no município de Santa Maria. Santa Maria. (*Monografia de Especialização*). Curso de especialização em história social e administração do Brasil, UFSM, 1982.

BELMONTE, Sérgio. *Povo Gaúcho, eis aqui tua Mãe!* Santa Maria: Gráfica Pallotti, 1999.

BIASOLI, Vitor O. F. *O Catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria da Boca do Monte* (Rio Grande do Sul - 1870/1920). 2005. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

\_\_\_\_\_. *O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria (1870/1920)*. Santa Maria: UFSM, 2010a.

\_\_\_\_\_. A Matriz Católica da ex-Quarta Colônia de imigração italiana. *MÉTIS: história & cultura* (UCS) – v. 9, n. 17, p. 117-131, jan./jun. 2010b.

BOBSIN, Oneide. Contemporaneidade e religiões. *Revista Textual*, vol. 1, nº 19, maio de 2014, p. 4-10.

BONFADA, Genésio. *Os Palotinos no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 1991.

BORELLI, Viviane. *Da Festa ao cerimonial midiático: as estratégias de midiaticização da Teleromaria da Medianeira pela Rede Vida*. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

BORIN, Marta Rosa. *Fabricando identidade: estratégias e representações no campo religioso*. Anais do X Encontro Estadual de História-Anpuh/RS, jul./2010a.

\_\_\_\_\_. *Por um Brasil católico: tensão e conflito no campo religioso da república*. 2010. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós graduação em Estudos Históricos Latino Americano. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010b.

\_\_\_\_\_. A devoção popular em benefício do político (anos de 1930). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo: Anpuh, jul., 2011.

\_\_\_\_\_. “Um espetáculo religioso: ressignificações da festa da padroeira do Estado do Rio Grande do Sul”. *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá (PR) v. III, n.9, jan/2011. Disponível em: <<http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>>. Acesso em: 20 mar. 2013.

BOURDIEU, Pierre. Os usos do povo. / A delegação e o fetichismo político. In: *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 181-187/ 188-206.

BRASIL. *Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus bois: a trajetória da salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil 1936-2006*. Ministério da Cultura. IPHAN, 2006.

\_\_\_\_\_. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Artigo 216. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm) >. Acesso em: 20 out. 2013.

BRASIL. Patrimônio Imaterial: fortalecendo o Sistema Nacional. 8 módulos. Apostilas do Curso de Patrimônio Imaterial: fortalecendo o Sistema Nacional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e da Representação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) no Brasil. 2013.

BURKE, Peter. Origens da História Cultural-Unidade e variedade na história cultural. In: *Variedades de História Cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 11-37/231-267.

CAMPOS, Yussef Daibert Salomão de. Patrimônio imaterial e memória coletiva de Minas Gerais. *Cadernos do CEOM*. Chapecó: Argos, 2010, n. 31, p. 33-44.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Imaginário, Símbolos e Rituais nos movimentos de Esquerda e Organizações Comunistas: por uma Antropologia da Esquerda. *Religião & Sociedade*. Rio de Janeiro, v. 19, 1998, p. 29-58.

CARDOSO, Ciro Flamarion. Repensando a construção do espaço. *Revista de História Regional*. Ponta Grossa: UEPG, vol.3, nº 1, verão de 1998. Disponível em: <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/viewFile/2050/1532>>

CARVALHO, Francismar Alex Lopes. *O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier*. Maringá, v.9, 2005, p. 143-165.

CAVEDON, Neusa R. Navegantes da esperança: análise de um ritual religioso urbano em Porto Alegre. 1992. *Dissertação* (Mestrado-Programa de Pós- Graduação em Antropologia

Social) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/1410>> Acesso em: 09 ago. 2012.

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano- vol. 8. Rio de Janeiro, Petrópolis: Vozes, 2002.

CHARTIER, Roger. "Cultura popular": revisitando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p.179-192.

\_\_\_\_\_. *O mundo como representação*. *Estudos Avançados*, São Paulo, Vol. 5, n11, jan/abr 1991, p. 173-191.

CHAGAS, Mário. Cultura, memória e patrimônio. *Ciências e Letras*, Porto Alegre: n. 31, jan./jun., 2002, p. 15-29.

CHOAY, François. *A alegoria do patrimônio*. São Paulo: Estação Liberdade/UNESP, 2001.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro. Os arquitetos da memória. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

\_\_\_\_\_. *Os arquitetos da Memória: sociogênese das práticas de preservação do patrimônio cultural no Brasil (anos 1930-1940)*. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2009

CORSETTI, Berenice. Neoliberalismo, memória histórica e educação patrimonial. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 27, jan./jun., 2000, p. 49-57.

CONFERÊNCIA-GERAL da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial. *Revista Observatório Itaú Cultural*. São Paulo: Itaú Cultural, n. 4, 2008.

COSTA, Angela Maria F. D. A Festa de Nossa Senhora dos Navegantes em Porto Alegre/RS e o Patrimônio Histórico Imaterial. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio*, v. 03, n. 01, p. 67-73, 2010. Disponível em: <<http://revistamuseologiaepatrimonio.mast.br/index.php/ppgpmus/article/view/104/113>>. Acesso em: 13 ago. 2012.

DALMOLIN, Aline Roes. *A Rainha de Lauro Trevisan: Modernização e Religiosidade*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2007.

DAMON, Carlos Alberto Ferreira; SILVA, Lúcia Marsal Guimarães. *Estudos Culturais*. Curitiba: Aymar, Faculdades Jorge Amado. (Série EAD-FJA), 2008.

DIÁRIO DE SANTA MARIA. Santa Maria (2002-2012).

*Diário do Interior*. Vida Religiosa. Santa Maria, n.69 , 31 de maio de 1938, p.02;

\_\_\_\_\_. Vida Religiosa. Santa Maria, ano XXVII n.89 , 31 de maio 1939, p.02.

DIOCESE DE SANTA MARIA. *Boletim Informativo*, 1980, s/p.



EAGLETON, Terry. *A idéia de cultura*. Trad. Sandra Castello Branco. São Paulo: ed. UNESP, 2005.

ELÍBIO JR., A. M. *Patrimônio Cultural e Turismo I. V. 2*. ed. Palhoça: Unisul Virtual, 2007.

EMBRATUR. *Empresa Brasileira de Turismo*. Disponível em: <www.embratur.gov.br>

FABIANI, Márcia. *Maria Elizabeth de Oliveira: a construção do imaginário, da devoção e da santidade*. 2006. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de pós graduação em história regional. Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2006.

FALCON, Francisco José Calazans. *História Cultural: uma visão sobre a sociedade e a cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FARINHA, Alessandra Buriol. *Senhora das Águas: Memória da antiga Procissão de Navegantes do porto de Pelotas – RS*. PPG em Memória Social e Patrimônio Cultural. (Dissertação de Mestrado). Pelotas: UFPEL, 2012.

FERREIRA, Maria Letícia M. A memória coletiva dos santos lugares. *Revista Memória em Rede*, Pelotas, v.1, n.1, dez. 2009/mar. 2010.

FÉLIX, Loiva Otero. *História & Memória: a problemática da pesquisa*. Passo Fundo: EDIUPF, 1998.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. *Patrimônio Histórico Cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

\_\_\_\_\_. Os desafios da destruição e conservação do patrimônio cultural no Brasil. *Trabalhos de Antropologia e Etimologia*, Porto Alegre, n. 41, 2001, p. 23-32.

GABINATTO, Valeska. Ensino de história e patrimônio histórico: pontes para a construção da memória e cidadania. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n.27, jan./jun., 2000, p. 37-48.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro. LTC, 2008.

GIOVANAZ, Marlise. Mário de Andrade: ativista da preservação do patrimônio cultural no Brasil. *Ciências e Letras*, Porto alegre, n. 31, jan./jun., 2002, p. 209-217.

GONÇALVES, José Reginaldo. Autenticidade, memória e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.1, n. 2, 1988.

\_\_\_\_\_. Ressonância, Materialidade e Subjetividade: as culturas como patrimônios. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, p. 15-36, jan./jun., 2005.

GONÇALVES, Janice. Pierre Nora e o tempo presente: entre a memória e o patrimônio cultural. *Historiae*. Rio Grande, nº 3, 2012, p.27-46.

GUIDOLIN, Camila; WINTER, Murillo; ZANOTTO, Gizele. Plasticidade ritual: um estudo de caso das romarias de Passo Fundo (RS). In: BATISTELLA, Alessandro (Org.). *Patrimônio*,

*memória e poder*. Reflexões sobre o patrimônio histórico-cultural em Passo Fundo (RS). Passo Fundo: Méritos, 2011p. 189-210.

GRUNBERG, Evelina. Sobre Educação Patrimonial, Turismo e Preservação dos bens culturais. *Revista Iberoamericana de Turismo*. RITUR, Penedo, vol. 4, n. 1, p. 125-129, 2014.  
<http://www.seer.ufal.br/index.php/ritur>

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª ed. Rio de Janeiro: DO&A, 1996.

\_\_\_\_\_. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG. Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HORTA, Maria de Lourdes P.; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. *Guia Básico de Educação patrimonial*. Brasília: IPHAN/Museu Imperial, 1999.

\_\_\_\_\_. Fundamentos da educação Patrimonial. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 27, jan./jun., 2000, p. 25-35.

HOUTART, François. *Mercado, cultura e religião*. São Paulo: Cortez editora, 2003.

ISAIA, Artur Cesar. *Os 80 anos do Hospital de Caridade Dr. Astrogildo de Azevedo (1903-1983)*. Santa Maria: Gráfica e Editora Pozzati, 1983.

\_\_\_\_\_. *Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998. P. 17-76.

IPHAN. Patrimônio Imaterial: fortalecendo o sistema nacional. IPHAN, 2013

KARSBURG, Alexandre de Oliveira. O clero católico e a república: uma relação de conflitos (Rio Grande do Sul 1890-1900). *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, ANPUH, 2007.

\_\_\_\_\_. *Sobre as ruínas da velha matriz: religião e política em tempos de ferrovia (Santa Maria 1884-1897)* (Tese de Doutorado em História). Porto Alegre: PUCRS, 2007. Disponível em: <[http://tese.pucrs.br/tde\\_busca/arquivo.php?codArquivo=482](http://tese.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=482)>. Acesso em: 25 set. 2013.

KIENETZ, Eliane Nelci Bacchi. *Modalidades de turismo e rotas definidas para polo turístico de Santa Maria*, RS. Dissertação de Mestrado. UFSM-PPGEP, Santa Maria, 2001.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 16. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LEAL, João. Agitar antes de usar: a antropologia e o patrimônio cultural imaterial. *Revista Memória em Rede*. Pelotas, v.3, n.9, Jul./Dez., 2013.

LEMOS, Carlos A. C. *O que é Patrimônio Histórico?* 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

LIVRO TOMBO DA CATEDRAL DE SANTA MARIA, n.3 (1889-1914).

MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro. *Educação Patrimonial: orientações para professores de ensino fundamental e médio*. Caxias do Sul: Maneco Livr. & Ed., 2004, p.10.

MANIQUE, Antônio Pedro; PROENÇA, Maria Cândida. *Didática da história: patrimônio e história local*. Lisboa: Texto, 1994.

MANOEL, Ivan Aparecido. A criação de paróquias e dioceses no Brasil no contexto das reformas ultramontanas e da ação católica. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia (Org.). *Faces do Catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008, p. 41-59.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Os “Usos Culturais” da cultura – Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. In: YÁZIGI, Eduardo. *Turismo: espaço, paisagem e cultura*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

NOGUEIRA, Antonio G. R. Diversidade e sentidos do patrimônio cultural. In: *Anos 90*, Porto Alegre, v. 15, n. 27, jul./2008, p. 233-255.

NORBERT, Elias. *O Processo Civilizador: uma história dos costumes*. Trad. Ruy Jun Gmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 2, 1994.

O COMBATENTE. Bispo Vaiado *O Combatente*. Santa Maria, ano XI, 10 de janeiro de 1897, p.02. Acervo do Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso.

\_\_\_\_\_. Bispo. *O Combatente*. Santa Maria, ano XI, 3 de janeiro de 1897, p.02. Arquivo Casa de Memória Edmundo Cardoso.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. *Ex-votos do Brasil: religiosidade, patrimônio cultural, memória social*. 2012. Disponível em: <<http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/385/320>>. Acesso em: 23 mar. 2013.

PAIXÃO. Dinara Xavier da. *Pe. Ignácio Valle e a devoção à Nossa Senhora Medianeira*. Santa Maria: Pallotti, 2003.

PEREZ, Léa Freitas. *Festa, religião e cidade - corpo e alma do Brasil*. Porto Alegre: Medianiz, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatagy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. *Estudos históricos*, n. 16, v.2, 1995.

POHL, Angelo Inácio. Patrimônio cultural e Representações. In: MILDER, Saul (Org.). *Educação Patrimonial: perspectivas*. Santa Maria: UFSM/LEPA, 2005.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989, p. 3-15.

POSSAMAI, Zita Rosane. O Patrimônio em construção e o conhecimento histórico. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 27, jan./jun., 2000a, p. 13-24.

\_\_\_\_\_. Patrimônio e Museu: histórias e memórias da cidade. *Anos 90*, Porto Alegre, n.14, dez. 2000b, p. 23-35.

PRATS, Llorenç. *Antropologia y patrimônio*. Barcelona: Ariel, 1997

PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA. Disponível em:  
<<http://www.santamaria.rs.gov.br/>>

QUEVEDO, Júlio. *Compacta do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2003.

RABUSKE, Arthur. *Os inícios da colônia italiana no Rio Grande do Sul em escritos de jesuítas alemães*. Caxias do Sul/Porto Alegre: UCS/EST, 1988.

RAINHA DOS APÓSTOLOS, Valle Vêneto/Santa Maria: Pallotti, 1923-1943.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto*. Chapecó: Argos, 2004.

RAMOS, E. H. C. L. Cidades e sociabilidades (1822 - 1889). In: PICCOLO, Helga Iracema Landgraf; PADOIN, Maria Medianeira. (Org.). *História Geral do Rio Grande do Sul - Império*. Passo Fundo: Méritos, 2006, v. 2, p. 423-447.

REVEL, Jacques. Cultura, Culturas: uma perspectiva historiográfica. *Proposições: ensaios de história da historiografia*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2009, p 97-137.

RHODEN, Luiz Fernando. O Patrimônio imaterial: algumas reflexões sobre o registro. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 31, jan./jun., 2002, p. 253-260.

RIBEIRO, Marcelo. Festas Populares e turismo cultural – inserir e valorizar ou esquecer? *Passos: Revista de turismo y patrimônio cultural*, v. 2, 2004

RIGO, José. *A Romaria da Medianeira e a Eucaristia: um estudo teológico pastoral*. Santa Maria: Biblos, 2006.

RODRIGUES, Antonio Edmilson M. *Tempos Modernos: ensaios de história cultural*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ROGER, Chartier. Cultura Popular: revisando um conceito historiográfico. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 16, 1995, p. 179-192.

ROSÁRIO, Cláudia Carqueira. O lugar mítico da memória. *Morpheus-Revista eletrônica em ciências humanas*. Ano 61, n. 1, 2002.

RUBERT, Arlindo. *A Diocese de Santa Maria*. Porto Alegre, s/e, 1957.

\_\_\_\_\_. *Clero secular Italiano no Rio Grande do Sul*. Santa Maria, s/e, 1977.

\_\_\_\_\_. *História da Igreja no Rio Grande do Sul – época Colonial (1822)*. Vol. I, Coleção Teologia – 13. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998a.

\_\_\_\_\_. *História da Igreja no Rio Grande do Sul – época Imperial (1822-1889)*. Vol. II, Coleção Teologia – 13. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998b.

SEGALEN, Martine. *Ritos e rituais contemporâneos*. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SILVA, Larissa Molinos da. *Entre Mitos e Ritos: a Romaria da Nossa Senhora Da Medianeira de Todas as Graças, em Santa Maria/RS*. 2011. Dissertação (Pós-graduação em Ciências Sociais) – Universidade de Santa Maria, 2011.

SILVA, Juremir Machado da. *Anjos da Perdição: futuro e presente na cultura brasileira*. Porto Alegre: Sulina, 1996.

SILVEIRA, Emerson Sena da. *Por uma sociologia do Turismo*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

SIMÃO, Lucieni de Menezes. Os mediadores o Patrimônio imaterial. *Sociedade e cultura*, v. 6, n. 1, jan/jun. 2003, p. 59-70.

SIRINELLI, Jean François. *Para uma História Cultural*. Lisboa: Editorial Estampa, 1998, p. 123-137.

SPALDING, Walter. A Igreja no velho continente de São Pedro do Sul. *Anais do III Congresso Sul-Rio-Grandense de História e Geografia*. Porto Alegre: Prefeitura municipal de Porto Alegre, 1940, v.3, p. 1433-1439.

SOARES, André Luís; KLAMT, Sergio Célio (Org.). *Educação Patrimonial: teoria e prática*. Santa Maria: UFSM, 2007.

SOUZA, Carla Farias. *Romaria da Medianeira e estudos Culturais: a construção dos modos de ver dos futuros docentes de Artes visuais*. (Dissertação de mestrado). Santa Maria, 2008.

SOUZA, Sérgio Toledo (Org.). *Religião e imagética: caminhos da devoção popular no Brasil e no México*. Porto Alegre: Armazém digital, 2008.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa - Bahia*. Petrópolis: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. Peregrinação e turismo: o Natal em Gramado e Canela. *Anais do XXII Reunião Anual de ANPOCS*, 1998.

\_\_\_\_\_. Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa. *Revista Horizontes Antropológicos*. Porto Alegre: vol.9 nº. 20 Oct. 2003.

TYALOR, Edward. *Cultura Primitiva*. Londres: John Mursay & Co, 1871-1958.

UNESCO. *Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Imaterial*. Paris, 2003.

VALE, Padre Ignácio. *Cinquentenário do Santuário da Mãe Medianeira de Todas as Graças: 1930-1980*. Santa Maria: s/Ed, 1980.

VARINE, Hugues. Patrimônio e educação Popular. In: *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n.31, jan./jun., 2002, p. 287-296.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. *O crime do padre Sório: Maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928)*. Santa Maria: Ed. UFSM, 2001.

WEBER, Beatriz Teixeira; RIBEIRO, José Iran (Org.). *Nova História de Santa Maria: contribuições recentes*. Santa Maria: [s. n.], 2010.

WEIZENMANN, Jacob Ireno. *Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças*. Porto Alegre: Proletra, 2005.

ZAMIN, Frinéia. *Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul a atribuição de valores a uma memória coletiva edificada para o Estado*. (Mestrado em História) – Universidade do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, 2006.

## ANEXO A: Novena de Nossa Senhora Medianeira de Todas as Graças

### Oração do 1º dia

Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, nós Vos veneramos, como Medianeira no Mistério da Anunciação, porque foi por vosso meio que Deus veio ao mundo. Ó Senhora e mãe nossa, concedei-nos a graça...e mostrai que Vos aprazeis de ser venerada como Medianeira de todas as graças. Amém.

### Oração para o resto dos dias

V. Rogai por nós, Medianeira nossa Poderosíssima. R. Para que sejamos dignos das promessas de Cristo. Oremos – Senhor Jesus Cristo, Medianeiro nosso junto ao Pai, que Vos dignaste construir a vossa Mãe, a Santíssima Virgem Maria, também nossa Mãe e Medianeira junto a Vós, concedei benigno que todo aquele que suplicaste se Vos dirigir, se alegre de ter alcançado por meio d’Ela, tudo o que pediu. Vós que viveis e reinais por todos os séculos dos séculos. Amém,

### 2º dia de oração

Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, nós Vos veneramos como Medianeira no Ministério de Visitação, porque foi por Vosso meio que Deus santificou a São João Batista. Ó Senhora e Mãe nossa, concedei-nos a graça...e mostrai que Vos aprazeis de ser venerada como Medianeira de todas as graças. Amém.

### 3º dia de oração

Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, nós Vos veneramos como Medianeira no Ministério do nascimento porque fostes Vós que gerastes, na gruta de Belém, o Salvador do mundo e o mostraste aos pastores. Ó Senhora e Mãe nossa, concedei-nos a graça...e mostrai que Vos aprazeis de ser venerada como Medianeira de todas as graças. Amém.

### 4º dia de oração

Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, nós Vos veneramos como Medianeira na Adoração dos Reis Magos, porque fostes Vós que lhes apresentastes o Menino Jesus. Ó Senhora e Mãe nossa, concedei-nos a graça...e mostrai que Vos aprazeis de ser venerada como Medianeira de todas as graças. Amém.

### 5º dia de orações

Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, nós Vos veneramos como Medianeira no Ministério da apresentação, porque fostes Vós que oferecestes a Deus o Menino Jesus e O colocastes nos braços do Santo Velho Simeão. Ó Senhora e Mãe nossa, concedei-nos a graça...e mostrai que Vos aprazeis de ser venerada como Medianeira de todas as graças. Amém.

### 6º dia de orações

Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, nós Vos veneramos como Medianeira nas Bodas de Cana, porque foi por Vosso meio que Jesus fez o primeiro milagre. Ó Senhora e Mãe nossa, concedei-nos a graça...e mostrai que Vos aprazeis de ser venerada como Medianeira de todas as graças. Amém.

### 7º dia de oração

Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, nós Vos veneramos como Medianeira no Calvário, porque fostes Vós colocada entre Deus e os homens declarando-Vos Jesus nossa Mãe. Ó Senhora e Mãe nossa, concedei-nos a graça...e mostrai que Vos aprazeis de ser venerada como Medianeira de todas as graças. Amém.

8º dia de oração

Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, nós Vos veneramos como Medianeira na Vinda do Divino Espírito Santo porque fostes Vós que o atraístes mais abundantemente à terra. Ó Senhora e Mãe nossa, concedei-nos a graça...e mostrai que Vos aprazeis de ser venerada como Medianeira de todas as graças. Amém.

9º dia de orações

Santíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, nós Vos veneramos como Medianeira no céu, porque temos certeza de que Des não concede nenhuma graça senão por Vosso meio. Ó Senhora e Mãe nossa, concedei-nos a graça...e mostrai que Vos aprazeis de ser venerada como Medianeira de todas as graças. Amém.



ANEXO B: Tabela – Síntese das romarias estaduais de N.S.M.T.G.<sup>320</sup>

| <b>Data/Ano</b>                                       | <b>Intenção Especial</b>  | <b>Contexto</b>                    | <b>Destaque</b>   |
|---|---|------------------------------------|---|
| <b>1ª Romaria Estadual Dez./1943</b>                  | “Deus o quer”, apelo histórico para a 1ª Romaria Estadual.  | Início da devoção à Medianeira.    | A presença Dom Antônio Zattera, com um grupo de peregrinos de Pelotas e Bagé.   |
| <b>2ª Romaria Estadual, em 5 de novembro de 1944</b>  | “A paz como obra da justiça”. Que Deus proteja nossos soldados, fazendo-os fortes na luta, bondosos na vitória e heroicos na morte, se Deus aprover. Talvez Deus permita que nossa romaria coincida com a suspirada hora da vitória e da paz. | Vive-se a II Grande Guerra Mundial |   |
| <b>3ª Romaria Estadual, em 11 de novembro de 1945</b> | A paz no mundo.   | O mundo está em guerra.            | A presença de Dom Cândido Maria Bampi, com os romeiros de Vacaria. Presidência: Dom José Bárea, o bispo de Caxias do Sul.   |
| <b>4ª Romaria Estadual, em 10 de novembro de 1946</b> | “O bem-estar do povo, a tranquilidade da Pátria amada”.   |                                    | Presidência: Dom Newton de Almeida Batista, o bispo de Uruguaiana. Destaque: a presença de Dom Alfredo Vivente Scherer, vigário capitular e arcebispo recém-eleito de Porto Alegre.* <sup>321</sup> |
| <b>5ª Romaria Estadual, em 6 de novembro de 1949</b>  | “Pelo Santo Padre, proteção e consolo”.   |                                    |   |
| <b>6ª Romaria Estadual, em 5 de novembro de 1950</b>  | “Regozijo pela proclamação do dogma da Assunção.  |                                    | Presidência: Dom Cláudio Colling, nomeado bispo auxiliar de Santa Maria, a 29 de janeiro de 1950, pelo Papa Pio XII. E, depois,   |

<sup>320</sup> Dados retirados do livro do Padre Enio - *A Romaria da Medianeira e a Eucaristia: um estudo teológico pastoral*. Santa Maria: Biblos, 2006. Tabela de produção da autora.

|  |  |  |   |
|--|--|--|---|
|  |  |  | primeiro bispo de Passo Fundo.  |
| <b>7ª Romaria Estadual, em 4 de novembro de 1951</b>   | Jubileu de Prata do Seminário São José (25anos).   |  | Presidência: Dom Cláudio Colling, bispo de Passo Fundo.                     |
| <b>8ª Romaria Estadual, em 9 de novembro de 1952</b>   | “Mensagem de paz da Virgem Medianeira ao Rio Grande do Sul e ao mundo pela paz e reconciliação dos homens”.      |  | Presidência: Dom Cláudio Colling, bispo de Passo Fundo.                     |
| <b>9ª Romaria Estadual, em 8 de novembro de 1953</b>   | “Cruzada por um mundo melhor”.   |  | Destaca-se a presença do Padre Ricardo Lombardi.                            |
| <b>10ª Romaria Estadual, em 7 de novembro de 1954</b>  | “Saúde do Papa Pio XII”.   | Destaca-se: o Ano Santo Mariano, o Centenário do Dogma da Imaculada Conceição, o jubileu da obtenção da festa litúrgica da Medianeira, na Diocese. Pe. Valle conseguiu 30.000 assinaturas de seminaristas, 3.000 de professores e 250 de seminários pedindo a definição do dogma da Mediação Universal de Maria. |   |
| <b>11ª Romaria Estadual, em 6 de novembro de 1955</b>  | “Que a romaria alcance todos os seus objetivos e que aconteça o advento promissor do Reino de Cristo nos lares”. |  | Presidência: Pe. Francisco Bragança, SJ., Reitor da Universidade do Recife. |
| <b>12ª Romaria Estadual, em 11 de novembro de 1956</b> | “Muitas e escolhidas vocações sacerdotais”.  | O jubileu de Dom Antônio Reis. A Igreja Católica proclama 1956 como Ano Vocacional em todo o Brasil.   | Presidência: Dom Luiz Victor Sartori, bispo coadjutor de Santa Maria.       |
| <b>13ª Romaria Estadual, em 10 de novembro de 1957</b> | “Agradecer a saúde de Dom Antônio Reis”.   |  |   |

|  |  |  |   |
|--|--|--|---|
| <b>14ª Romaria Estadual, em 9 de novembro de 1958</b>  |  |  | Presidência: Dom Vicente Scherer, arcebispo de Porto Alegre. Destaca-se a presença do Cardeal do Rio de Janeiro, Dom Jaime de Barros Câmara.  |
| <b>15ª Romaria Estadual, em 25 de outubro de 1959</b>  | “Mobilização de todas as forças católicas para a difusão da mensagem de Cristo, para a vivência da graça e para que cada cristão se sinta responsável em face de seu próximo”. |  | Presidência: Dom Antônio Reis, o Bispo da Medianeira: fez todo o trajeto da procissão descanso, presidiu a missa da romaria pela última vez, pois faleceu em 13 de setembro de 1960, aos 74 anos. |
| <b>16ª Romaria Estadual, em 13 de novembro de 1960</b> |  | O prefeito de Santa Maria, Dr. Miguel Sevi Viero, consagrou o Município de Santa Maria à Medianeira. | Presidência: Dom Luiz Victor Sartori, 4ºbispo de Santa Maria.   |
| <b>17ª Romaria Estadual, em 12 de novembro de 1961</b> | “Pelos trabalhos do Concílio Vaticano II”.   |  | Presidência: Dom Walmor Batú Wichrowski, nomeado bispo auxiliar de Santa Maria. Orador oficial: Dom Luiz Victor Sartori.  |
| <b>18ª Romaria Estadual, em 11 de novembro de 1962</b> |  | A presença do Dr. Ildo Meneguetti, Governador eleito do Rio Grande do Sul.                           | Presidência: Pe. Érico Ferrari, pároco da Catedral. Dom Walmor Batú Wichrowski e Dom Victor Sartori estão no Concílio do Vaticano II.   |
| <b>19ª Romaria Estadual, em 8 de novembro de 1963</b>  |  | Os bispos estão no Concílio Vaticano II e mandam uma bênção aos romeiros.                            |   |
| <b>20ª Romaria Estadual, em 8 de novembro de 1964</b>  | “Com a Virgem Medianeira para a renovação Conciliar”   | A presença do Dr. Solano Borges, Presidente da Assembleia Legislativa e, no                          |   |

|  |   |  |  |
|--|---|--|--|
|  |   | momento,<br>Governador Interino<br>do RS.  |  |
| <b>21ª Romaria Estadual, em 7 de novembro de 1965</b>  |   |  | Os bispos gaúchos ainda estão no Concílio Vaticano II. Destaque: a presença do Dr. Ildo Meneghetti, governador do RS.  |
| <b>22ª Romaria Estadual, em 6 de novembro de 1966</b>  |   | A última ala do Seminário São José é demolida. Os seminaristas são transferidos para o novo prédio do seminário, no Parque Dom Antônio Reis, inaugurado em 1º de maio de 1966. Uma turma permanece no Seminário São José, outra vai para Erechim e outra para o pré-seminário em Ivorá, até a conclusão das obras. A devoção cresce sempre mais. | Presidência: Dom Luiz Victor Sartori, bispo diocesano.   |
| <b>23ª Romaria Estadual, em 12 de novembro de 1967</b> | “Pelo Papa Paulo VI, em suas angústias e martírios. Pela paz no mundo e na Igreja”. | É o Ano da Fé.   |  |
| <b>24ª Romaria Estadual<sup>322</sup></b>              |   |  |  |
| <b>25ª Romaria Estadual, em 10 de novembro de 1968</b> | Pelo Jubileu da Romaria da Medianeira   | A Romaria do jubileu   | Dom Luiz Victor Sartori está enfermo.  |
| <b>26ª Romaria Estadual, em 9 de novembro de 1969</b>  | “Justiça e paz para o mundo e o Brasil”.  |  | Presidência: Dom Luiz Victor Sartori, participa pela última vez. Dom Antônio do Carmo Cheuiche é nomeado bispo auxiliar de Santa Maria, em 2 de abril de 1969. |
| <b>27ª Romaria Estadual, em 8 de</b>                   | Lema da Campanha da Fraternidade: “Ser  |  | Morre, aos 09 de abril de 1970, Dom  |

<sup>322</sup> Não aconteceu.

|  |   |  |   |
|--|---|--|---|
| <b>novembro de 1970</b>  | cris-tão é participar”.<br>Lema da Romaria:<br>“Ser cris-tão é<br>construir”.               |  | Luiz Victor Sartori.  |
| <b>28ª Romaria<br/>Estadual, em 14 de<br/>novembro de 1971</b> | “Construir é servir”.   |  | Presidência: Dom<br>Érico Ferrari, novo<br>bispo de Santa<br>Maria(26/06/1971).   |
| <b>29ª Romaria<br/>Estadual, em 12 de<br/>novembro de 1972</b> | Lema: “A paz é<br>possível”.  |  |   |
| <b>30ª Romaria<br/>Estadual, em 11 de<br/>novembro de 1973</b> | Lema: “Justiça e<br>amor”.  |  | Morre, em acidente<br>de automóvel, Dom<br>Érico Ferrari, em 29<br>de abril de 1973.  |
| <b>31ª Romaria<br/>Estadual, em 10 de<br/>novembro de 1974</b> | Lema: “Em busca da<br>grande<br>reconciliação”. Tema:<br>Reconciliação e<br>renovação.      |  | Dom José Ivo<br>Lorscheiter, bispo<br>auxiliar de Porto<br>Alegre e secretário<br>geral da CNBB, a 21<br>de abril, é nomeado<br>bispo de Santa Maria.   |
| <b>32ª Romaria<br/>Estadual, em 9 de<br/>novembro de 1975</b>  | Lema: “Caminheiros<br>da Fé”. Tema: Maria,<br>a peregrina da fé e do<br>serviço ao próximo. | I Centenário da<br>Imigração e<br>Colonização Italiana<br>no Rio Grande do<br>Sul; 25º aniversário<br>do Dogma de<br>Assunção;<br>intensifica-se a<br>mobilização pela<br>novena móvel pelas<br>paróquias da cidade<br>de Santa Maria.<br>Imagem acolhida:<br>Nossa Senhora da<br>Saúde (Madona della<br>Sallute). | Presidência: Dom<br>Albino Luciani,<br>cardeal Patriarca d<br>Veneza – eleito João<br>Paulo I em 1978.  |
| <b>33ª Romaria<br/>Estadual, em 14 de<br/>novembro de 1976</b> | Lema: “Na luz do sim<br>de Maria”. Tema:<br>Vocação Sacerdotal.                             | A Ano Vocacional<br>Diocesano; conclusão<br>dos trabalhos<br>realizados;<br>celebração do Jubileu<br>de Ouro de Seminário<br>Diocesano São José.   | O quadro da imagem<br>da Medianeira<br>percorreu as 33<br>paróquias, em 75<br>dias, andando 3.460<br>Km, conduzida por<br>Dom Ivo, bispo<br>diocesano, em<br>companhia de padres<br>e leigos. Presidência:<br>Dom Cármine Rocco<br>– núncio apostólico. |
| <b>34ª Romaria</b>   | Lema: “Fraternidade   |  | Presidência: Dom  |

|  |   |  |   |
|--|---|--|---|
| <b>Estadual, em 13 de novembro de 1977</b>                     | sem fronteiras”.<br>Intenção especial:<br>Pela Conferência<br>Episcopal Latino-<br>americana de Puebla. |  | Luis Juan Tomé,<br>bispo de Mercedes –<br>Argentina. Imagem<br>acolhida: A Virgem<br>de Luján. Fato<br>significativo: a partir<br>dessa romaria, e por<br>anos seguidos,<br>valoriza-se a presença<br>de países vizinhos<br>presentes à romaria.  |
| <b>35ª Romaria<br/>Estadual, em 12 de<br/>novembro de 1978</b> | Lema: “Missionários<br>e Mártires com<br>Maria”.  |  | Presidência: Dom<br>Ismael Bras Rolón<br>Silvero, arcebispo<br>metropolitano de<br>Asunción – Paraguai.<br>Destaques: 350 anos<br>do martírio de Três<br>Mártires rio-<br>grandenses; presença<br>da relíquia do<br>coração do Pe. Roque<br>González, trazida do<br>Paraguai. Imagem<br>acolhida: Nossa<br>Senhora de Caacupe<br>do Paraguai. |
| <b>36ª Romaria<br/>Estadual, em 11 de<br/>novembro de 1979</b> | Lema: “Maria no<br>coração do povo”.  | Durante a homilia<br>fez-se uma menção<br>especial a todas as<br>Marias presentes à<br>Romaria da<br>Medianeira. | Presidência: Dom<br>Benedito Zorzi, bispo<br>de Caxias do Sul.<br>Imagem acolhida:<br>Nossa Senhora do<br>Caravágio, no<br>centenário de sua<br>veneração em terras<br>gaúchas.   |
| <b>37ª Romaria<br/>Estadual, em 9 de<br/>novembro de 1980</b>  | Lema: “50 anos de<br>graças”.   | Cinquenta anos do<br>início da devoção à<br>Medianeira, em Santa<br>Maria.                                       | Presidência: Dom<br>José Ivo Lorscheiter,<br>bispo diocesano.   |
| <b>38ª Romaria<br/>Estadual, em 8 de<br/>novembro de 1981</b>  | Lema: “Para a Mãe<br>ninguém é<br>deficiente”. Tema:<br>Maria e os<br>deficientes.                      |  | O ano internacional<br>do deficiente.<br>Presidência: Pe.<br>Hilário Cristofolini,<br>sacerdote paraplético<br>(cadeirante), reside<br>em São Paulo e<br>pertence à<br>Congregação dos<br>Padres Missionários<br>da Consolata.  |
| <b>39ª Romaria<br/>Estadual, em 14 de<br/>novembro de 1982</b> | Lema: “Rezar do<br>jeito de Maria”.   | Especial menção aos<br>idosos; consagração<br>da Diocese ao  | Imagem acolhida:<br>Nossa Senhora do<br>Rosário, vinda da   |

|   |  |   |   |
|---|--|---|---|
|   |  | <p>Imaculado Coração de Maria; menção carinhosa ao Pe. Inácio Valle, falecido em 28/05/1982. Pela primeira vez a romaria se realizou sem a presença física de seu mentor.</p> | <p>capela de Nossa Senhora do Rosário, da paróquia de Arroio Grande. Essa imagem foi trazida da Itália pelos imigrantes. Consta que, na vinda, o navio incendiou. Testemunhas oculares atestaram que o fogo se extinguiu ao chegar perto da imagem. Por ser um local de peregrinação, o bispo diocesano declarou essa capela Santuário, no ano de 2002. Presidência: Dom José Ivo Loescheiter, bispo diocesano.</p> |
| <p><b>40ª Romaria Estadual, em 13 de novembro de 1983</b></p> | <p>Lema: “De pé, junto à cruz”.</p>  |   | <p>Presidência: Dom Raul Scarrone, bispo auxiliar de Montevidéo – Uruguai. Imagem acolhida: Virgem de Los Trinta y Tres, padroeira do Uruguai. Destaque: O Ano da Redenção.</p>   |
| <p><b>41ª Romaria Estadual, em 11 de novembro de 1984</b></p> | <p>Lema: “Eleva os Humildes”. Tema: O Cântico de Magnificat.</p>                 |   | <p>Presidência: Dom Geraldo Maria de Moraes Penido, arcebispo de Aparecida, São Paulo. Imagem acolhida: Nossa Senhora Aparecida, Padroeira do Brasil.</p>   |
| <p><b>42ª Romaria Estadual, em 10 de novembro de 1985</b></p> | <p>Lema: “Jovem, feliz porque acreditaste”. Tema: Os jovens e Nossa Senhora.</p> | <p>O Ano Internacional da Juventude.</p>  | <p>Presidência: Dom José Ivo Lorscheiter, bispo diocesano e presidente da CNBB.</p>   |
| <p><b>43ª Romaria Estadual, em 9 de novembro de 1986</b></p>  | <p>Lema: “O que fazes pela paz”. Tema: Maria como mediadora da paz.</p>          | <p>O Ano Internacional da Paz.</p>  | <p>Presidência: Dom José Ivo Lorscheiter.</p>   |
| <p><b>44ª Romaria Estadual, em 8 de novembro de 1987</b></p>  | <p>Lema: “Maria escolhe os pequenos”. Tema: Maria e o menor abandonado.</p>      | <p>O Ano Mariano e o 50º Aniversário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima, padroeira de</p>   | <p>Presidência: Dom Antonio Ribeiro, cardeal patriarca de Lisboa. Imagem acolhida: Nossa</p>  |

|  |  |   |   |
|--|--|---|---|
|  |  | Portugal.   | senhora de Fátima.  |
| <b>45ª Romaria Estadual, em 13 de novembro de 1988</b> | Lema: “Com Maria para o ano 2000”.   | O Congresso Mariano-mariológico em Santa Maria, com a presença de todos os bispos do Rio Grande do Sul. | Presidência: Dom Cláudio Colling, arcebispo metropolitano de Porto Alegre.  |
| <b>46ª Romaria Estadual, em 12 de novembro de 1989</b> | Lema: “O Brasil aprendendo com Maria”.   |   | Presidência: Dom Silvestre Scandian, arcebispo de Vitória – Espírito Santo. Imagem acolhida: Nossa Senhora da Penha, da arquidiocese de Vitória.  |
| <b>47ª Romaria Estadual, em 11 de novembro de 1990</b> | Lema: “Maria, nova mulher”. Tema: Maria e a mulher.                                      |   | Presidência: Dom José Ivo Lorscheiter.  |
| <b>48ª Romaria Estadual, em 10 de novembro de 1991</b> | Lema: “Maria, estrela das Américas, Mãe das comunidades”.                                |   | Imagem acolhida: Nossa Senhora de Guadalupe. Destaque: O 8º Encontro Nacional das Comunidades Eclesiais de Base, em Santa Maria, e 8 a 12 de setembro de 1982.  |
| <b>49ª Romaria Estadual, em 8 de novembro de 1992</b>  | Lema: “Com novo ardor missionário”. Tema: Esperanças e exigências da nova evangelização. |   | Presidência: Dom Julio Terrazas, arcebispo de Santa Cruz da La Sierra – Bolívia. Destaque: A presença da relíquia de São Roque Gonzáles e a memória do Pe. Cristóbal de Mendoza Orellana, que trouxe o gado para o Rio Grande do Sul. |
| <b>50ª Romaria Estadual, em 14 de novembro de 1993</b> | Lema: “Ação de graças e avaliação da fidelidade”.  | Os 50 anos de devoção à Medianeira na diocese.  | Presidência: Dom Alfio Rapizarda, Núncio Apostólico no Brasil.  |
| <b>51ª Romaria Estadual, em 13 de novembro de 1994</b> | Lema: “A Mãe une e ampara a família”. Tema: A Medianeira e a família.                    |   | Presidência: Dom Vicente Zico, arcebispo de Belém do Pará. Imagem acolhida: Nossa Senhora de Nazaré.  |



|  |   |   |  |
|--|---|---|--|
|  |   |   | Fato significativo: durante a homilia, Dom Zico diz: “aqui eu aprendi como se faz e se vive uma verdadeira romaria”.   |
| <b>52ª Romaria Estadual, em 12 de novembro de 1995</b> | Lema: “Santuários da vida”. Tema: A Medianeira e a vida.  |   | Presidência: Dom José Ivo L. Imagem acolhida: Nossa Senhora dos Remédios, da quase paróquia de Quevedos, na Diocese de Santa Maria.  |
| <b>53ª Romaria Estadual, em 9 de novembro de 1996</b>  | Lema: “Tocai a trombeta”. Tema: Conclamados ao grande jubileu.  | O Ano da motivação para a celebração do jubileu dos 2000 anos de Cristo e o centenário da morte de Santa Terezinha. Pela primeira vez as Irmãs Carmelitas saíram do claustro e participaram da romaria. | Presidência: Dom Antônio do Carmo Cheiche, OCD, bispo auxiliar de Porto Alegre. Imagem acolhida: Nossa Senhora do Sorriso, vinda de Paris.   |
| <b>54ª Romaria Estadual, em 9 de novembro de 1997</b>  | Lema: “Fazei tudo o que Ele vos disser”. Tema: A Medianeira e o 1º ano do Tríduo em preparação ao jubileu e seu conteúdo. |   | Presidência: Dom José Ivo L. Destaque: O sacramento do batismo e o Ano de Jesus Cristo: solução para todos os problemas.   |
| <b>55ª Romaria Estadual, em 8 de novembro de 1998</b>  | Lema: “Vem, Espírito Santo, vem!”. Tema: O Espírito Santo, esperança para o mundo.  |   | Presidência: Dom Aparecido José Dias, SVD, presidente do Conselho Indigenista, Missionário e bispo de diocese de Romaria, diocese-irmã. Destaque: O 2º ano em preparação ao grande jubileu; ano do Espírito Santo, no sacramento da Crisma, das missões populares na diocese de Santa Maria. Mais uma vez está presente o coração do Pe. Roque Gonzáles. |


|   |  |   |  |
|---|--|---|--|
| <p><b>56ª Romaria Estadual, em 14 de novembro de 1999</b></p> | <p>Lema: “Povo gaúcho, eis aqui tua Mãe”.<br/>Tema: Celebrando o Grande Jubileu – ação de graças e pedido de perdão.</p>   | <p>3º ano do Tríduo do Jubileu, dedicado ao Pai; o sacramento da reconciliação. Os bispos gaúchos decidem que, nesse ano, a Romaria da Medianeira, preparada pelas 16 dioceses, será o “evento que marcará a celebração jubilar no Regional Sul III”. E quinhentos anos do Brasil, em que a cruz do Brasil, passou por todas as dioceses brasileiras.</p> | <p>Presidência: Dom Altamiro Rossato, arcebispo metropolitano de Porto Alegre, RS.</p>   |
| <p><b>57ª Romaria Estadual, em 12 de novembro de 2000</b></p> | <p>Lema: “Maria proclama uma nova história”. Tema: Maria e o novo milênio.</p>   | <p>O Ano Santo Jubilar e os 500 anos de Brasil.</p>   | <p>Presidência: Dom Irineu Wilges, novo bispo de Cachoeira do Sul. Imagem acolhida: Nossa Senhora do Coromoto, padroeira nacional da Venezuela, trazida pelo reitor do Santuário, Mons. Manuel Brito.</p>  |
| <p><b>58ª Romaria Estadual, em 11 de novembro de 2001</b></p> | <p>Lema: “Ser Igreja do jeito de Maria”. Tema: Maria e o novo milênio.</p>   | <p>O Projeto “Ser Igreja no Novo Milênio” e o estatuto dos Atos dos Apóstolos.</p>  | <p>Presidência: Dom Jaime Chemelo, bispo de Pelotas, e presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Imagem acolhida: Nossa Senhora de Guadalupe, padroeira da América Latina e Mãe dos Indígenas, também padroeira da diocese de Pelotas/RS.</p> |
| <p><b>59ª Romaria Estadual, em 10 de novembro de 2002</b></p> | <p>Lema: “Mãe Medianeira, teus filhos passam fome”. Tema: A Romaria da Medianeira em sintonia com os projetos da Igreja do Brasil por meio do Documento 69 – “Desafios</p> |   | <p>Presidência: Dom Dadeus Grins, arcebispo metropolitano de Porto Alegre e presidente do Regional Sul III da CNBB. Imagem acolhida: Nossa Senhora Mãe de</p>  |

|  |  |  |  |
|--|--|--|--|
|  | Evangélicos e éticos pela erradicação da miséria e da fome no Brasil”. |  | Deus, padroeira da Arquidiocese de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. <sup>323</sup> |
|--|--|--|--|

---

<sup>323</sup> Arquivos do Bispado de Santa Maria.

**ANEXO C: Folder da Prefeitura sobre as Paróquias a serem visitadas pelos turistas**



## IMACULADA CONCEIÇÃO

Idealizada pelo Padre Caetano Pagliúca, começou a ser construída em 1902, com doações da comunidade santa-mariense. Em 08 de dezembro de 1909 houve a sua sagração como Catedral Diocesana.

A arquitetura é eclética. O Altar-mor, talhado em madeira com imagem de Nossa Senhora Conceição, esculpida em madeira, vinda de Paris.

A decoração em painéis foi elaborada pelos artistas italianos Aldo Locatelli e Emílio Sessa. Os vitrais confeccionados pela Casa Genta de Porto Alegre contam a vida de Jesus Cristo e cenas da vida de Nossa Senhora e dos Santos.

De 1998 a 2005, a Catedral esteve em processo de restauração interna e externa, contando com apoio da comunidade e leis de incentivo à cultura. O processo de restauração visava salvar a estrutura da igreja e preservar as obras de arte.

Em 2002, pela Lei Municipal nº. 4616, a igreja foi considerada patrimônio histórico da cidade de Santa Maria.

Endereço:  
Av. Nossa Senhora Medianeira, 613  
Bairro Nossa Senhora Medianeira

Fonte: Pesquisadora Profª. Eva Coelho, 2002.



## SANTUÁRIO-BASILICA DA MEDIANEIRA

A Nossa Senhora Medianeira é a Padroeira do Rio Grande do Sul. A sua Romaria Estadual iniciou em 14/09/1930, com a ideia de criar um santuário, mas as obras pararam por volta de 30 anos.

Diante de uma multidão de mais de cinco mil fiéis e 18 bispos que vieram homenagear a padroeira gaúcha, foi inaugurado o Templo por Dom Carlos Furno, Núncio Apóstolo do Brasil. No ano de 1987, passou a chamar-se de Santuário da Basílica da Medianeira, por Decreto Especial da Sagrada Congregação do Culto Divino.

A arquitetura do santuário apresenta estilo moderno, com vitrais do interior retratando a vida de Nossa Senhora e a história de devoção à Medianeira e a imagem original da Nossa Senhora Medianeira, em uma pintura feita pela irmã franciscana Angelita Stefani na década de 30.

Endereço:  
Av. Nossa Senhora das Dores, 304  
Bairro Nossa Senhora das Dores

Fonte: Aportamentos sobre a história da arquitetura de Santa Maria / Edir Lúcia Bisognin (et al.); Vani Terezinha Foletto, organizadora. Santa Maria: Palotti, 2008.



## IGREJA NOSSA SENHORA DAS DORES

Endereço:  
Av. Nossa Senhora das Dores, 304  
Bairro Nossa Senhora das Dores

## ANEXO D: Folder sobre o Roteiro turístico santa-mariense - Arte e Religiosidade

**Roteiros Santa Maria - RS**  
**ARTE & RELIGIOSIDADE**

Desfrute arte e religiosidade em Santa Maria em um roteiro de espiritualidade e onde o visitante é convidado a conhecer as igrejas católicas locais em um passeio guiado.

O percurso regular acontecerá a cada dois meses em um dos três templos que compõem o projeto.

Para participar, o visitante utilizará um aplicativo, onde encontrará parte da história das igrejas e interpretações das principais obras nela contidas.

Confira a agenda dos roteiros regulares, ou faça sua visita pelo fone (55) 3217-9415.

**ROTEIRO REGULAR:** das 14h às 17h

**IGREJA NOSSA SENHORA CONCEIÇÃO:**  
PRIMEIRO SÁBADO DE CADA MÊS

**IGREJA NOSSA SENHORA MEDIANEIRA:**  
SEGUNDO SÁBADO DE CADA MÊS

**IGREJA NOSSA SENHORA DAS DORES:**  
TERCEIRO SÁBADO DE CADA MÊS

Secretaria de Município de Turismo  
Fone: 55 3217-9415  
E-Mail: [turismo@santamaria.rs.gov.br](mailto:turismo@santamaria.rs.gov.br)  
Site: [www.santamaria.rs.gov.br/turismo](http://www.santamaria.rs.gov.br/turismo)  
Blog: [turismosantamaria.blog.terra.com.br](http://turismosantamaria.blog.terra.com.br)  
Twitter: [twitter.com/turismostmaria](https://twitter.com/turismostmaria)

**Créditos:**

**PREFEITURA MUNICIPAL DE SANTA MARIA**  
Cezar Augusto Schirmer  
Prefeito Municipal  
Norma Martini Moesch  
Secretaria de Município de Turismo  
Rogério Canabarro de Assis Brasil  
Secretário Adjunto de Município de Turismo

**COORDENAÇÃO DO PROJETO**  
Mônica Oliveira Antunes  
Superintendente de Produção e Mercado  
Laise Chaves  
Gerente de Turismo Urbano  
Tatiana Heck Maciel  
Gerente de Relações com o Mercado  
Roberto Ravani Costa  
Coordenador de Comunicação e Marketing

**CENTRO UNIVERSITÁRIO FRANCISCANO**  
Iara Rüdolo  
Reitora  
Inaci Pedreira  
Pró-Reitora de Administração  
Silvia Rocha  
Diretora da Área de Ciências Sociais  
Norma Martini Moesch  
Coordenadora do Curso de Turismo  
Marta Antonini  
Coordenadora Adjunta do Curso de Turismo  
Edir Lúcia Bivognin  
Coordenadora do Projeto

**APOIO**  
Curso de Jornalismo da UNIFRA  
Prof. Maicon Elias Kapp

**UNIFRA** Turismo Religioso SECRETARIA DE MUNICÍPIO DE TURISMO **SANTA MARIA**

**Roteiros Arte & Religiosidade**  
Igrejas de Santa Maria - RS  
- AUTOGUIADOS -